



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA- UESB
PROGRAMA DE MESTRADO EM LETRAS: CULTURA, EDUCAÇÃO E
LINGUAGENS

VALÉRIA SCHETTINI FREIRE

**INDÍCIOS DE (RE/DES)CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DE FALANTES DE INGLÊS
COMO LÍNGUA PONTE: refugiados da Síria no Brasil acolhidos na ONG
Compassiva**

Vitória da Conquista - BA

2018

VALÉRIA SCHETTINI FREIRE

**INDÍCIOS DE (RE/DES)CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DE FALANTES DE INGLÊS
COMO LÍNGUA PONTE: refugiados da Síria no Brasil acolhidos na ONG
Compassiva**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

Orientador: Prof. Dr. Diógenes Cândido de Lima

Co-orientador: Prof. Dr. Kanavillil Rajagopalan

Vitória da Conquista - BA

2018

Dissertação defendida publicamente no Programa de Pós-Graduação em Letras:
Cultura, Educação e Linguagens e avaliada pela seguinte Comissão Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Fernanda de Castro Modl – (UESB)

Prof^a. Dr^a. Giedra Ferreira da Cruz (UESB)

Prof^a. Dr^a. Walquiria Monte Mór – (USP)

Prof. Dr. Diógenes Cândido de Lima – Orientador (UESB)

Vitória da Conquista - BA

2018

Aos que acreditam, ainda que eu duvide... Pê, May, mãe e Nil.

AGRADECIMENTOS

“Agora, ó nosso Deus, graças te damos, e louvamos o nome da tua glória. Mas quem sou eu, e quem é o meu povo, que pudésemos dar voluntariamente estas coisas? Tudo vem de ti, e somente devolvemos o que veio das tuas mãos.”
I Crônicas 29:13 e 14

Dia 20 de Julho, celebra-se o dia do amigo; é o momento que recebemos mensagens dizendo o valor que tem um amigo, falando como se reconhece e como se constroem amigos, que amigo é a família que Deus nos permitiu escolher, que amigo não se faz, simplesmente se reconhece e, entre tantas outras coisas, que amigo é coisa rara de se ter. Não vou aqui entrar no mérito da discussão de como se faz, ou se apenas reconhecemos amigos, mas gostaria de, nesse espaço, discordar da assertiva de que amigo é coisa rara, pois se isto estiver correto, encontrar raridades é minha especialidade.

Chegar até aqui foi, sem sombra de dúvidas, o maior desafio acadêmico que já enfrentei e o fiz com uma enorme sensação de impotência e incompetência diante dos desafios da pesquisa e da escrita. Desisti tantas vezes, mesmo antes de iniciar a jornada junto ao PPGCel, entretanto, em todas as fases desse caminhar, tive pessoas segurando minhas mãos, me carregando no colo, me apoiando, me dando suporte e muitos empurrões: os não raros amigos.

Se eu fosse referenciar a todos, acredito que eu teria de dedicar-me a outra dissertação – digo isso sem querer compor um mero discurso, pois são tantos detalhes e histórias para contar, que não caberiam nesse texto.

A Robson, grande incentivador e companheiro de viagens, é lindo ver seu dom de desafiar e acreditar que podemos mais; à Amélia, que tanto me ensinou e me (re)orientou a (re)começar a pensar o texto academicamente, por tudo o que me fez; a Marquinhos e Dea, o homem *the flash* e a mulher Maravilha, que como heróis, são sempre o socorro para questões urgentes; A Xande e Jane, conselheiros, pilares que nos sustentam e auxílio para assuntos tecnológicos e acadêmicos, amparo de todas as horas, sem mencionar o café.

Minha gratidão aos meus amigos do mestrado, todos eles queridos companheiros de jornada com os quais vivi momentos ímpares: Andirana, Antônio, Fabrícia, Marcinha, Marccone, Adriana, essa a que aluguei toda a família algumas tardes e noites; à Cleide, promoter e conselheira da turma, sempre pronta a cuidar de todos; à Malu, com quem partilhei aventuras no Rio de Janeiro e lágrimas ao

telefone; a Vilmar, por praticamente montar acampamento na minha vida na fase que eu achei que não dava mais, muitos risos nas madrugadas de escrita; à Paloma, a menina mais crescida que conheço, cuja delicadeza e descrição se potencializa em proatividade e eficiência; à Mirian, talvez a pessoa mais sensível e silenciosa que conheci, cujo silêncio revela-se insurdecedor quando traduzido em cada palavra, que no seu dito, revela o indizível, é apaixonante ver o mundo através do seu olhar.

À dupla Joyce e Dani, pela ajuda no momento de desespero.

Aos meus amigos de trabalho que aguentaram a barra quando tudo era para ontem.

A Compassiva por ter me aberto às portas e me recebido de modo tão compassivo, mesmo em meio ao grande volume de trabalho que é o dia a dia da instituição.

A cada um dos sujeitos de pesquisa que se dispuseram a partilhar suas impressões e experiências de vida possibilitando a consolidação desse trabalho e, certamente cooperando para a (re/des)construção do meu eu que não será jamais o mesmo.

Aos queridos professores do programa: Díogenes, Fernanda, Giedra, Rajan, Lucas, Ester e Rita, cujas interlocuções me instigaram a seguir trilhando o caminho do aprendizado.

Ao professor Sued cuja sensibilidade e comprometimento me inspiram à docência.

À Clarissa, sempre tão competente por cuidar de todos nós e elucidar todas as dúvidas dos trâmites acadêmicos.

À Fapesb (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia), por ter financiado parte da minha pesquisa.

A Péu e Ritinha, por cuidarem de mim com um zelo de quem protege; à Liu, irmã que nasceu em outra barriga, por me puxar sempre para a órbita terrestre, quantas barras enfrentamos ao longo desse meu processo.

Ao meu pai, Carlos Renê Schettini (*in memoriam*), porque muito do que sou, se algo bom há nisso, é porque ele esteve comigo; saudades de tudo.

À minha mãe Marlene, um dos maiores exemplos da minha vida, grande incentivadora, por estar sempre ao meu lado.

À minha irmã, amiga desde o ventre, que me inspira a ser melhor todos os dias.

Às minhas filhas, Pietra e Mayra, cujos abraços são terapêuticos, ter vocês é ter vida.

Ao Amor da minha vida, Nil. Sem teu colo não tenho forças pra enfrentar desafios, não consigo prosseguir tentando um pouco mais. Obrigada por toda alegria, prazer e aconchego que você me dá, amo ter você.

Marx Plank, físico alemão que viveu entre 1858 e 1947 afirmou que “para os crentes, Deus está no princípio de todas as coisas. Para os cientistas, no final de toda reflexão. Finalizo minhas palavras de gratidão àquele que percebo ao longo das reflexões aqui feitas e após a (in)conclusão deste trabalho, a Deus seja a honra a Glória e o louvor!

**Não me chames estrangeiro, porque o teu pão e o teu fogo
me acalmam a fome e o frio e me convida o teu tecto.**

**Não me chames estrangeiro; teu trigo é como o meu trigo.
Tua mão é como a minha, o teu fogo é como o meu fogo, e
a fome nunca avisa: vive a mudar de dono.**

(...)

**Não me chames estrangeiro; olha-me nos olhos
Muito pra lá do ódio, do egoísmo e do medo,
E verás que sou um homem, não posso ser estrangeiro.**

Rafael Amor

RESUMO

Este trabalho vincula-se a estudos sobre o Inglês como Língua Franca (ILF), no contexto brasileiro, na medida que aponta para os indícios de (re/des)construção identitária de falantes de inglês, proposto como língua ponte, no cenário em foco: a situação dos refugiados da Síria no Brasil acolhidos pela ONG Compassiva. Assim, debruçamo-nos a investigar a experiência de refugiados da Síria, buscando compreender como eles negociam significados e (re/des)constroem suas identidades linguístico-culturais, utilizando o Inglês como Língua Ponte (ILP) e instrumento de mediação para o aprendizado da língua portuguesa no processo de chegada e acomodação na cidade de São Paulo/SP. Para nossa investigação, acessamos conceitos como identidade (BAUMAN, 2005; HALL, 1990; CORACINI, 2007; GRIGOLETTO, 2006), o eu e o outro (BAKHTIN, 2010; GERALDI, 2016), ILF (ASSIS-PETERSON e COX, 2007; JENKINS, 2000; SEIDLHOFER, 2001), língua como prática local (CANAGARAJAH, 2008; PENYCOOK, 2010a) e Linguística Aplicada Crítica (RAJAGOPALAN, 2003; MOITA LOPES, 2006), ciência na qual se ampara este estudo. A investigação ancora-se na abordagem qualiquantitativa de natureza etnográfica. Os instrumentos da pesquisa são constituídos por questionários discursivos e entrevistas semiestruturadas, tratados discursivamente. Os resultados das análises dos dados gerados apontam para: *i)* (aprender) a língua falada no novo país constitui, para os refugiados da Síria, um dos maiores desafios em um ambiente de interculturalidade (JANZEN, 1998) e representa uma questão de sobrevivência; *ii)* o trabalho empreendido no programa LAR configura em uma forma de instrumentalização e conscientização dos refugiados, do espaço que ocupam na sociedade brasileira, sua autonomia e inserção no mercado de trabalho; *iii)* a existência de uma legislação moderna, relacionada ao direito do imigrante no Brasil, não viabiliza meios que assegurem direitos elementares aos refugiados *iv)* o ILF assume papel relevante como Inglês como Língua Ponte, o qual acolhe os sírios em um espaço fronteiro e polifônico (AZIBEIRO, 2003), abrindo caminho para o aprendizado da língua portuguesa.

Palavras- Chave: LAR, (re/des)construção Identitária, Inglês como Língua Ponte, Refugiados da Síria.

ABSTRACT

This work is bound to the studies on English as a Lingua Franca (ELF), in the Brazilian context, as it points towards the evidence of identity (re/de)construction of the speakers of English proposed as a bridge language in the focused scenario: the Syrian refugee situation in Brazil, sheltered by the NGO Compassiva. Thus, we propose to investigate the Syrian refugee experience, seeking to comprehend how they negotiate meaning and (re/de)construct their linguistic and cultural identities, using English as a Bridge Language (EBL) and as an instrument of mediation for the learning of the Portuguese language during the arrival and accommodation in the city of São Paulo/SP. For our investigation, we access concepts like identity (BAUMAN, 2005; HALL, 1990; Coracini, 2007; GRIGOLETTO, 2006), *self* and *other* (BAKHTIN, 2010; GERALDI, 2016), ELF (ASSIS-PETERSON and COX, 2007; JENKINS, 2000; SEIDLHOFER, 2001), language as a local practice (CANAGARAJAH, 2008; PENNYCOOK, 2010a) Critical Applied Linguistics (RAJAGOPALAN, 2003; MOITA LOPES, 2006), science on which this study is sustained. The investigation is anchored in the qualitative-quantitative approach of ethnographic nature. The instruments of the research are discursive questionnaires and semi-structured interviews, discursively treated. The results of the data analyses point towards: I) (learning) the language spoken in the new country poses one of the greatest challenges to the Syrian refugees, in an intercultural environment (JANZEN 1998) and represents a question of survival; II) the work undertaken in the LAR program figures as a form of instrumentalization and awareness-raising of the refugees, the space they occupy in the Brazilian society, their autonomy and insertion in the job market; III) the existence of a modern legislation related to the rights of the immigrants in Brazil, which precludes means to ensure elementary rights to the refugees; IV) ELF assumes a relevant role as English as a Bridge Language (EBL), which shelters the Syrian in a bordering, polyphonic space (AZIBEIRO, 2003), making way to the learning of Portuguese language.

KEYWORDS: LAR, Identity (re/des)construction, English as a Bridge Language, Syrian Refugees.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Identificação dos SC

Quadro 2 - Identificação dos SR

Quadro 3 - Objetivo das perguntas do QD1 aplicado aos SC

Quadro 4 - Objetivo das perguntas do QD2 aplicado aos SR

Quadro 5 - Da transcrição de dados

Quadro 6- Recortes de dizeres do QD1

Quadro 7 - Perfil dos SC

Quadro 8 - Idioma falado pelo SC e idioma usado na integração com o SR

Quadro 9 - Idiomas que auxiliam no ensino do português

Quadro 10 - Dificuldades em relação a Assistência Jurídica

Quadro 11- Dificuldades com relação ao Curso de Português

Quadro 12- Dificuldades com relação ao Amparo

Quadro 13- Dificuldades em relação a frente de Trabalho

Quadro14- Transcrição de respostas do SC ao QD1-questão 8

Quadro15- Perfil profissional dos imigrantes

Quadro 16- Recortes de dizeres dos sujeitos SC1, SC4, SC11, SR6, SR3, SR4

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Idiomas falados pelo SC além do português

Gráfico 2 - Idiomas usados na interação do SC com o SR

Gráfico 3 - Escolaridade

Gráfico 4 - Faixa Etária

Gráfico 5 - Categorização de respostas à questão 1 do questionário

Gráfico 6 - Idiomas falados pelos refugiados

Gráfico 7 - Língua utilizada pelo SR para se comunicar no Brasil além do português

Gráfico 8 - Falar inglês me ajuda a me comunicar com brasileiros

Gráfico 9 - Contextos de interação em Inglês

Gráfico 10 - Percentual de professores que fala inglês

Gráfico 11- O processo de acomodação no Brasil

Gráfico 12- Assistência jurídica sob a ótica do SR

Gráfico 13 - Curso de português sob a ótica do SR

Gráfico 14- Amparo sob a ótica do SR

Gráfico 15- Trabalho sob a ótica do SR

LISTA DE DIAGRAMAS

Diagrama 1 – A situação dos refugiados: uma cadeia transponível

Diagrama 2- Questões convergentes a políticas linguísticas

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Expansão do inglês em uma perspectiva caleidoscópica

Figura 2 - Criança síria encontrada sem vida em uma praia

Figura 3 - Formatura: entrega de diplomas

Figura 4 - Revalidação de Diplomas

Figura 5 - Programa de Amparo

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Acnur	Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
Conare	Comitê Nacional para Refugiados
ILF	Inglês como Língua Franca
ILP	Inglês como Língua Ponte
LAC	Linguística Aplicada Crítica
LFG	Língua Franca Global
LI	Língua Inglesa
LP	Língua Portuguesa
PF	Polícia Federal
PFOL	Português para Falantes de Outras Línguas
PPGCEL	Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens
SC	Sujeito Compassiva
Senac	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
Sesc	Serviço Social do Comércio
Siple	Sociedade Internacional para o Português Língua Estrangeira
SOHR	Syrian Observatory for Human Rights
SR	Sujeito Refugiado
UE	União Européia
UNHCR	United Nations High Commissioner for Refugees
ONU	Organização da Nações Unidas
ONUBR	Organização das Nações Unidas no Brasil
QD1	Questionário Discursivo 1
QD2	Questionário Discursivo 2
OSDH	Observatório Sírio para os Direitos Humanos
Uesb	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	16
Meu caminhar ao encontro dos que aqui vieram.....	16
Da Síria a um outro lar: uma trajetória imprevisível.....	19
Procurando responder aos desafios da pesquisa: relevância, metas e o percurso teórico delineado	21
1. NOSSO ENCONTRO COM A LINGUÍSTICA APLICADA CRÍTICA.....	25
1.1 Inglês como Língua Franca: porque se comunicar é preciso	27
1.2 Uma Língua Global	28
1.3 De uma Língua Global a uma Prática Local	32
1.4 Inglês como Língua Ponte (ILP).....	33
1.5 Um povo espalhado por terras outras: Políticas (Linguísticas?)	38
2. IDENTIDADE E(M) MOVIMENTO	47
2.1 Um processo, não um produto	47
2.2 A inegável performatividade do existir.....	51
3. O MUNDO QUE VOCÊ VÊ DEPENDE DAS LENTES QUE VOCÊ USA: Procedimentos Metodológicos	57
3.1 Para responder onde e quem: locus e sujeitos da pesquisa	60
3.1.1 Locus da Pesquisa	62
3.1.2 Sujeitos da Pesquisa.....	67
3.2 Aprendendo o caminho das pedras: os instrumentos da pesquisa.....	69
3.2.1 Questionários discursivos	69
3.2.2 Entrevistas	82
3.2.3 Transcrição	85
4. ANÁLISE DO <i>CORPUS</i> DA PESQUISA: um encontro da teoria com a experiência em foco	87
4.1 Porque o não dizer é também o dizer: categorias de análise	87
4.2 Um curso estruturado considerando a demanda dos alunos.....	87
4.3 As múltiplas faces da Identidade em um processo de interação entre eu e o outro	90
4.4 Identidades que se revelam em movência	93
4.4.1 Uma cidade de Jasmim e Paz: análise da narrativa de Almir	94

4.4.2 Brasil como única alternativa: análise da narrativa de Abed.....	99
4.4.3 Índícios de (re/des) construção identitária e alteridade nos dizeres do SR....	101
4.5 Gestos analíticos a partir do questionário discursivo aplicado aos funcionários da Compassiva	103
4.5.1 Perfil do SC.....	103
4.5.2 O uso do ILP a partir do ILF pelo SC.....	105
4.5.3 Dificuldades enfrentadas pelo LAR	110
4.5.4 Identidade, alteridade e Políticas linguísticas indicados pelo SC	114
4.6 Gestos analíticos a partir do questionário discursivo aplicado aos Sujeitos Refugiados	118
4.6.1 Perfil dos imigrantes- SR.....	118
4.6.2 O uso do ILF pelos SR	120
4.6.3 O ILF usado como ILP	124
4.6.4 Impressões do SR sobre a as frentes de trabalho do LAR	127
4.7 TRIANGULAÇÃO.....	130
CONSIDERAÇÕES FINAIS	134
REFERÊNCIAS	138
APÊNDICE 1- Questionário aplicado aos voluntários e funcionários da Compassiva/ Lar	145
APÊNDICE 2- Questionário aplicado aos sírios	148
APÊNDICE 3- Questionnaire administered to Syrias.....	152
ANEXO 1- Respostas de Fernanda Mendes Bernardes ao Questionário aplicado aos voluntários e funcionários da Compassiva/ Lar	156
ANEXO 2- Respostas de Raquel H. C. Bastos ao Questionário aplicado aos voluntários e funcionários da Compassiva/ Lar-	159
ANEXO 3- Respostas de Altair ao questionário discursivo	162
ANEXO 4- Respostas de Youssef ao questionário discursivo	167
ANEXO 5 - Narrativas dos refugiados da Síria.....	172
ANEXO 7- Parecer do CEP.....	178
ANEXO 8- Termo de consentimento de uso do nome: Raquel.....	181
ANEXO 9- Termo de consentimento de uso do nome: Fernanda.....	182
ANEXO 10- Termo de consentimento de uso do nome: André	183

ANEXO 11- Termo de autorização do uso do nome da instituição	184
--	-----

INTRODUÇÃO

Meu caminhar ao encontro dos que aqui vieram

Uma contínua inquietação impulsionou-me para o desejo de aprender inglês, e, como esse anseio contribuiu para que eu adentrasse no universo da pesquisa, dedico esta seção para narrar, sumariamente, a consolidação do meu vínculo com o referido idioma.

Aos meus doze anos de idade, os poucos cursinhos que existiam na cidade cobravam mensalidades dissonantes do valor que meus pais podiam pagar. Ainda assim, segui a vida com um anseio latente pelo aprendizado do idioma e, mais tarde, somou-se a curiosidade de experimentar a vida *overseas*.

Aos vinte e três anos, já efetivada como funcionária do Estado e também na condição de estudante universitária, continuava a nutrir o mesmo sonho; contudo, a vida de tripla jornada - policial militar, estudante e esposa – impedia que houvesse um tempo remanescente a ser destinado ao aprendizado da língua. No ano de 2005, já concluída a licenciatura em História, matriculei-me finalmente no tão sonhado curso de inglês. Após dois semestres de aula, eu celebrava a competência de pronunciar “*the book is on the table*”, o suficiente para eu me imbuir de coragem e convicção e, ao obter anuência do meu esposo e da minha família, solicitar desligamento da carreira de servidora pública do Estado e mudar-me para Londres.

Viver em um país outro, onde eu não tinha referenciais, instaurou em mim a sensação de um antígeno¹, como diz Caetano Veloso: “ (...) a mente apavora o que ainda não é mesmo velho (...)”², e eu me percebi como uma estranha no ninho, um corpo em queda livre, tamanha era a insegurança. Mas esse sentimento mesclava-se a uma alegria fomentada pela perspectiva de que a vida se constrói cotidianamente, o que me permitia vislumbrar a chegada de um tempo em que seriam esvanecidos todos aqueles sentimentos: seria o limiar do pertencimento.

Nesse percurso, ingressei-me na escola, enfrentando, ao longo do processo de aprendizado, constrangimentos, situações dramáticas e hilárias, frustrações e

¹ Termo oriundo da biologia que define toda substância estranha ao organismo que desencadeia a produção de anticorpos como forma de reação a ele, por se tratar de algo que não pertence naturalmente ao meio, aqui adotado para expressar o sentimento do ser estrangeiro em um país desconhecido, num ambiente que não é naturalmente o seu.

² Trecho da letra da música Sampa, cantada por Caetano Veloso.

morosas conquistas na minha inserção na fluência da língua e na cultura do outro. Foram quase dois anos morando na Europa, período no qual me encantei ainda mais por questões linguísticas, sendo fascinada também por fatores interculturais³.

Em setembro de 2008, retornei ao Brasil, sem a intenção de permanecer em meu país de origem. Todavia, por uma série de questões pessoais, fui ficando por aqui. Atravessada pelo desejo de compreender melhor questões vivenciadas empiricamente, cursei uma especialização em Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa e da Língua Estrangeira - o mais perto que consegui chegar das reflexões que me inquietavam.

No final do primeiro semestre de 2010, tive a oportunidade de trabalhar, durante quinze dias, em um projeto realizado em Vitória da Conquista, em meio a comunidades carentes. Assim, atuei como intérprete/tradutora em um grupo de norte-americanos que opera na *Pioneer Missions*, ainda que eu não dispunha de qualquer experiência como tal, nem mesmo sabia se possuía conhecimento do idioma o bastante para aventurar-me naquele empreendimento. Ao fim daquele período, restaram-me a sensação de trabalho realizado a contento, a consciência da necessidade de aprimorar meu conhecimento do inglês nas quatro habilidades comunicativas (*speaking, listening, reading, and writing*⁴) e a convicção de que a língua, na interação social é, para mim, um prazer. Por isso, perspectivei que, dali em diante, eu focaria na construção do conhecimento na área.

Quando nasceram as minhas filhas, permiti-me viver exclusivamente o prazer e as labutas do ser mãe, e todas aquelas atribuições que vêm adicionadas ao labor de esposa e dona de casa. Decorridos uns quatro anos, retornei à sala de aula como estudante, em um cursinho de conversação de inglês cujo método eu havia conhecido em Londres, e ali fui desafiada por meu professor e amigo, Marcelo Austin, um canadense-brasileiro, a dar um passo em direção à docência do inglês. Tendo sido convidada para ministrar aulas em duas escolas de idiomas, optei por trabalhar em uma delas; então surgiu mais um convite: o de ministrar aula de português para um casal de Coreanos, que demandavam especificamente o

³ Interculturalidade compreendida aqui como o conhecimento e reconhecimento do outro, das diferenças, que possibilita maior aprofundamento do conhecer-se a si mesmo (JANZEN, 1998). Questão abordada na subseção 1.4

⁴ Palavras que expressam as quatro competências testadas em exames de proficiência da língua inglesa: falar, ouvir, ler e escrever.

acompanhamento de um professor de português que falasse inglês, idioma que eles já possuíam um certo conhecimento.

Àquela altura eu já havia iniciado a procura, em universidades e faculdades (presenciais e *online*) de um curso de graduação de tradutor/intérprete. Como não encontrei algum que fosse possível cursar sem que eu tivesse que me mudar de Estado, iniciei um curso de Letras Vernáculas à distância, pois era a alternativa concebível naquele momento (nenhum curso de Letras Modernas com Inglês à distância mostrava-se viável, e o único que encontrei demandaria viagens semanais para Salvador).

Antes mesmo de concluir o curso de Letras Vernáculas, meu coração bateu forte para enfrentar outro desafio: o processo de seleção do Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura Educação e Linguagens (PPGCEL), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), onde eu já havia me licenciado em História. Naquele momento, então, algumas questões me instigavam ao universo da pesquisa, e uma delas me trazia maior brilho aos olhos: a situação dos refugiados da Síria no Brasil. Isso porque a temática relacionava-se, de certo modo, com a heterogeneidade da minha trajetória de vida: mudança para o exterior sem falar o idioma local, trabalho como interprete inglês/português e vice-versa, encontro com o Português como Língua Estrangeira (PLE), oportunidade a mim viabilizada por falar inglês e, por fim, a relação entre culturas. Desse modo, eu vislumbrava, nos refugiados da Síria, um outro povo e uma outra língua em uma circunstância de fragilidade que demanda mais que uma postura solidária.

As questões ora relatadas, ainda que se vinculem a uma trajetória pessoal sem grandes feitos, me arrebataram o ser, pois percebo, no semblante desnudado destes imigrantes, uma busca desesperada pelo direito de simplesmente seguir a vida, vivendo-a nos aspectos mais simples do dia a dia, experiências das quais foram privados em sua nação. Tudo parecia coadunar em um mesmo ponto que linkava⁵ minhas paixões pela linguagem, cultura e identidade⁶, partindo e convergindo para algo que eu sabia ir além da empatia, do me colocar no lugar do outro, tratava-se do me construir a partir do outro: da alteridade. Estava assim

⁵ Neologismo a partir do radical *link* do inglês que significa ligar, flexionado em pretérito perfeito do modo indicativo.

⁶ Conforme tratamos no capítulo 3

marcado, a partir da minha arquitetura existencial, o encontro com meu objeto de pesquisa.

Da Síria a um outro lar: uma trajetória imprevisível

“We make the road by walking”

Miles Horton

Forçados a lançarem-se por países, para muitos deles, nunca antes visitados, devido a circunstâncias outrora não escolhidas e até inimagináveis, os refugiados da Síria encontram-se trilhando um caminho cuja estrada é desbravada e construída pelo próprio caminhar.

A condição de imigração por razões ligadas a questões políticas, sociais e econômicas, que impulsionam cada vez mais pessoas de diferentes países em busca de refúgio, proteção e uma condição de vida melhor, é uma das mais antigas da história da humanidade. Nos últimos dez anos, milhares de pessoas têm deixado seus lugares de origem em busca de proteção social, trabalho, abrigo, em função de perseguições étnicas, religiosas e políticas.

Pessoas de 82 nacionalidades distintas já tiveram sua condição de refúgio reconhecida no Brasil. A situação dos refugiados, oriundos principalmente do continente africano e do oriente médio, tem-se destacado na mídia mundial, em razão das dificuldades sofridas por famílias inteiras na tentativa desesperada de fugir da opressão política e guerras civis em seus países. Segundo dados da Comissão Nacional para Refugiados (Conare), do Ministério da Justiça, desde 2010, o Brasil já acolheu, até o ano de 2017, aproximadamente de 9.560 mil refugiados (BRASIL, 2017).

Em 2011, a Síria começou a enfrentar conflitos que têm ecoado no tempo e no espaço geográfico, reverberando, certamente, em toda a história da humanidade. Em um contexto mais recente, os conflitos começaram quando grupos opositores tentaram tirar Bashar al-Assad do poder. Pequenos protestos irromperam no país entre os meses de janeiro e março de 2011, quando as manifestações ganharam força com o grupo Syrian Revolution 2011 *against* Bashar al-Assad, que exigia a extinção da lei de emergência e a libertação de presos políticos (GELVIN, 2012). Renúncia ou conciliação não fazem parte da postura

política de Bashar al-Assad, que avançou sobre seus opositores com forte repressão. Segundo dados de novembro de 2017, do Observatório Sírio para os Direitos Humanos (OSDH⁷) (2017), o conflito armado na Síria já provocou mais de 340 mil mortes desde o seu início, em 2011, sendo, destas, mais de 100 mil civis.

Registros das United Nations High Commissioner for Refugees (Unhcr)⁸ (2017) apontam que, no primeiro semestre de 2016, mais de três milhões de pessoas foram forçadas a sair de seus locais de residência em razão dos conflitos ou de perseguições, das quais 1,5 milhão são refugiadas ou solicitantes de refúgio. O número de refugiados sob mandato do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados aumentou para 16,5 milhões, dos quais 5,3 milhões são refugiados da Síria.

Amado (2013) descreve que, embora o Brasil venha recebendo um número crescente de pedidos de refúgios nas últimas décadas, apenas recentemente o governo brasileiro passou a se atentar para a urgência de atendimento ao imigrante refugiado, de forma a inseri-lo na sociedade envolvente. A estudiosa destaca ainda que a chegada de um número expressivo de imigrantes em nosso país já repercute no cotidiano de muitas cidades brasileiras.

A contextualização desse cenário faz-se relevante para asseverar a percepção de que nunca houve em nossa história política e cultural um momento em que o inglês como língua franca (ILF)⁹ fosse tão necessário para intermediar as comunicações e estreitar os laços entre brasileiros e pessoas de diversas nacionalidades, como ocorre na fase que vivemos atualmente. Rajagopalan (2003) previu, acertadamente, que em um futuro bem próximo estaríamos todos, brasileiros e estrangeiros, precisando muito de uma língua franca para podermos nos relacionar.

Atualmente, o trabalho realizado por órgãos do governo e instituições sem fins lucrativos, como Organizações Não Governamentais (ONG) e entidades religiosas, para receber e introduzir os imigrantes em nossa cultura e vida social desponta como algo de extrema importância em relação ao amparo dispensado ao

⁷ O OSDH, tradução para Syrian Observatory for Human Rights (SOHR) foi fundado em maio de 2006, é uma organização sem ligações políticas que busca cooperar com as organizações dos direitos humanos na Síria e no mundo Árabe, cujos dados registrados são usados como base para noticiar ao mundo o que tem acontecido na região de conflito.

⁸ Sigla inglesa do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur).

⁹ Aprofundaremos a discussão teórica acerca do ILF no primeiro capítulo.

ser humano. Nesse viés, a língua configura o primeiro meio de contato entre esses indivíduos, que, em sua maioria, chegam ao Brasil utilizando o ILF para se comunicar.

Inserida nesse contexto, a Compassiva, ONG paulista que se figura como *locus* da nossa pesquisa, atua com algumas frentes de trabalho um dos programas oferecidos pela Compassiva a imigrantes é o Levando Ajuda ao Refugiado (LAR), que tem como papel social primeiro atender às necessidades mais básicas e urgentes de refugiados, em sua maioria sírios, que chegam à entidade em busca de auxílio.

O LAR oferece um curso de língua portuguesa, contando com a ajuda e a dedicação de voluntários brasileiros, uma vez que, diante de tantas demandas, a língua é prospectada como a primeira barreira com a qual os refugiados da Síria se deparam quando chegam ao Brasil, sendo aquela que mais requer tempo para ser superada e cuja superação delinea o estabelecimento de um novo lar.

Isso posto, delineamos a seguir nossos objetivos e quais as reflexões que, em certa medida, justificam e consubstanciam a nossa aposta na temática da língua inglesa como língua ponte e instrumento de mediação das relações entre brasileiros e imigrantes como um convite ao aprendizado da língua portuguesa por pessoas em situação de refúgio.

Procurando responder aos desafios da pesquisa: relevância, metas e o percurso teórico delineado

Um levantamento realizado por Bordini e Gimenez (2014) sobre os estudos acerca da língua inglesa no Brasil, entre os períodos de 2005 a 2012, é bastante elucidativo em relação à situação das discussões que permeiam esses estudos em países dos continentes europeu e norte-americano, em comparação aos que são realizados no contexto brasileiro. As autoras pontuam que são muito tímidas as pesquisas e discussões nos países da América Latina e no Brasil. Apenas recentemente é que se iniciou um processo de investigação e reflexão em nível de pesquisa acadêmica. Ainda assim, elas comentam da carência de reflexões, sob uma perspectiva de autores brasileiros, a respeito da língua franca que reflatam o

olhar de usuários e aprendizes em contexto do “Círculo em Expansão”¹⁰ (BORDINI e GIMENEZ, 2014, p. 13), e acrescentam, para aqueles que já compreenderam, que esta é uma discussão para além das fronteiras meramente linguísticas.

Nessa perspectiva, acreditamos que não pode se eximir de reconhecer o papel social do estudo do uso do Inglês inserido na realidade linguístico-cultural que vivenciamos com a chegada dos refugiados e o processo de (re/des)construção de identidades pelo qual cada um deles passa ao aprender nosso idioma, sem deixar para trás seus traços identitários, sem deixar de ser eles mesmos, mas seguindo num construto fluído do eu.

Mediante tal enfoque, adotamos, como objetivo geral da nossa pesquisa:

- Investigar a experiência de refugiados da Síria acolhidos em São Paulo pela Associação Compassiva, buscando compreender como eles negociam significados e (re/des)constroem suas identidades linguístico-culturais, utilizando o Inglês como Língua Ponte (ILP) e instrumento de mediação para o aprendizado da língua portuguesa.

Em relação aos objetivos específicos, pretendemos:

- Identificar, com base nas experiências relatadas, se e de que modo os refugiados da Síria e voluntários do LAR utilizam o ILF para intermediar o ensino/aprendizagem do português seja em sala ou não.
- Avaliar como o uso do ILP pelos voluntários da Compassiva, pode contribuir como instrumento mediador no processo de (re/des) construção das identidades linguístico-culturais de refugiados da Síria, na comunidade brasileira através do ILF;
- Compreender aspectos lacunares, pautados em políticas linguísticas, que dificultam o acesso às ferramentas que viabilizam a aprendizagem da língua portuguesa, pelos refugiados da Síria no Brasil, acolhidos pela ONG Compassiva.

Isso posto, acessamos pressupostos teóricos da Linguística Aplicada Crítica (LAC) como base epistemológica da nossa investigação. A metodologia que

¹⁰ Apesar de reconhecermos a relevância do estudo dos círculos concêntricos de Kacuru (1985), perseguimos uma leitura mais abrangente da expansão do inglês no momento atual, a qual é explicitada no primeiro capítulo. Tal posicionamento entretanto, não invalida a relevância dos estudos da língua inglesa apontados por Bordini & Gimenez (2014), cujo apelo à pesquisa encontra no presente trabalho uma inscrição de resposta.

parametrizou essa investigação foi interpretativista, a partir de dados qualitativos e quantitativos. O *design* metodológico acessado para o desenvolvimento desse estudo tem por base uma abordagem do tipo etnográfica, por ser, dentro da LAC, um processo guiado pelo senso questionador do pesquisador.

A geração e coleta de dados efetivou-se a partir de um processo exploratório e de utilização de dois questionários discursivos, sendo um aplicado aos refugiados da Síria e outro aos funcionários e voluntários que trabalham na Compassiva no programa LAR; apostamos, também, em três entrevistas: uma com um dos fundadores da Compassiva, uma com a coordenadora do LAR e uma com um imigrante em condição de refúgio, observando as narrativas empreendidas no processo de textualização de algumas respostas às perguntas pré-estruturadas, sendo, posteriormente, realizada a transcrição dos dados e, por fim, o procedimento de triangulação, a fim de prospectarmos o nosso olhar para uma mesma questão de pesquisa a partir de instrumentos distintos de coleta e geração de dados.

Tencionando demonstrar como se efetivou a operacionalização dos objetivos da pesquisa, organizamos essa dissertação em 4 capítulos, os quais se articulam à introdução e às considerações finais e somam-se também às referências, aos apêndices e aos anexos.

No capítulo 1, empreendemos uma abordagem direcionada à Linguística Aplicada Crítica, ancorando-nos nos estudos de Rajagopalan (2003, 2011), Blommaert e Rampton (2011) e Pennycook (2010a, 2010b) e suas contribuições teóricas para embasamento da nossa proposta, que se vincula à Linguística Aplicada Crítica para se (re)pensar questões vinculadas ao uso da linguagem na sociedade. Para isso, buscaremos explorar os sentidos do uso do ILF, para intermediar, isto é, fazer a ponte entre língua árabe e a língua portuguesa em território brasileiro, enfocando a problemática dos refugiados Sírios neste diálogo entre o global e o local, referido por Moita Lopes (2008) e abordado em Bordini e Gimenez (2014) como uma “negociação entre a vida local e os desígnios globais por meio da LI [língua inglesa].”

No capítulo 2, agenciamos discussões teóricas de autores que se debruçam na reflexão a respeito de conceitos caros a nossa pesquisa como o de Identidade, observado o modo como os falantes negociam significados e (re/des)constroem suas identidades linguístico-culturais quando o velho eu convive com o novo eu fundindo-se num eu que não deixa de ter suas raízes, e novas histórias para contar

ao longo do processo de aprendizado da língua portuguesa e adaptação à cultura e a sociedade brasileiras, além de refletirmos acerca da responsabilidade do eu em relação ao outro a partir do não álibi do existir.

No capítulo 3, explicitamos o caminho metodológico que escolhemos para nortear a pesquisa. Assim, salientamos que os dados gerados e coletados foram tratados discursivamente, com respaldo em princípios da pesquisa qualitativa. Ainda nessa seção, mencionamos pormenorizadamente os instrumentos de pesquisa empreendidos e descrevemos as circunstâncias específicas à geração e coleta dos dados

De modo subsequente, apresentamos as considerações finais, quando explicitamos os desdobramentos do nosso trabalho e apresentamos também as conclusões acerca dos resultados obtidos.

1. NOSSO ENCONTRO COM A LINGUÍSTICA APLICADA CRÍTICA

“(...) aquele que sente um grande desconforto na boca do estômago com algo que não vai bem na sociedade e que não passa por ele muito facilmente, isto é, se algum fenômeno está “caindo mal”, (...) este é o objeto de estudo”

(MATTOS, 2011, p.31).

Iniciando a conversa...

Certa vez, quando estudante de licenciatura em História, ao abrir um livro à procura de um conteúdo específico, deparei-me com uma citação, que, embora eu não me lembre o nome do autor e tampouco a tenha transcrito em algum caderno, me impactou. E quando volto os olhos para aquele instante relâmpago da minha vida, o contemplo como cenas de um filme em que, repentinamente, o personagem, que antes se encontrava envolto por pessoas, aparece isolado. Em meu caso, percebia-me com um livro na mão, circulando entre as estantes da biblioteca da UESB. Segundo aquela citação, tudo o que buscamos conhecer, o fazemos para provar nossas próprias teorias, não estamos dispostos a ser contrariados nas nossas convicções. Pode parecer piegas, mas aquilo figurou um nó em minha cabeça, instigando-me, a partir de então, a questionar meus posicionamentos e o meu desejo pelo conhecimento: a respeito de que busca se tratam os meus atos, para provar o que, a quem?

Segui então o meu caminho por este processo de (re) construção enquanto sujeito, quando o conhecer me faz desconhecer o conhecido, ou se soma àquilo que eu achava que sabia, redirecionando, desconstruindo, relacionando, redescobrimo... e nessa minha jornada, encontro a ciência - que parece ter nascido daquela frase que descortinou meu modo de pensar acerca do que meus olhos alcançam: a Linguística Aplicada Crítica (LAC), com seu jeito de ser questionador, crítico com relação, inclusive, as suas próprias epistemes.¹¹

Ao nos debruçarmos nos estudos vinculados à LAC, entendemos que esta constitui uma ciência transdisciplinar e - para referenciarmos o termo usado por

¹¹ O uso da primeira pessoa do singular visa aqui contextualizar experiências pessoais como marcas do eu que se constrói enquanto pesquisador.

Pennycook (2010a, 2010b) – transgressiva; Desse modo, visualizamos na LAC, principalmente pelo seu caráter transformador e seu desejo responsivo, um quê de majestade entre as ciências. Brincamos com a ideia de monarquia, mas de fato não acreditamos na necessidade de se erigirem tronos no mundo do conhecimento. Conhecer gera, sobretudo, responsabilidade.

... e seguindo com a LAC

A escolha da LAC como base teórica deste trabalho sustenta-se pelo seu caráter crítico e problematizador, capaz de abarcar as diversas áreas do conhecimento em prol da construção de novas epistemes a partir da observação das singularidades plurais a fim de buscar respostas e viabilizar soluções às questões sociais. Moita Lopes (2006, p. 37) defende a perspectiva de uma linguística aplicada que seja responsiva à vida social e de uma abordagem contemporânea, que “precisa dizer algo sobre o mundo [...] com base nas discussões que estão atravessando outros campos das ciências sociais e da humanidade [...]”.

A LAC instaura-se como uma prática problematizadora que submete suas construções a reexame contínuo. Pennycook (2010), Moita Lopes (2013) e Cavalcanti (2013), dentre outros, acreditam na LAC enquanto ciência que se encontra em constante deslocamento, sem necessariamente desprezar conhecimentos consagrados, mas que se arrisca em apostar em descaminhos e desaprendizagem de qualquer posição axiomática como refinamento no processo do conhecer.

Tal teorização incorpora o paradigma do presente estudo que entende a língua inglesa a partir de uma perspectiva crítica como estaremos abordando, ao invés de assumi-la como homogênea e estável. Delineamos, neste capítulo, uma trajetória que contempla, inicialmente a concepção do ILF e o caráter global da LI, para então demonstrarmos que, como falantes dessa língua, somos responsáveis pelas formas e conotações que ela assume; isso porque o global é interpenetrado pelo local, onde a língua acontece.

Sendo assim, as subseções, a seguir, guiarão o leitor à compreensão acerca do nosso postulado de que o uso que os falantes fazem do ILF confere-lhe o *status*

de ILP e que, ainda que o eu esforce-se para ligar-se ao outro no atendimento às suas necessidades mais elementares através da LP, faz-se urgente e indispensável a adoção de políticas linguísticas que contemplem amplamente as demandas do imigrante, em condição de refúgio.

1.1 Inglês como Língua Franca: porque se comunicar é preciso

Entre tantas denominações que são dadas ao inglês na era pós colonial, nós, propositadamente destacamos a perspectiva do Inglês como Língua Franca, pela ênfase que compreendemos ser dada a possibilidade (re)significações do inglês em comunidades locais, a partir de falantes que não compõem os países do *inner circle*¹² ou, de outra maneira, não tem o inglês como primeira língua, ou língua nativa¹³.

O ILF, proposto por Jenkins (2000; 2007), é apresentado por Seidlhofer (2001; 2011) como um sistema linguístico adicional que media a comunicação entre falantes de línguas maternas diversas ao inglês, pessoas de diferentes comunidades que encontram no inglês uma saída para a barreira linguística. Ainda, de acordo com House (1999), as interações de inglês como língua franca são definidas como interações entre membros de duas ou mais diferentes línguas-culturas em inglês, sendo que nenhum deles tenha o inglês como língua mãe.

A concepção acima exposta não contempla a multiplicidade de circunstâncias envolvendo a comunicação em língua inglesa, como por exemplo, entre um nativo e um não nativo o que acaba por ser ponto de discussão acerca do ILF, como se fosse algo fechado e que, portanto, não abarca a complexidade do uso da língua por falantes não nativos. Todavia, um ponto em comum dos pesquisadores do ILF para Jenkins (2006), é que eles não acreditam que nenhum tipo de variedade monolítica do inglês jamais tenha existido, antes acordam que qualquer participante da comunidade de comunicação da língua precisa estar familiarizado e ter em seu repertório certas formas, sempre que necessárias e, que elas sejam amplamente difundidas e compreendidas entre os diferentes grupos de falantes de inglês.

¹² O conceito do termo e implicações são discutidos na subseção 1.32.

¹³ Existem discussões acerca do nativo/não nativo que questionam concepções restritas a ideia de territorialidade. Para este trabalho, assumimos nativo associado ao domínio linguístico de língua materna ou primeira língua sem entrarmos no mérito das abordagens acerca do tema.

É preciso compreender que o inglês como língua franca emergiu da necessidade de se considerar cuidadosamente os vários contextos onde o inglês é, sobretudo, usado como língua global. É importante destacar que outras línguas já exerceram esse papel em outros momentos da história, ainda que não na mesma dimensão, à exemplo do latim e do francês, como explicita Assis-Peterson e Cox (2007)

Antes de falar inglês, o mundo falou latim e francês. Contudo, diferente do que ocorrera com o latim e francês, línguas usadas sobretudo, para enunciação da alta cultura e, portanto, restrito ao domínio de uma elite intelectual e dirigente, nos tempos da globalização, o inglês se dissemina por todas as esferas de atividades sociais. Em nenhum outro tempo da história da humanidade, os homens precisavam tanto de uma língua comum como agora ao serem reunidos pelo/no ciberespaço (ASSIS-PETERSON e COX, 2007, p.5).

Para Rajagopalan (2009) que adota a concepção de *World English*, o fenômeno do uso da língua inglesa em contexto mundial é algo que não se pode precisar pela dinâmica das diferentes formas que tem tomado em contexto atual, que é fluído, volátil e que está sendo destinado a continuar nos anos que estão por vir. Enquanto que para Bordini e Gimenez, a língua inglesa e a globalização são interdependentes na medida que um favorece a manutenção do outro: a globalização favorece a manutenção do ILF e o ILF possibilita a globalização. Vejamos:

A discussão do ILF, portanto, se pauta por diversas perspectivas. A expansão da língua inglesa no mundo é parte da contextualização de seu uso, que não pode ser compreendida senão no quadro da globalização enquanto fenômeno econômico, político e cultural (BORDINI e GIMENEZ, 2014, p. 13).

A partir dessa problematização seguimos discutindo o inglês em uma concepção global, para então apresentarmos nossa proposta de ILP na subseção 1.4 do presente capítulo.

1.2 Uma Língua Global

Apesar de assumirmos o postulado de uma língua em contexto local, como se explicita no delineamento dessa pesquisa, não podemos ignorar a concepção de

língua global dada ao inglês, uma língua que não tem pátria, que não está atrelada a um povo específico, nem a uma nação, nem a uma determinada cultura e que se espalha pelo mundo inteiro como fenômeno linguístico ainda em formação, na concepção de Rajagopalan (2011, p. 65), pode ser percebida como “uma ‘novilíngua’ na melhor acepção da palavra”. O *status* e a velocidade de expansão da língua inglesa são um fenômeno linguístico global (RAJAGOPALAN, 2011; BORDINI & GIMENEZ, 2014; GRIGOLETTO, 1998).

Ao abordar a língua inglesa como língua global, Grigoletto (1998) afirma que aproximadamente um quarto da população mundial – cerca de 1,5 bilhão de pessoas - têm, pelo menos, um conhecimento básico da língua inglesa e que, dentre essas, cerca de 500 milhões tem proficiência no uso da língua inglesa, sendo que o uso do inglês por não nativos já ultrapassou o número de falantes que usam o idioma como primeira língua. A autora diz que

Na verdade, a importância global das línguas – e o inglês não é exceção – deixou de ser definida pelo número de seus falantes nativos; hoje, o contingente de falantes que usam um idioma como segunda língua ou língua estrangeira passou a ser um fator mais significativo (GRIGOLETTO, 1998)¹⁴.

Em Bordini e Gimenez (2014) é descrito o modelo apresentado por Kachuru (1985), classificando os falantes de inglês em três círculos concêntricos. O primeiro, o *Inner Circle*, é composto pelos países falantes de língua inglesa como língua materna, os quais são: Estados Unidos, Inglaterra, Canadá, etc. O segundo, *Outer Circle*, representado por países que utilizam o inglês como segunda língua: Índia, Cingapura, Filipinas, etc. E, finalmente, o *Expanding Circle*, dos países que falam a língua inglesa como língua estrangeira, cuja expansão experimenta um grande avanço, do qual cada vez mais pessoas passam a usar a língua inglesa para atender suas demandas. Corroborando com essa perspectiva, Kilickaya (2009, p. 37) afirma que “atualmente inglês é visto como a melhor opção para comunicação entre pessoas de diferentes origens, assim sendo taxado como Inglês como Língua Internacional ou Inglês como Língua Franca”¹⁵

¹⁴ Disponível em: <<https://www.labeurb.unicamp.br/elb2/pages/artigos/lerArtigo.lab?id=98>> Acesso em : 15/10/2015.

¹⁵ Tradução nossa.

O posicionamento desses especialistas dialoga com a ideia de que o uso da língua inglesa, no atual contexto, seria um novo fenômeno linguístico. Nesse enquadre, Rajagopalan (2011, p. 65) sustenta que “devemos nos esforçar para ensinar e aprender, porque é dele que os aprendizes de hoje vão precisar no futuro bem próximo”. A partir dessa compreensão, percebe-se a existência da correlação entre o momento social, político, histórico, cultural, econômico e, evidentemente, tecnológico em que vivemos, com os cidadãos que utilizam este idioma global para sobreviver e se relacionar no momento de desafios de tantas naturezas.

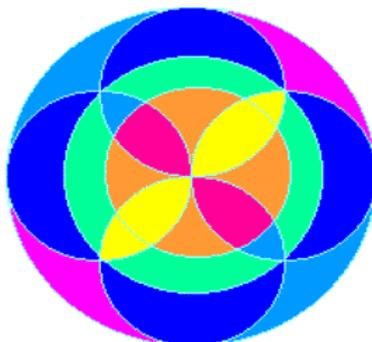
Sem pretendermos nos aprofundar no debate teórico sobre língua e nacionalidade, não podemos nos esquivar de mencionar a existência de uma extensa discussão acerca da expansão do inglês como resultado de uma postura imperialista, de longos períodos de opressão e exploração de povos.

Durante décadas no Brasil, quando se falava em aprender inglês, as opções impostas estavam ligadas ao “inglês britânico” ou ao “norte-americano”; em relação àquele contexto faz-se pertinente a teorização de Kachuru, delineada na década de 80, sobre os círculos concêntricos de expansão do inglês, aqui abordada como modo de contextualizar o número de falantes de inglês que não o têm como língua nativa. Entretanto, posicionamo-nos em consonância com aqueles que defendem que essa visão bifurcada da língua já não se sustenta, como afirmam Yashima (2002), Lamb (2004) e Csizér & Dörnyei (2005), que os jovens de hoje não associam o inglês à cultura dos países posicionados no *Inner Circle*, mas o veem como uma língua pertencente à cultura e comunidade internacional.

Em Ryan (2006) vamos encontrar o esclarecimento de que o que move muitos aprendizes de inglês do *Expanding Circle* a dedicarem um tempo considerável e esforço para estudar a língua, é, na realidade, o senso de pertencimento a uma comunidade global de usuários do inglês.

Pensando a partir dessa lógica, talvez pudéssemos propor a expansão do inglês como uma figura caleidoscópica, [partindo do diagrama de Kachuru \(1985\), dos três círculos concêntricos e acrescentando a ele outros quatro, para nos servirmos da ideia dos quatro cantos do mundo, podemos visualizar um entrecruzar de movimentos no globo terrestre desta língua que acaba por delinear-se através de uma pluralidade geográfica, movendo-se com o deslocar dos seus falantes e delineando-se sob influências diversas.](#)

Figura 1: Expansão do inglês numa perspectiva caleidoscópica



Fonte: <https://silviainthebush.wordpress.com/page/3/>

O inglês, nessa perspectiva presente em quase todo o mundo - utilizamos o termo “quase” porque, afinal, muitas pessoas não falam inglês - ele não tem dono e, paradoxalmente, pertence a quem fala. Nenhum falante tem status privilegiado, ou seja, a língua pertence a todos que a falam, independentemente do modo ou da forma. Ela não está presa a um lugar, ela é “um fato social, produto de ações de seres humanos organizados em comunidades” (RAJAGOPALAN, 2003, p.16).

Assim, se por um lado, a expansão do inglês se efetivou, a princípio, por questões imperialistas, o mundo virou palco de intercâmbio, e falar a língua inglesa não é falar a língua do outro, mas se empoderar, nessa perspectiva, Rajagopalan (2003, p.70) sustenta que “é preciso dominar a língua estrangeira, fazer com que ela se torne parte da nossa própria personalidade; e jamais permitir que ela nos domine.”

Shohamy (2014) menciona que língua é uma ferramenta usada para definir pessoas e grupos, que ela é algo aberto, pessoal, livre, de envolvimento constante, que adquire diferentes cores, nuances e a forma de diferentes usuários em uma variedade de situações, locais e pontos no tempo. A estudiosa percebe a língua como um fluido de termos, misturas e hibridismos como resultado de estar em constante interação, debate, mediação e negociação.

Nesse percurso, ancorados nas contribuições de Shohamy (2014), lançamos a subseção a seguir, afinando a discussão pra a concepção que elegemos em relação à Língua Inglesa (LI).

1.3 De uma Língua Global a uma Prática Local

“For me, the border is no longer located at any geopolitical site. I carry the border with me,
and I find new borders wherever I go”
(Gómez-Peña, 1996, p.5)

Sem tencionarmos adentrar, especificamente, no campo da Pragmática, mas partindo do entendimento crítico de que a LAC constitui um modo de olhar as teorias sob perspectivas diversas e também para fins concretos, como descrito por Rajagopalan (2003, p. 12): “não é a simples aplicação da teoria para fins práticos, mas pensar a própria teoria de forma diferente, nunca perdendo de vista o fato de que o nosso trabalho tem que ter alguma relevância”. Concordamos com William James, que, segundo Pinto alega que,

por meio de sua reflexão filosófica baseada em componentes pragmáticos, valoriza a pessoa que fala como detentora do próprio significado. Já que a verdade, palavra-chave na compreensão da relação de mundo e linguagem, nada mais é que aquilo que todos e todas nós, inseridos/as numa comunidade, queremos que ela seja (PINTO, 2012, p.61)

A partir desta concepção, advogamos que o sujeito imprime na linguagem a sua própria história, e, por isso, nela está o seu acento valorativo, que é resultante de uma construção identitária vinculada a sua trajetória. Isso é, algo pessoal e geograficamente situado. Nas palavras de Blommaert e Rampton (2011, p.9):

O sentido se constrói em meio a lugares específicos, atividades, relações sociais, histórias interacionais, trajetórias textuais, regimes institucionais e ideologias culturais, os quais são produzidos e construídos por agentes corporificados por expectativas e repertórios que devem ser compreendidos etnograficamente (BLOMMAERT e RAMPTON, 2011, p.9).

Compreendemos então que a língua pode não expressar a cultura à qual é diretamente ligada, podendo expressar culturas, hábitos e tradições daqueles que fazem uso dela enquanto língua não nativa, portanto, “há uma nova consciência que

a linguagem não necessariamente expressa a cultura a qual aquela língua está originalmente envolvida”¹⁶ (LIMA e ROEPCKE, 2004, p.212).

A língua não pode ser observada desvinculada dos seus falantes (PENNYCOOK, 2010a), nem dos contextos de comunicação, os quais “devem ser investigados ao invés de assumidos”(BLOMMAERT ; RAMPTON, 2011, p.9), o que, em síntese, remete-nos à questão da língua em contexto, uma vez que o mero acontecimento da língua em lugares dispares não se sobrepõe à construção da própria língua no lugar que ela acontece, como afirma Pennycook (2010b, p.9) “o uso da língua em contexto” como “parte constitutiva” da prática de linguagem.

A partir de tal noção, vislumbramos a língua como algo daqui, não de lá, pois como falantes dela somos os responsáveis por conceder a ela essa forma que ela tem quando a usamos. [Desse modo, a língua é aqui entendida como “prática local” \(PENNYCOOK, 2010a; 2010b\) uma vez que investigamos os sujeitos em suas práticas cotidianas no processo de chegada e busca por adaptação ao Brasil.](#)

1.4 Inglês como Língua Ponte (ILP)

O PLE como língua de acolhimento de imigrantes, sobretudo refugiados no Brasil, refere-se a uma proposta de Amado (2013)¹⁷; entretanto, até que o estrangeiro consiga se comunicar minimamente em português, é necessário que ele encontre uma forma de viabilizar suas demandas comunicativas/interacionais. Assim, com o *status* de língua franca, a língua inglesa é usada em lugares e situações diversas por falantes que não a têm como primeira língua. No contexto em foco, o ILP é compreendido como uma Língua Ponte- nossa proposta de leitura do inglês para este contexto- uma língua que liga o falante árabe que não fala português e o brasileiro que não fala árabe, em um contexto que envolve um movimento intercultural entre brasileiros funcionários e voluntários da Compassiva e

¹⁶ Tradução Nossa

¹⁷ Apesar de mencionarmos o aprendizado da língua portuguesa neste trabalho, e de utilizarmos os termos segunda língua, PLE e língua de acolhimento (referindo-nos a língua portuguesa na abordagem de Amado (2003)), não iremos trazer à tona a discussão das concepções com o foco na língua portuguesa. Podemos aqui instigar o leitor interessado no tema, a aprofundar-se na pesquisa do Português para Falantes de Outras Línguas (PFOL) na obra organizada por Sá (2016).

refugiados da Síria acolhidos no LAR, em um processo de desconstrução de hierarquias.

A análise dessa relação que se dá entre brasileiros e árabes perpassa a questão da língua, pois ela não pode ser observada distante de questões culturais, pois língua e cultura, são dois elementos cuja simbiose mescla fatores das mais diversas fontes em uma sociedade.

A partir do entendimento da indissociação desses dois elementos, língua e cultura, nasceu o conceito de interculturalidade. Em Silva (2003, p.41) encontramos o esclarecimento de que o termo interculturalidade foi inicialmente utilizado “para designar as ações institucionais que levavam em consideração a diferença cultural dos aprendizes”. Para ele, a noção de interculturalidade,

...além de expressar a coesão étnica de um grupo social, proporcionando condições para o fortalecimento da identidade cultural, vai também estimular a aquisição do conhecimento cultural de outros povos (SILVA, 2003, p.41).

Hexelschneider (1988) no dizer de Janzen (1998), por sua vez, apresenta uma definição bastante elucidadora do conceito:

Interculturalidade é sempre conhecimento e reconhecimento do outro para aprofundar o auto-conhecimento, sentir e repensar para entender melhor, ou até encontrar, a sua própria identidade. A interculturalidade não pode, de forma alguma estabelecer uma comunicação de mão única do país de língua materna para o país da cultura alheia/estranha – ele é muito mais um processo de mão dupla (JANZEN, 1998, p.12)

O amplo acesso a culturas outrora distantes e isoladas, é algo cada vez mais comum, ele ocorre pelo encurtamento das distâncias possibilitado pelos meios de comunicação; pelo alargamento das fronteiras por conta dos tratados entre blocos de países e consequente movimentação gerada por interesses diversos e, mesmo, por guerras que lançam milhares de pessoas em busca de refúgio, como é o caso aqui observado. Todos esses fatores suscitam um processo de interação jamais visto, que urge para a necessidade de desenvolvimento de uma competência intercultural dos sujeitos a partir do reconhecimento do outro e consequente aprofundamento do conhecimento de si mesmo.

Na opinião de Kramersch (1998) o termo intercultural diz respeito ao encontro de duas culturas ou duas línguas, perpassando os limites políticos dos estados-nações. Desse modo, para nós interculturalidade está ligado ao universo da diferença, logo é o entendimento que melhor se enquadra no cenário onde o ILF, é compreendido como ILP, quadro esse no qual as relações interculturais permitem a aproximação do eu com o outro sem hierarquizar ou privilegiar culturas específicas.

Em nosso contexto específico, tal desconstrução é evidenciada pelo fato de o brasileiro se propor a falar uma língua que não é o idioma do seu país para receber o refugiado. Na concepção de Azibeiro (2003, p. 93), são os “espaços e processos de encontro-confronto dialógico entre as várias culturas que podem produzir transformações e desconstruir hierarquias”, no sentido de não privilegiar falantes ou culturas, abrindo caminho para o aprendizado de uma língua estrangeira, no caso, o português.

O conceito de intercultura que aqui coaduna nos é trazido por Azibeiro (*Ibid.*) como um espaço fronteiro, limiar e polifônico, onde é possível a recriação de valores culturais que interagem dinamicamente, o que possibilita a aproximação dos indivíduos envolvidos na relação na qual o ILF assume o papel de Língua Ponte, viabilizando as relações e conquistando o indivíduo, para que ele inicie sua jornada no processo de aprendizagem do português em um espaço fronteiro próprio para que as misturas aconteçam. Como o que é posto por Moita Lopes e Bastos (2010) na leitura de BOHN, (2013, p.89), uma procura por sentido “nos espaços opacos, nos meandros pouco claros, nas fronteiras em que as ideias, as pessoas e as culturas em fluxo se entrecruzam e se misturam”.

A ótica aqui apresentada caminha pela demanda da compreensão de que vivemos em uma era pós-colonialista (PAVLENKO e BLACKLEDGE, 2004). Como pontuamos anteriormente, existe uma discussão acerca da expansão do inglês movida pela ação imperialista ao longo de séculos de opressão e exploração dos povos, uma expansão em prol da construção de um poderio que, como grandes torres erigidas na história da humanidade, se mostram ou se mostraram imponentes. Entrementes, o pós-colonialismo busca a mudança no modo das pessoas pensarem e no modo de se comportarem, para produzirem uma relação mais justa e igualitária entre diferentes pessoas no mundo como afirmado por Young (2003, p.4).

Canagarajah (2008) afirma que o desempenho linguístico significa ganhar voz em uma língua, apropriando-se de suas formas e convenções para seus propósitos,

que ganhar voz é marcar o idioma com a sua identidade. O que significa que, muitas vezes, você deve ir de encontro a algumas partículas do idioma para remodelá-lo para suas próprias expectativas, e acrescenta que ganhar voz neste idioma é, paradoxalmente, resistir a ele.

Tal posicionamento é veementemente defendido por Rajagopalan (2003, p.70), ao sustentar que é de que “é preciso dominar a língua estrangeira, fazer com que ela se torne parte de nossa própria personalidade; e jamais permitir que ela nos domine”, afinal, segundo o estudioso, é através da língua que nossas personalidades são submetidas a constante processo de reformulação.

A teoria pós-colonialista questiona todos os tipos de imperialismo, e considerando que a língua não se trata de um mero sistema lingüístico, mas de um conjunto de crenças que engloba cultura, sociedade e identidade de si e do outro (SEARGEANT, 2009), desse modo, ninguém que tem interesse na sociedade moderna e, certamente, ninguém que tem interesse nas relações de poder da sociedade moderna pode se dar ao luxo de ignorar a língua (Fairclough, 1989, p.3)

A língua não pode ser ignorada de fato em nenhum momento da história do homem, à título de exemplo, voltemos ao momento anterior à divisão das línguas em Babel, história narrada no livro bíblico do Gênesis, capítulo 11, verso 4a, que relata um período quando todos falavam a mesma língua e surgiu no homem a pretensão de alcançar os céus: “Disseram : Vinde, edifiquemos para nós uma cidade e uma torre cujo topo chegue até os céus e tornemos célebre o nosso nome”, o texto segue dizendo que a fim de restringir o homem do seu intento, haveria confusão de línguas para que “um não entenda a linguagem do outro” (verso 7). Naquele contexto o homem viu no fato de falarem todos a mesma língua, a possibilidade de estabelecimento do seu próprio poder sobre o outro, o vocábulo usado é tornar-se “célebre”. O falar a mesma língua foi pretexto da instituição de uma relação vertical, de supremacia.

A nossa proposta é de repensar a relação estabelecida através da língua, em uma contraposição ao paradigma verticalizado visto em Babel, é de rever o liame entre eu e o outro, perspectivando uma relação horizontalizada, desprovida da ambição de se impor sobre o outro, mas de se construir uma ponte entre mim e o outro, que exige de mim um esforço intercultural e que me move da zona de conforto, quando devo abrir mão da minha língua nativa, para que, despertado por este sentimento de me ligar, aprenda e/ou utilize a língua que possibilitará a

aproximação entre eu e o outro visto que falar o mesmo idioma não é sinônimo de falar a mesma língua, na medida em que o entender-se não está presente em todas as relações que envolvem pessoas que falam o mesmo idioma.

Falar nativamente o mesmo idioma, a exemplo de Babel, pode motivar a construção de torres que distanciam os homens e estabelecem hierarquias entre eles em uma relação vertical, sempre vinculada à ideia de poder. Falar a mesma língua é mais que comunicar-se, é entender-se, é criar links, criar pontes, em uma relação horizontal, de igualdade entre eu e o outro, em uma construção recíproca emanada da consciência de que eu não me construo isoladamente ou me sobrepondo em relação ao outro. Na concepção de Bakhtin (2010, 323):

Eu não posso passar sem o outro, não posso me tornar eu mesmo sem o outro; eu devo encontrar a mim mesmo no outro, encontrar o outro em mim (no reflexo recíproco, na percepção recíproca). A justificativa não pode ser autojustificativa, o reconhecimento não pode ser auto-reconhecimento. Do outro eu recebo meu nome, e este existe para os outros (auto-nomeação – impostura). É impossível também o amor a si mesmo.

A principal questão não está na existência de uma língua que possibilite a comunicação universal, não está em falar o mesmo idioma. Pavlenko e Blackledge (2004, p.5) sugerem que línguas não são apenas “marcas de identidade”, mas também lugar de resistência, de empoderamento, de solidariedade ou de discriminação.

A resposta aos conflitos, em nenhuma era da existência humana, esteve ligada à existência de uma Língua Franca Global, logo, o Inglês, no atual momento histórico, não é, em si mesmo, o *link* que estabelece entendimento entre pessoas de nações diversas. É, como sugerido como Pavlenko e Blackledge (op. cit.), a postura dos indivíduos que falam essa língua, e, neste caso, o inglês como LF, que fazem dela a Língua Ponte da qual os homens se utilizam para estabelecer relações de compaixão; vínculos que possibilitem a instrumentalização de indivíduos para se libertarem da condição de vulnerabilidade como agentes da própria história, derrubando torres e construindo pontes por meio da língua.

Na subseção a seguir, delineamos parte da trajetória dos refugiados da Síria com o escopo de proporcionar ao leitor um vislumbre do quadro que lançou, quase que toda uma nação, por terras outras. Cremos que a inquietação em

problematizarmos tal aspecto venha da influencia que temos da nossa formação em História que nós faz perceber tal abordagem como imprescindíveis a discursivização sobre políticas linguísticas e medidas adotadas em território brasileiro como urgente resposta a condição do refugiado da Síria no Brasil.

1.5 Um povo espalhado por terras outras: Políticas (Linguísticas?)

“O que está acontecendo na Síria é uma abominação que o mundo está observando friamente à distância. Onde está nossa inteligência emocional, nosso senso de justiça coletiva?”

(Stephen Hawking, 2014)

Desde 2011, sírios e árabes de nacionalidades diversas¹⁸ que habitavam na Síria (alguns deles já na condição de refúgio) se viram obrigados a espalharem-se pelos países fronteiriços, em campos para refugiados na Jordânia, na Turquia e no Líbano, no afã de preservarem a própria vida, fugindo da guerra que se instalou desde então. O êxodo dos cidadãos sírios se intensificou em uma escala geométrica, superlotando os campos de refugiados dos países circunvizinhos. Com o passar dos anos, a onda de violência na Síria não cessou e o chamado Estado Islâmico avançou ao norte do País. Os sírios, buscando outras rotas de fuga da guerra e da pobreza, espalharam-se pela Eritreia, Niger, Somália, Iraque, Kosovo e Afeganistão. As dificuldades de acesso à educação e a oportunidades de trabalho, conduziram o povo Sírio a países cada vez mais distantes em busca de asilo.

O mundo tem testemunhado uma nação inteira lançar-se em uma jornada pela sobrevivência. Números da ONU apontam que, em 2015, cerca de um milhão e meio de pessoas fizeram o deslocamento, a pé, pela rota dos Balcãs, da Grécia para a Europa Ocidental; dezenas de milhares de pessoas lançaram-se pelo Mediterrâneo em botes e barcos superlotados arriscando-se em uma travessia desesperada do norte da África para a Europa, em cuja rota a estimativa de morte foi de quatro mil refugiados, apenas no ano de 2015. Em abril do mesmo ano, 800

¹⁸ Países árabes de nacionalidades diversas que corresponde a cerca de 22 países do Norte da África e Ásia Ocidental.

peças de nacionalidades diversas morreram ao saírem da Líbia, ocorrendo um naufrágio próximo a costa da Ilha de Malta¹⁹.

Dados do ACNUR apontam que, de janeiro a de abril de 2016, cerca de 24.443 migrantes chegaram, pelo mar, na Itália; e que mais de 350 morreram ou desapareceram nas águas durante o mesmo período.

O Acnur é a Agência criada pela ONU para Refugiados. Iniciando seus trabalhos em 1950, elaborou, em Genebra, a Convenção de 1951, relativa ao Estatuto dos Refugiados que estabeleceu a definição de Refugiado e, conseqüentemente, os direitos e deveres deste (Sousa, 2015). A Acnur possui, assim, a responsabilidade de dirigir e coordenar a ação internacional no sentido de encontrar soluções duradouras como forma de proteger e ajudar as pessoas deslocadas em todo o mundo, e que foram obrigadas a fugir de seus lares em decorrência de guerras ou perseguições.²⁰

Em virtude da crescente busca por asilo, a Áustria, a Hungria, a Macedônia e a Eslovênia erigiram cercas em suas fronteiras e diversos países estabeleceram formas de controle temporário de entrada, ignorando o acordo de Schengen²¹, que permite viajar grande parte da União Europeia sem portar passaporte.

Considerando que a Turquia representa uma das rotas em direção à Europa, a União Europeia buscou, em março de 2016, por meio da assinatura do pacto UE-Turquia, estancar esse acesso à Europa, enviando os refugiados que chegassem à Grécia de volta à Turquia, o que praticamente cessou o fluxo de migrantes que chegam à Europa pela rota dos Balcãs. Somado a isso, a fronteira com a Macedônia também foi fechada. Se por um lado essas medidas contiveram a migração em massa, por outro cooperaram para consolidar o contrabando de pessoas e a venda de passaportes falsificados.

Entre as fortes nações da Europa, a política, designada como “de portas abertas”, da Chanceler alemã, Ângela Merkel, sofreu severas críticas, sendo usado, dentre outros, o argumento do risco que milhares de pessoas corriam ao serem encorajadas a se lançarem em viagens perigosas, na esperança de serem acolhidas

¹⁹ Souza, Fabrício Toledo A crise do refúgio e o refugiado como crise/ Fabrício Toledo de Souza; orientador: Francisco de Guimaraens. Departamento de Direito. Rio de Janeiro, 2016.

²⁰ Acesso em 04/03/2018 <http://www.acnur.org/portugues/o-acnur/> (vai para referências e, talvez, para nota de rodapé também)

²¹ O Acordo de Schengen é um acordo assinado por alguns membros da Comunidade Europeia que promove a livre circulação de pessoas nos países signatários, faz com que a apresentação do passaporte nas fronteiras desses países não seja obrigatória. Disponível em: < http://eur-lex.europa.eu/summary/glossary/schengen_agreement.html?locale=pt > Acesso em: 15/02/2018

na Europa. Em setembro de 2016, a Alemanha acabou por estabelecer formas de controle em sua fronteira com a Áustria.

Esse cenário de anti-imigração da Europa repercutiu na busca por refúgio em outras partes do globo terrestre; desse modo, apesar da distância existente entre o Brasil e o centro de conflito, o país constituiu-se em uma das alternativas mais requeridas da América Latina para refugiados da Síria. Assim, desde 2010, o fluxo de imigrantes em busca de refúgio no Brasil tem sido crescente.

No primeiro semestre de 2016, o Brasil iniciou a criação de um programa de reassentamento de refugiados no país, cujo financiamento é prospectado a partir de uma parceria entre sociedade civil, poder público e empresariado. Trata-se da intitulada Missão Canadá, que foi assim batizada em alusão ao país que possui um dos maiores programas dessa natureza no mundo. Desse modo, especulou-se, naquele período, a respeito de como o programa Canadá seria financiado por pessoas físicas e jurídicas brasileiras para trazerem refugiados de outros países ao Brasil.

Em abril de 2016, Beto Vasconcelos, então presidente da Conare e Secretário Nacional de Justiça, afirmou, em entrevista a DW Brasil²², que a primeira motivação em receber imigrantes que buscam a condição de refúgio é a ajuda humanitária, entretanto, ponderou que o fluxo migratório é também um vetor importante de desenvolvimento social.

Abrimos aqui um parêntese para esclarecer que a Conare foi criada, em 1997, vinculada ao poder executivo por meio do sancionamento da Lei nº 9.474/97 pelo presidente Fernando Henrique Cardoso, que integrava os princípios da Convenção de 1951 ao ordenamento jurídico brasileiro (SOUSA, 2015, p 438). Determinou-se, assim, conforme artigo Art. 12. que:

Compete ao CONARE, em consonância com a Convenção sobre o Estatuto dos Refugiados de 1951, com o Protocolo sobre o Estatuto dos Refugiados de 1967 e com as demais fontes de direito internacional dos refugiados:

- I - analisar o pedido e declarar o reconhecimento, em primeira instância, da condição de refugiado;
- II - decidir a cessação, em primeira instância, *ex officio* ou mediante requerimento das autoridades competentes, da condição de refugiado;

²² A Deutsche Welle (DW) é a empresa de comunicação internacional da Alemanha

III - determinar a perda, em primeira instância, da condição de refugiado;

IV - orientar e coordenar as ações necessárias à eficácia da proteção, assistência e apoio jurídico aos refugiados;

V - aprovar instruções normativas esclarecedoras à execução desta Lei.

Art. 13. O regimento interno do CONARE será aprovado pelo Ministro de Estado da Justiça.

Parágrafo único. O regimento interno determinará a periodicidade das reuniões do CONARE. (Brasil, Lei 9.474/97)

Ainda em 2016, motivado, sobretudo, pelo volume de refugiados de origem Síria, foram travadas discussões da Acnur, na cidade de Genebra, com vistas à cooperação internacional para reassentamento dos imigrantes. Inicialmente, o Brasil receberia refugiados oriundos de países cuja maioria da população encontra-se nessa condição, como o caso da Jordânia, do Líbano e da Turquia. De todo modo, foi firmado com a Acnur um acordo de atuação conjunta com esses países com o objetivo de proceder à identificação de pessoas e famílias a serem contempladas pelo programa brasileiro para a concessão de vistos.

Os critérios para a concessão de vistos ainda passam por um processo de amadurecimento, mas são instituídos a partir de regras internacionais de reassentamento; podemos mencionar, por exemplo, a identificação, pela Acnur, das prioridades assim consideradas devido à situação de vulnerabilidade e outros princípios avaliados pelo governo brasileiro, como o de identificação dos perfis com maior probabilidade de adaptação ao Brasil: pessoas que já tenham qualquer tipo de vínculo com o país e/ou que possuam área de formação com maior probabilidade de empregabilidade, dentre outros.

Apesar da crise pela qual o Brasil atravessa no contexto econômico atual, essa adversidade não é vista pelo governo brasileiro como um fator aniquilador do interesse de refugiados em migrarem para o Brasil. Essa assertiva pauta-se no fato de que, no período subsequente à Primeira e Segunda guerra mundial, o país enfrentava restrições no seu crescimento e, ainda assim, recebeu um volume considerável de imigrantes que aqui se instalaram e hoje são responsáveis por uma parcela significativa da economia brasileira.

Apesar do difícil momento político e econômico pelo qual o Brasil atravessa, não houve redução no orçamento destinado a políticas de imigração e refúgio nos anos de 2015 e 2016, entretanto, a busca por alternativas de financiamento para

recebimento de refugiados é contínua, como também o é o número de pedidos de refúgio ao governo brasileiro.²³

Apesar disso, Manuel Furriela, que presidiu a Comissão da OAB-SP para os Direitos dos Refugiados em 2016, afirmou que "quem mais oferece suporte são as organizações do terceiro setor, principalmente as não-governamentais, que têm prestado esse trabalho muito mais do que o governo", a questão é que "Após o reconhecimento do refúgio, pouco é oferecido para que eles consigam subsistir", explica Manuel da Furriela, já que os refugiados "têm grandes desafios para conseguir uma colocação profissional, moradia, mesmo que provisória, e ter acesso aos serviços públicos."²⁴

Mesmo sendo devedor em termos de suporte e subsídio aos refugiados, há que se reconhecer que, ao menos em termos de legislação, o Brasil consolidou um avanço, atuando no cenário mundial com políticas inovadoras com relação a abertura a fluxos migratórios. Citamos, como exemplo, a promulgação, em 24 de maio de 2017, da Lei de Migração nº 13.445, considerada pela ONU umas das mais modernas do mundo, tendo como um dos princípios apontados no art. 3º, IV a "não discriminação em razão dos critérios ou dos procedimentos pelos quais a pessoa foi admitida em território nacional", a lei:

Também, institui o visto temporário para acolhida humanitária, a ser concedido ao apátrida ou ao nacional de país que, entre outras possibilidades, se encontre em situação de grave e generalizada violação de direitos humanos – situação que possibilita o reconhecimento da condição de refugiado, segundo a Lei nº 9.474, art. 1º, III. (BRASIL. Ministério da Justiça. 2017)

As minúcias acerca da aplicabilidade da lei estão previstas no Decreto nº 9.199, de 20 de novembro de 2017 que, em complementariedade com o artigo mencionado, traz em seu texto, no art. 3º, que "é vedado denegar visto ou residência ou impedir o ingresso no País por motivo de etnia, religião, nacionalidade, pertinência a grupo social ou opinião política".

²³ "Temos que compreender fluxo de refugiados como uma oportunidade".Disponível em:<<http://www.dw.com/pt-br/temos-que-compreender-fluxo-de-refugiados-como-uma-opportunidade/a-19203315>> Acesso em: 02/03/2018.

²⁴ "Brasil acolhe, mas ainda não integra refugiados". Disponível em:< <http://www.dw.com/pt-br/brasil-acolhe-mas-ainda-n%C3%A3o-integra-refugiados/a-18702449>> Acesso em: 03/03/2018.

Nesse contexto, a lei prevê acesso ao sistema público de educação e saúde e a programas sociais do governo, documentação imediata, civil e de trabalho para os solicitantes refugiados.

A existência de uma legislação moderna, que contempla as demandas de um imigrante fragilizado, pensando, sobretudo, em pessoas que necessitam de vistos temporários para acolhida humanitária, como ocorre com o refugiado, é de extrema relevância. Entrementes, a ausência de meios que viabilizem, de maneira prática, as garantias, asseguradas por lei, constituem-se em um abismo ou mesmo na contradição do direito. Ainda que a política brasileira garantisse, de fato, todos os direitos assegurados ao cidadão pela Constituição Federal, Carta Magna do País, e assim os estendesse, como na forma da Lei de imigração àqueles por ela contemplados, persistiria a negação da realidade linguística que se impõe nos espaços diversos da sociedade e acaba por estabelecer um abismo entre o direito expresso na letra e o alcance dele como exercício vivencial.

Se pensarmos na ideia de capital simbólico abordada por Bourdieu (1998, p.67), o valor que os consumidores e re(produtores) do mercado linguístico atribuem à língua e que tal capital linguístico é imprescindível para a ascensão social, cultural e para a inserção no mercado de trabalho, isso pensando nos nacionais, que peso tal realidade não se impõe sobre aqueles que não falam a língua?

Falar a língua implica em uma questão de inclusão ou exclusão às leis e aos direitos que são escritos, e cujo acesso amplo implica no alcance da compreensão teórica e vivência prática dos mesmos. A inviabilidade ou dificuldade de acesso a meios que viabilizem o aprendizado desta língua é um contrassenso ao direito, pois se não é possível compreender a língua, limita-se de várias maneiras o exercício do direito pleno do imigrante. Não se pode negar a ligação existente entre linguagem e vida, para Bakhtin (2009, p37) “o material privilegiado da comunicação na vida cotidiana é a palavra”.

Fechar os olhos para tais questões consiste em um mero alibi para a ausência de adoção de políticas linguísticas inclusivas. O que está em jogo não é apenas o direito do imigrante. Conforme sustenta Beto Vasconcelos (op. cit.), o desenvolvimento do imigrante constitui-se no desenvolvimento de toda a sociedade brasileira, que corre o risco de transformar-se em um *locus* potencial para um círculo de manutenção de ignorância no sentido literal da palavra, cujo propósito é a negação de acesso ao conhecimento e o engrossamento das massas manobráveis.

Nesse contexto, o sítio das Nações Unidas no Brasil publicou, em dezembro de 2017, um acordo de cooperação técnica entre a Secretária Nacional de Justiça do Ministério da Justiça e a Universidade de Brasília com o objetivo de oferecer o serviço de intérpretes nas entrevistas de solicitação de refúgio que ocorrem em Brasília, para isso contarão com a inscrição e posterior seleção e preparação de voluntários, os quais deverão atuar como intérpretes, a fim de colaborar com a coleta de informações pela Conare, para análise mais efetiva de quais casos se encaixam em demanda por refúgio. A partir dos dados coletados nessa pesquisa, depreendemos que o serviço de intérprete não é uma oferta comum nos atendimentos na Polícia Federal, um dos principais órgãos para emissão de documentos para refugiados, onde os atendentes não falam nem mesmo o inglês.²⁵

Sousa (2015) constatou que, no fim da ditadura militar a assistência era mais jurídica e social, já na década de oitenta, os refugiados recebiam aulas de português e o trabalho de ensino de PLE era feito por professores voluntários a partir de metodologias e materiais próprios e da Casa do Migrante, ela afirma:

O fato de haver, já nesse começo, uma política linguística praticada e voluntária em relação ao ensino do português a esses refugiados, mostra a língua portuguesa como fator necessário e como meio de integração à nova sociedade na qual estão inseridos (SOUSA, 2015, p. 434).

Apesar dos avanços feitos de lá para cá, pois a Sociedade Internacional para o Português Língua Estrangeira (Siple) foi criada em 1993 e o exame Nacional de Proeficiência (Celpe-Bras) a partir daí instituído. Os avanços institucionais para o ensino de português a refugiados emergiram e parecem se consolidar a partir de iniciativas não governamentais.

Em 1995, a Caritas de São Paulo (CASP) fez um acordo com o Serviço Social do Comércio (SESC/SP) para que a instituição disponibilizasse aulas de português para refugiados (...) o que representou um grande avanço no ensino de português para esses imigrantes, uma vez que este foi o primeiro acordo realizado pela ONG relativo à língua, tornando as aulas de português parte fundamental na prática de sua política em relação aos refugiados. Esse acordo também demonstra uma política linguística percebida

²⁵ “Solicitantes de refúgio terão intérpretes nas entrevistas em Brasília”. Disponível em: 15/12/2017 <<https://nacoesunidas.org/solicitantes-de-refugio-terao-interpretes-nas-entrevistas-em-brasilia/>. Acesso em: 02/03/2018

por parte dessas instituições, como o acesso ao mercado de trabalho, uma vez que tanto o SESC quanto o SENAC são voltados para o fim comercial (SOUSA, 2015, p. 36-37).

Nessa discussão faz-se relevante explicar que a Cáritas constituiu uma rede internacional que nasceu na Alemanha no século XIX, no ano de 1897. A Cáritas brasileira foi fundada em 1956 pela Conferência Nacional de Bispos do Brasil (CNBB) e faz parte das 164 organizações-membros da rede espalhada pelo mundo. A Cáritas brasileira está organizada

em uma rede com 183 entidades-membros, 12 regionais – Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo, Norte II (Amapá e Pará), Maranhão, Piauí, Ceará, Nordeste II (Alagoas, Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte) e Nordeste III (Bahia e Sergipe) – e uma sede nacional. Atua em 450 municípios, sendo presença solidária junto às pessoas mais empobrecidas. (CARITAS)²⁶

Os governos ainda buscam soluções para lidar com a crise de refugiados, cujo número é crescente e não há expectativa de redução no cenário atual, quando as regiões de conflitos não parecem se aproximar da solução para a atual condição. Fala-se em determinar quotas de refugiados em cada país; tenta-se encontrar formas de financiar o direcionamento de refugiados a países outros que não os da UE, mas todo o quadro compõe uma pintura cuja arte final é uma incógnita. As políticas implementadas até então, sobretudo em países que já não oferecem um maior suporte aos seus próprios cidadãos, a exemplo do Brasil, não compõem a condição ideal para o recebimento de refugiados, mas é, sem dúvida, uma alternativa e esperança para a (re/des)construção de uma existência fora das circunstâncias que empurram homens, mulheres e crianças para fora de sua pátria, de suas vidas. Nossa responsabilidade é, sem dúvida, avaliar: o que podemos fazer para criar no nosso lugar um LAR onde essas pessoas possam ter voz, serem entendidas e atendidas por intermédio dos nossos atos e palavras. **O caminho é sem dúvida, dar a eles as ferramentas linguísticas necessárias, a partir da compreensão de que antes de serem estrangeiros os refugiados são homens e**

²⁶ Disponível em: <<http://caritas.org.br/quem-somos-e-historico>> Acesso em: 04/03/2018

mulheres traspassados por guerras e medos e que “a fome nunca avisa: vive a mudar de dono”²⁷ seja ela qual for.

Nesse capítulo apresentamos os conceitos ligados a LI que possibilitam o alcance da compreensão da nossa proposta do ILP, partindo da LAC, ciência que conduz o caminhar de toda a proposta objetivada e tendo o ILF como ponto de partida. A partir das discussões suscitadas neste capítulo, nos movemos a tentar capturar as implicações do processo de (re/des)construção identitária como elemento móvel, que se forja através da língua (RAJAGOPALAN, 2003) e é constituída a partir de representações internas (HALL, 1990).

²⁷ Verso da poesia que compõe a epígrafe deste trabalho.

2. IDENTIDADE E(M) MOVIMENTO

“(…) talvez ao invés de pensar identidade como um fato já acabado, que as novas práticas então representam, nós deveríamos pensar, ao invés, em identidade como uma produção que nunca está completa, sempre em processo, e sempre constituída numa representação interna, não externa.” (HALL. 1990, p. 222)

No mundo pós-colonial, o conceito de identidade tornou-se um conceito chave; é o que afirma De Souza (2016) ao concordar com Weedon (2004), que assevera que, desde a Segunda Guerra Mundial, os legados do colonialismo, da globalização e o crescimento de novos movimentos sociais colocaram a questão da identidade no centro dos debates das ciências humanas e sociais.

O contexto aqui investigado não tem como ser percebido sem ponderarmos a questão da identidade, pois, enquanto não falantes do português em seu momento de chegada, os refugiados da Síria negociam significados em suas interações, a partir de um processo que envolve (re)construção de identidade em um ambiente de interculturalidade no qual somos a cultura receptora e os sírios aqueles que, vivenciando um processo de assimilação, fazem, de algum modo, a manutenção da própria cultura e se integram à nossa ou se separam dela, ainda que como um gesto de resistência momentânea.

Neste sentido, identidade será aqui debatida como uma construção social e cultural que pode ser mudada, inventada e reinventada, dependendo das circunstâncias nas quais o sujeito se encontra (LIMA, 2012). Em outros termos, identidade não se relaciona com uma essência fixa que habita o ser ou que poderia ser construída como um produto fixo e imutável, definitivo, mas sim como um elemento móvel, plástico, perpetuamente mutável e mutante.

2.1 Um processo, não um produto

Reforçamos o papel da linguagem e, indissociavelmente, da identidade no mundo pós-colonial como uma das premissas deste estudo, pois os sujeitos aqui presentes fazem o uso do ILP em seus contextos, cada um ao seu modo, para estreitar distâncias, fortalecer laços e possibilitar o aprendizado da língua portuguesa.

Nesse enfoque, a língua é vista, de acordo com Alsagoff (2010, p. 126), como um meio de formação e representação de identidade, da qual muitos se apropriam para construir e expressar suas práticas, suas culturas e modos de pensar em espaços discursivos multidimensionais.

Destacamos que ela não é neutra e precisa ser entendida em seu caráter social, pois tanto a língua quanto a cultura estão intimamente ligados à construção de identidade do indivíduo. Neste processo, a questão da identidade, relacionada à linguagem, é vista como algo inerente ao indivíduo, considerando que “a identidade de um indivíduo se constrói na língua e através dela” (RAJAGOPALAN, 2003. p. 41).

A aquisição de uma segunda língua poderia, simplesmente, ser concebida como um fenômeno extremamente positivo para o indivíduo, considerando a ampliação do seu modo de ver o mundo e as relações sociais, uma vez que não se adquire uma língua fora de convívio social, posto que “a linguagem torna-se algo pertencente à comunidade e não a indivíduos concebidos isolada e independentemente” (RAJAGOPALAN, 2003. p. 51). Todavia, há uma série de fatores que precisam ser considerados, os quais não são tão pacíficos como, a princípio, parecem ser.

Na concepção de Coracini (2007), a jornada de aprendizagem de uma língua estrangeira implica a necessidade de se enterrar, de algum modo, a língua materna, passando por um processo de luto e todas as implicações existentes nele, para que então se possa construir uma nova experiência de vida, inscrevendo-se na língua do outro, e, no caso do estrangeiro, na cultura do outro.

Apesar de a aprendizagem se consolidar no convívio social, ela é uma construção interna e individual; segundo Brun (1998, p. 83) “a aprendizagem de uma língua é, indubitavelmente, uma experiência pessoal que deixará traços, uma vez que ela convida para uma nova organização dos referentes psicoculturais da identidade”.

Ademais, Coracini (2007) argumenta que aprender a língua do outro pode significar libertação e cura, falando metaforicamente, e gerar sentimentos de prazer, por quem sabe “fazer parte” ou ser reconhecido como parte do outro, que é aquele em quem nos construímos, em uma relação de alteridade, como é, também, definido por Bakhtin (2010, p.117):

Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor.

A síntese dessa relação é descrita por Coracini (2007, p. 83) como “rastrear as imagens de si e do outro (língua-cultura), que vai se tornando pouco a pouco o outro de si, no discurso em que o sujeito fala de si ao falar do outro e fala do outro ao falar de si”.

Retomando as discussões de Amado (2013) sobre a condição de imigração por refúgio como uma das mais antigas do planeta, não se pode negar que este momento histórico tem feito com que o mundo direcione seus olhos para tal condição, que demonstra que o aprendizado da língua deve ser concebido, considerando-se também fatores extralinguísticos. Para Hall (1998, p.9), estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Como a perda de um ‘sentido de si’ estável, que é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentralização do sujeito. Esse duplo deslocamento- descentralização dos indivíduos, tanto do seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma ‘crise de identidade’ para o indivíduo.

Villaiba Martinez e Hernández (2005) abordados por Amado (2013) destacam que as condições psicossociais do refúgio podem gerar barreiras para o aprendiz da língua do país de acolhida. Esta ideia também é compartilhada por Bauman (2005), quando afirma que

O anseio por identidade vem do desejo de segurança, ele próprio um sentimento ambíguo. (...) flutuar sem apoio, num espaço pouco definido, num lugar teimosamente, perturbadoramente, ‘nem-um-nem-outro, torna-se a longo prazo uma condição enervante e produtora de ansiedade. (BAUMAN, 2005, p. 35)

Vejamos, se por um lado há um desejo por segurança, que a inscrição na língua-cultura do outro pode proporcionar, por outro existem resistências. Pandit (1975), citado por Rajagopalan (2003 p.93), afirma que “o apego do falante a sua

variante e a sua língua é sintomático e denúncia o significado cultural que sua língua representa para ele”.

Enquanto, muitas vezes, resiste ao desapego necessário à aprendizagem e imersão na língua do outro, o sujeito se encontra num entre-lugar que para ele não é o seu “lugar de pertença”, é o lugar onde ele encontra-se desajustado, como relata Bauman (2005)

uma vez tendo sido obrigado a me mudar, expulso de algum lugar que pudesse passar pelo meu “*habitat* natural”, não haveria um espaço a que pudessem considerar-me ajustado, como dizem, cem por cento. Em todo e qualquer lugar eu estava – algumas vezes ligeiramente, outras ostensivamente – “deslocado” (BAUMAN, 2005, p. 18).

Deste modo, as demandas das mudanças do mundo real impõem aos indivíduos, constantemente, uma resignificação de si mesmos; o que faz com que identidade e pertencimento sejam dois conceitos ilusórios ou, no mínimo, voláteis, pois, essencialmente, sugerem uma estabilidade que inexiste no mundo real, ou que são incapazes de se manterem como entidades individualizadas e constantes, baseadas apenas na vontade do indivíduo, isso posto:

Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade” (BAUMAN, 2005, p.17).

Segundo Grigoletto (2006, p.15), a essência subjetiva, que dominou por séculos a tradição filosófica ocidental e que supostamente engendraria a subjetividade do sujeito, na realidade se constitui de uma construção social “culturalmente situada”.

Nesse sentido, na medida em que o indivíduo vai construindo sua vida, ininterruptamente, em um mundo em constantes transformações, a sua identidade também vai se construindo nesse contexto de mudanças, em uma espécie de perpétua crise - aqui entendida como estrutura que se abala para se (re) construir e se (re) inventar - num processo constante. Vale dizer que, conforme assevera

Grigoletto (2006), o caráter movediço da identidade independe da vontade do sujeito, dada a impossibilidade de fixação de subjetividade, por não ser uma essência fornecida pela natureza, mas sim uma invenção a partir do outro.

Essa composição do sujeito é sempre social e individual, além de constantemente fluida, em um processo particular no sentido que:

(...) a partir da própria história de vida, das experiências e, sobretudo, diria a psicanálise, dos traços primários, marca de subjetividade que, de certa forma, definem identificações importantes e parte daquilo que o sujeito vai considerar, ainda que ilusoriamente, a sua identidade (CORACINI, 2007, p.84).

Entrar na língua/cultura do outro em direção ao desconhecido é, segundo Coracini (2007), embarcar em uma conquista também aguçada pelo desejo, pela curiosidade e pela vontade de superar a frustração do não pertencer. Neste sentido, o aprendizado que enfatiza a interdependência de língua e cultura e a importância de uma compreensão intercultural como um objeto da educação de língua, proposto por Kiet Ho (1999), poderia ser compreendido como um caminho ao pertencimento, como uma condição sem alternativa, considerando que

a ideia de “ter uma identidade” não vai ocorrer às pessoas enquanto o “pertencimento” continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa. Só começarão a ter essa ideia na forma de uma tarefa a ser realizada, e realizada vezes e vezes sem conta, e não de uma só tacada. (BAUMAN, 2005, p.18).

“Uma tarefa a ser realizada” é como Bauman (BAUMAN, 2005, p.18) define o pertencimento, com a mesma exceto podemos partir para a discussão que segue na subseção 2.2 pois, para nós, a inegável performatividade do existir consiste em algo que deve vir à tona como reflexo do eu no mundo.

2.2 A inegável performatividade do existir

“Viver é agir e agir responsabilmente a tudo o que não é eu, em relação ao outro”
(BAKHTIN, 2010, p.108)

Apenas visitando o campo da sociologia, concordamos que o modo que os homens estão relacionados em uma sociedade que se impõe a eles, como ação que eles têm que realizar, sob pena de ficarem de fora do conjunto, como considerado

por Durkheim (1978), que também afirma o homem como um ser social e que, portanto, realiza a sua natureza na vida coletiva.

Quanto ao ser individual, trata-se de todos os estados mentais que se referem a nós mesmos e a nossa vida pessoal, já o ser social está relacionado a

um sistema de ideias, sentimentos, hábitos que exprimem em nós, não a nossa personalidade, mas a do grupo ou os grupos diversos do qual fazemos parte, como as crenças religiosas, crenças e práticas morais, as tradições nacionais ou profissionais, as opiniões coletivas (FAUCONNET, 1978, p. 10).

Compreendemos que Bakhtin trata de corpo social, o que aqui Durkheim (op. cit.) nomina de ser social, todavia, do mesmo modo, ele diferencia este corpo na interação social.

A psicologia do corpo social não se situa em nenhum lugar “interior”; ela é, pelo contrário, inteiramente exteriorizada: na palavra, no gesto, no ato. Nada há nela de inexprimível, de interiorizado, tudo está na superfície, tudo está na troca, tudo está no material, principalmente no material verbal (BAKHTIN, 2010, p. 43).

Embora tratem de questões dispares, elas se completam na medida que a psicologia do corpo social concebe este ser social como ser que se expressa na interação com grupos diversos. Este ser, então, relaciona-se numa sociedade que se impõe a ele, como acima colocado e, neste sentido, ele é influenciando a padrões de comportamento, como segue:

A imposição de padrões comportamentais externos produz uma limitação que é constantemente entendida pelos indivíduos como uma autolimitação, o que dificulta o exercício da própria individualidade. Consequentemente, a supremacia do Não-eu sobre o Eu cria a ilusão de que o mundo é externo ao sujeito quando, na verdade, o universo material se constrói a partir dele e por meio da linguagem (PAVLOSKI, 2012, p. 21).

Seria assim o Não-eu o responsável pela perpetração de padrões a partir da autolimitação do Eu. A sociedade estaria restrita àquilo e por aqueles que a pré determinaram. Para Marx (1852), homens escrevem sua própria história, mas não fazem isso como eles bem entendem; eles não o fazem sob circunstâncias por eles selecionadas, mas sob circunstâncias que já existem, dadas e transmitidas do

passado. A tradição de todas as gerações mortas pesa, como um pesadelo, na mente dos viventes.

A quebra de paradigma é possível a partir da vivência de

experiências, que promovam um olhar para si, fomentam um movimento de busca preeminente do Eu e do Não-eu e, ao mesmo tempo, a identificação do Nós e do Não-nós. No percurso de idas e vindas, a identidade social se reafirma, padrões estabelecidos são colocados em xeque, através do descortinamento de crenças, opiniões, pensamentos, uma nova ordenação é estabelecida (MODL e RIBEIRO . 2015, p. 67).

O estabelecimento dessa nova ordenação se instaura da materialização verbal, e essa mudança é possível porque, na concepção Bakhtiana, nada se fecha, para nada se diz a última palavra (GERALDI, 2016, p.43), então seguimos, se há princípio por circunstâncias não selecionadas por nós, num processo de renovação dos sentidos, para usar o termo de Myles Horton: *“We make the road by walking”*²⁸. Trata-se de uma construção sempre presente que se dá de forma relacional entre eu e o outro, construída em uma relação de alteridade, “em diálogo com o seu tempo e seu espaço” (GERALDI, 2016, p.43)

Embora essa construção se dê no agora, ela é aberta e transcende o tempo, ligando-se, assim, ao passado e abrindo-se ao futuro, de natureza incerta. Para Bauman (2008, p.27), estar em diálogo “ significa se expor ao desconhecido: é como tornar-se refém do seu destino”.

Ao chegar ao Brasil, o refugiado da Síria não consegue vislumbrar uma fotografia de si mesmo, ele é lançado num vazio histórico do eu, um local onde não tem referências por conta de um deslocamento forçado. É acometido do que Joseba Achotegui, pesquisador da Universidade de Barcelona²⁹, chama de a Síndrome de Ulisses ou Síndrome do Imigrante com Estresse Crônico e Múltiplo por enfrentarem um período de difícil adaptação ao chegarem em uma nova terra. Aqui, durante um período, o refugiado se encontra em meio a vivências alheias, imerso naquilo que não é parte do eu, que ainda não se incorporou ao seu repertório; o outro, o vê percebendo uma infinidade de elementos que o envolve, enxergando a imagem do

²⁸ BELL, Gaventa and Peters, 1991.

²⁹ Livro PFOL, Vol. 1 (AMADO, 2016, p.80)

eu, no lugar onde ele se encontra, enquanto ele carrega em si a bagagem de tudo o que foi e é até aqui, o seu passado. O outro é, em certa medida, o seu futuro.

O outro tem de mim uma visão que eu mesmo não posso ter: somente o outro pode ver-me na paisagem em que estou. Por isso, o outro tem um excedente de visão de que não disponho (...) Eu mesmo não tenho acesso a mim no espaço em que me encontro. Mas sou também o outro dele e por isso tenho em relação a ele um excedente de visão (GERALDI, 2016, p.46-47).

A partir dessa visão excedente do outro, evocamos aqui para nós mesmos a condição do ser humano concreto, a qual, ainda que não a evocássemos, recaí irrevogavelmente sobre o eu, a partir da reflexão de Bakhtin (2010) sobre o ser humano concreto que é responsável por sua unicidade, afinal, “eu sou concreto e insubstituível e, por consequência, devo realizar minha unicidade” (BAKHTIN, 2010 p. 41).

O eu moral institui sua unicidade que consiste em estar ocupando um lugar único que jamais foi ocupado por alguém e que não pode ser ocupado por outro: “aquilo que pode ser feito por mim não pode ser jamais feito por outro alguém” (BAKHTIN, 2010, p. 40) porque “a singularidade do existir presente é irrevogavelmente obrigatória” (BAKHTIN, 2010 p.96), e segue além, na medida em que

O “não álibe do ser” coloca o eu em relação com o outro, não segundo uma relação de indiferença com o outro genérico, mas enquanto coenvolvimento concreto, relação de não indiferente, com a vida do próprio vizinho, do próprio contemporâneo, com o passado e o futuro de pessoas reais (PONZIO, 2010, p.26).

Existe algo a ser realizado pelo eu que “não pode negar-se a si mesmo”, pois ele “é”, ainda que não deseje ser e sempre o será enquanto vida houver, não há alternativa para a rejeição do eu. Sua postura diante dessa inegável performatividade do existir sempre gerará consequências ao outro como reflexo do que foi e com semente do porvir. E mais, reconhecer minha unicidade e concretizá-la em um ato individual e responsável não significa que o eu vive para si, nesse sentido Geraldi (2016) defende que

Como o ato é uma resposta e ele mesmo será respondido, a responsabilidade é como Jano, bifronte tanto em relação ao passado a que respondem quanto em relação ao futuro dos atos que desencadeará. Não se creia, no entanto, que esta defesa da singularidade e da responsabilidade signifique a defesa do individualismo. (GERALDI, 2016, p. 52).

Ocupamos, assim, um lugar singular, próprio, irrepetível na singularidade da existência que é única, irresistível, irrecuperável, irremediável e **intransferível**. **Nesse patamar, então está a responsabilidade do eu a qual Howking (2014) evoca que se traduza em ato concreto sob pena de todos, geração presente e futura, sofrerem as consequências. Ele assim pontua:**

Quando eu discuto vida inteligente no universo, eu costumo incluir a raça humana, embora muito do seu comportamento através da história parece não ter sido calculado para ajudar a sobrevivência da espécie. Enquanto não está claro que, ao contrário de agressão, inteligência tem qualquer valor de sobrevivência a longo prazo, nossa marca muito humana de inteligência denota uma habilidade de avaliar e planejar não apenas para nós mesmos, mas também para a nossa coletividade futura (...) A guerra na Síria pode não representar o fim da humanidade, mas cada injustiça cometida é um lasca na fachada do que nos mantém unidos. O princípio universal da justiça pode não estar enraizado na física, mas ele não é menos fundamental para a nossa existência. Pois, sem ele, muito em breve, os seres humanos certamente deixarão de existir (HOWKING, 2014)³⁰.

Um dos questionamentos de Howking (2014) é sobre o que a luz emitida da Terra comunica ao universo; ele questiona: “ao olharmos para fora no universo, estamos olhando para trás no tempo, porque a luz que sai dos objetos distantes chega até nós muito, muito mais tarde. O que a luz emitida da Terra hoje mostra?”, e nossa reflexão é, estamos mesmo fazendo o que nos cabe como parte disto, que é um todo, o universo? **Afinal, a singularidade do existir não se trata de um álibi para o egoísmo ou o egocentrismo, mas de que** “viver a partir de si não significa viver para si, mas significa ser, a partir de si, responsavelmente participante, afirmar o seu não-álibi real e compulsório no existir”(BAKHTIN,2010, p.108)

³⁰ Disponível em: 14/ 02/2014< https://www.washingtonpost.com/opinions/stephen-hawking-syrias-war-must-end/2014/02/14/a71dea72-94f0-11e3-83b9-1f024193bb84_story.html?utm_term=.20703e0e9bd1 > Stephen Hawking: Syria's war must end. Acesso em: 10/10/2015

Bakhtin (2010) aborda a unicidade do eu, Howking tem, como objeto de estudo, o universo: afinal, não estariam eles falando da mesma coisa ou da única coisa? Para tomar o léxico em inglês - a Língua Ponte deste trabalho - vejamos: o item lexical *universe*: *uni* tem relação de sinonímia com *one*, que significa um ou uma, em português; *verse*, por sua vez, significa verso, o qual tem relação de sinonímia com as linhas da canção; ou seja, podemos falar de universo como uma única canção e por isso nos perguntamos: estamos de fato tocando a parte que nos cabe desta canção? Afinal de contas,

a existência continuará. É desta existência que participamos, queiramos ou não. Para cada um de nós não haverá outra e por isso ocupamos um lugar singular, próprio irrepetível. E por ele somos responsáveis. Nossos atos representam uma decisão irreversível, irremediável, irrecuperável na sua singularidade de uma única vez e para sempre (GERALDI, 2016, p. 51)

Apesar de se tratarem de estudiosos de campos dispares cujos escritos se deram em momentos distintos, Bakhtin, século XX e Howking, século XXI apontam à questão da responsabilidade do eu sobre o outro nos limites da história, uma vez que cada um é participe de algo que se (re/des) constrói seja por ação ou omissão do eu, o qual atua irrevogavelmente na história (MARX, 1852), na sociedade (DURKHEIM, 1978) e na Cultura (GEERTZ)³¹ uma vez que esta deve ser vista como uma (re/des) construção pela qual todos são responsáveis.

A partir das discussões postas sobre o eu que age no tempo e na sociedade, seguimos ao capítulo que expõe ao leitor o modo como a pesquisa foi conduzida metodologicamente a partir de uma abordagem de cunho etnográfico e os instrumentos usados para a geração dos dados.

³¹ Citado por Mont Mór

3. O MUNDO QUE VOCÊ VÊ DEPENDE DAS LENTES QUE VOCÊ USA: Procedimentos Metodológicos

A pesquisa aqui desenvolvida tem por base a LAC, que nos conduz a uma epistemologia de tradição diferente das bases positivistas de investigação, cujo foco converge para um produto padronizado a qualquer preço, mesmo quando há resistência dos fatores sociais. Consideraremos, aqui, a intersubjetividade, “os significados que os homens, ao interagirem uns com os outros, constroem, destroem e reconstroem”, focando “em aspectos processuais do mundo social em vez do foco em um produto padronizado” (Moita Lopes 1994, p.332).

Assim, dentro da LAC, a metodologia que servirá de base para essa investigação será interpretativista, considerando que os “múltiplos significados que constituem a realidade só são passíveis de interpretação” (Moita Lopes 1994, p.332). Referimo-nos à realidade que envolve atores sociais, que é o caso desta pesquisa e que, diferente dos fenômenos físicos, atribuem valores a si mesmos e aos outros nos diferentes contextos nos quais vivem (Huges, 1990, p. 96).

Nesse percurso, procedemos a um levantamento de dados preliminares sobre a quantidade de pessoas e/ou famílias de imigrantes sírios refugiados no Brasil que se encontram acolhidos pelo programa LAR, da Associação Compassiva, em São Paulo, além de professores voluntários e demais pessoas envolvidas na coordenação projeto. Estamos, aqui, lidando com dados de natureza quantitativa e que são interpretados considerando dados de natureza subjetiva e qualitativa para não incorrer em arbitrariedade e especulação.

A coleta e geração de dados foi realizada a partir de uma abordagem metodológica exploratória, nos diversos espaços do projeto, o ambiente de salas de aula de português e também acompanhamos os participantes em duas formaturas de nível na busca por circunstâncias que pudessem fornecer dados e informações para a pesquisa. Esta busca por informações objetivou uma maior familiaridade com o problema, tornando-o explícito (KAUARK; MAGALHÃES e MEDEIROS 2010, p. 28), partindo do pressuposto de que as questões abordadas, os ambientes envolvidos e os vários sujeitos da pesquisa são lugares de vozes conflituosas, o *design* metodológico que elegemos para o desenvolvimento desse estudo tem por base abordagens teórico-metodológicas do tipo etnográfica, por ser, dentro da LAC um processo guiado pelo senso questionador do pesquisador:

a etnografia é uma forma especial de operar em que o pesquisador entra em contato com o universo dos pesquisados e compartilha seu horizonte, não para permanecer lá ou mesmo para atestar a lógica de sua visão de mundo, mas para, seguindo-os até onde seja possível, numa verdadeira relação de troca, comparar suas próprias teorias com as deles e assim tentar sair com um modelo novo de entendimento ou, ao menos, com uma pista nova, não prevista anteriormente (MAGNANI, 2009, p.135).

As questões aqui postas pela pesquisa, por si só, inclinam-se à etnografia, por compreendermos que seus princípios podem respondê-las; nesse viés assumimos que

Fazer etnografia, portanto, é dar voz a uma minoria silenciosa; é caminhar em um mundo desconhecido; é abrir caminhos passando das contingências para a autodeterminação, para a inclusão na escola, na vida social, no mundo social da existência solidária e cidadã. Fazer etnografia é um pouco de doação de ciência, de dedicação, e de alegria, de vigor e de mania, de estudo e de atenção. Fazer etnografia é perceber o mundo estando presente no mundo do outro (MATTOS, 2011, p.45).

Segundo Erickson (1986), a pesquisa do tipo etnográfica atende a quatro questionamentos: um deles é o que acontece no contexto que se encontra em investigação; o outro, de que modo se organizam os eventos; um terceiro, qual o seu significado para os envolvidos? E, enfim, como isto pode ser transferido, comparado a diferentes contextos?

Seguindo com este olhar, investigaremos a página online da Compassiva³², sobretudo, do programa LAR, bem como o seu endereço na rede social Facebook³³, que constituem também uma fonte de investigação e compreensão do contexto da pesquisa, visto que a priori são alimentadas com base em ações, iniciativas socioculturais, informativos sobre o programa e o alcance de suas iniciativas no intuito de atender a demandas dos refugiados. Além disso, o site disponibiliza depoimentos e experiências, relatadas em formato digital, das pessoas acolhidas pelo programa.

³² Portal da Compassiva: <http://compassiva.org.br>

³³ Página da Compassiva no Facebook: <https://www.facebook.com/compassiva>

Como instrumentos de coleta de dados, foram utilizados questionários discursivos e entrevistas semi estruturadas e, como consequência dessas apostas, algumas narrativas nos saltaram enquanto um tipo textual usado com expediente argumentativo para o sujeito expor a sua posição ante as questões postas.

Os questionários visaram levantar informações demográficas, profissionais, impressões, opiniões e experiências dos sujeitos de pesquisa. As entrevistas desempenham um papel importante na atividade de geração de dados, permitindo-nos o aprofundamento de questões levantadas nos questionários (Lüdke, 2012).

As narrativas enquanto gênero textual se fizeram relevantes para a elaboração desta pesquisa, isso porque, a partir delas, foi possível compreender as vivências e as realidades desses sujeitos em seus processos de ser e de vir a ser, e que puderam ser desvelados em suas respostas narradas, pois mesmo que às vezes inconscientemente, os sujeitos vão deixando pistas a respeito de suas (des/re)construções identitárias.

Com o fim de “corroborar, elaborar ou iluminar o problema de pesquisa” (AZEVEDO, 2013, p.4), lançamos mão da estratégia de triangulação, que significa olhar para uma mesma questão de pesquisa a partir de mais de uma fonte de dados, buscando analisar informações afim, provenientes de diferentes ângulos.

A triangulação pode combinar métodos e fontes de coleta de dados qualitativos e quantitativos (entrevistas, questionários, observação e notas de campo, documentos, além de outras), assim como diferentes métodos de análise dos dados: análise de conteúdo, análise de discurso, métodos e técnicas estatísticas descritivas e/ou inferenciais, etc. Seu objetivo é contribuir não apenas para o exame do fenômeno sob o olhar de múltiplas perspectivas, mas também enriquecer a nossa compreensão, permitindo emergir novas ou mais profundas dimensões (AZEVEDO, 2013, p.4).

Toda a pesquisa foi, deste modo, desenvolvida na LAC, uma ciência que não tem a pretensão de trazer respostas prontas, mas que vê na linguagem “condição para a construção do mundo social e caminho para encontrar soluções para compreendê-lo.” (Moita Lopes, 1990 p. 336), ciente de que “a procura pelo conhecimento absoluto e certo deva ser abandonada e substituída por uma série infinita de interpretações do mundo” (Huges 1990, p.152).

3.1 Para responder onde e quem: locus e sujeitos da pesquisa

O Pesquisador pesquisa sua dor:

Antes de falarmos diretamente sobre o *locus* e o sujeito de pesquisa, gostaria de elucidar o porquê da minha escolha pelos refugiados da Síria, considerando que o Brasil já reconheceu a condição de refúgio de pessoas de 82 nacionalidades distintas, como explicitado mais detalhadamente no capítulo x, que são amparadas por ONG diversas em território nacional.

Em janeiro de 2014, li em um *podcast*, destes do tipo *Learning English*³⁴ que apresenta notícias diversas do mundo ao redor, que 2013 havia sido o pior ano da história para crianças devido um número exorbitante, não me recordo qual, de crianças atingidas direta e indiretamente sobretudo em decorrência de situações de conflitos e catástrofes de naturezas diversas nas regiões da África, América Central, Ásia e Orientes Médio. Aquela matéria ecoa em minha mente desde então.

No ano de 2015 uma cena chocou o mundo: a do menino Aylan Kurdi, de três anos de idade, de origem sírio-curda, encontrado morto na posição de bruços, com o rosto voltado para a areia, em uma praia próxima à cidade de Bodrum. Ele estava entre os 12 sírios que morreram afogados após lançarem-se pelo Mar Mediterrâneo, saindo da cidade Turca, Bodrum, para a Grécia em busca de refúgio da guerra na Síria. Entre os 12 mortos estavam a mãe e o irmão de Ayan.³⁵

Figura 2: Criança Síria encontrada sem vida numa praia



Fonte: <http://mocacrista.blogspot.com.br/2015/09/chorar-com-os-que-choram.html>

³⁴ Tradução: Aprender inglês

³⁵ Informação noticiada por canais de TV e sites diversos como uma cena que chocou o mundo.

Assim, entre as diversas nacionalidades de pessoas acolhidas no Brasil, eu voltei os meus olhos para os refugiados da Síria, talvez na busca por alguma compreensão do quadro acima descrito, ou mesmo tentando assumir, de algum modo, a minha responsabilidade como parte da raça humana em resposta ao apelo de Howking no artigo já discutido na subseção 2.2.

Quanto ao *locus* da pesquisa, a Compassiva surgiu nesse contexto após uma conversa informal que tive com uma amiga, no ano de 2015. Ela me falou do trabalho desenvolvido pela ONG com refugiados da Síria na cidade de São Paulo e entre alguns detalhes relatados me disse da concepção do programa LAR, o porquê do nome e o escopo do trabalho. Meu claro pensamento a partir daquela conversa foi o de que eu precisava ver isso de perto.

Passei então a pesquisar na *internet* sobre o LAR, programa da ONG focado no refugiado da Síria e embora eu tenha, a partir de então, constatado a existência de outras Organizações, inclusive estabelecidas há mais tempo, no amparo ao refugiado não consegui me desvencilhar da Compassiva que havia nascido a partir do entrecruzar da demanda do imigrante árabe por ajuda devido ao contexto da guerra e do desejo de alcançar, de modo compassivo, a necessidade do outro e ajuda-lo a (re)construir um lar .

Vivendo história para contar: Sobre a experiência da geração de dados a partir do aporte teórico metodológico delineado para a pesquisa, saliento que muitos dos registros que constam neste trabalho estão relacionados à experiência vivida nos dias em que estive na Compassiva, quando, finalmente, pude conviver no ambiente que já vinha pesquisando. Foram algumas conversas ao telefone ao longo destes quase dois anos e meio, e-mails trocados e consultas a páginas de *internet*, na busca pela maior aproximação com o objeto de pesquisa e, de algum modo, com as pessoas envolvidas na realização daquilo que o programa LAR oferece ao imigrante, para enfim me lançar a campo, orientada por uma abordagem de cunho etnográfica.

Em etnografia, os dados ditam o caminho teórico a ser conduzido durante as análises e os resultados da pesquisa, suas hipóteses vão sendo construídas progressivamente à medida que os dados respondem ou não às perguntas que os agentes de pesquisa, junto com o pesquisador, formulam diante do objeto pesquisado. Entendemos que a prática de pesquisa etnográfica, assim como de

quaisquer pesquisas, não é, a priori, despida de qualquer fundamentação teórica e/ou metodológica. A própria escolha do objeto de estudo pressupõe estudos anteriores que levem o pesquisador a entender o campo a partir de um olhar que é construído ao longo de sua experiência de vida. (MATOS, 2011,p.37).

Na semana que estive em São Paulo, pude me apresentar às pessoas envolvidas com o trabalho do LAR, tanto as que atuam quanto as que são atendidas pelo programa. A mim foi oportunizado falar frente às turmas do curso noturno para apresentar a eles os formulários e questionários da pesquisa, também pude partilhar com eles do ambiente da sala de aula, das conversas de corredores, da chegada de outros árabes à Compassiva em busca do que o LAR oferece.

Adentrei então ao meu ambiente de pesquisa como quem já faz parte, como na concepção de Junior e Cerqueira (2014, p.3) “A convivência e familiaridade é uma condição prévia para que o trabalho de campo tenha êxito”. As interações aconteceram no processo de organização das formaturas, caminhando até a estação de metrô com árabes e voluntários ao findar das atividades, convivendo com pessoas nos vários ambientes da Compassiva para então contar história, como afirma Kent (1993, p.67), uma etnografia não pode nos dar um vislumbre de realidade que reside além da história contada com a etnografia, pois a história é tudo.

No dia quinze de dezembro de 2017, foram realizadas as formaturas com entregas dos certificados das turmas do primeiro e segundo semestres do ano. Pela manhã, a formatura ocorreu numa sala do Museu da Imigração do Estado de São Paulo, que fica na rua Visconde de Parnaíba, no bairro da Mooca; foi a formatura das turmas de mulheres; à noite, a formatura se deu na sede da Compassiva. Em ambos os momentos, houve muita festa e comida típica árabe, mesa farta, com frutas, sucos, homus e pão sírio. Na turma da manhã, os filhos e filhas acompanharam as mães e todas as crianças receberam presentes por ocasião da aproximação do Natal.

3.1.1 Locus da Pesquisa

Como nasceu o LAR: O Nascimento do LAR está ligado à trajetória do seu fundador André Leitão, uma pessoa que já tinha experiência com o trabalho

prestado a refugiados em outras ONGs e que atuou na ONG *Refuge Egypt*, na cidade do Cairo, por quatro anos, com jovens e crianças sudanesas refugiadas, no programa *Family Support*, que presta ajuda a famílias de refugiados e a jovens e crianças, período no qual aprendeu o árabe egípcio³⁶.

Tendo retornado ao Brasil, no ano de 2013, buscou inteirar-se acerca do trabalho aqui desenvolvido nesta mesma área, a fim de engajar-se, entretanto, percebeu uma carência muito grande de trabalhos realizados na prestação de auxílio e assistência a pessoas em situação de refúgio; surgiu então a necessidade de apoiar uma família de refugiados sírios que estavam vindo para o Brasil, a partir de um contato feito por um amigo do Egito. Ao acompanhar esta família, André percebeu que todas as necessidades dela estavam relacionadas ao trabalho que a ONG do Egito desenvolvia. Foi quando concluiu que estando em seu próprio país ele poderia fazer algo por pessoas nesta mesma condição, com a qual ele se identificava em diversas questões.

Como pessoa que viveu como estrangeiro, ele sabia o que é estar num lugar que você não fala a língua, que você não reconhece o dinheiro, que você não conhece as expressões culturais e corporais que muitas vezes confunde: “parece dizer uma coisa e quer dizer totalmente outra”. A partir desta motivação, André ligou-se a outros amigos que já tinham a intenção de começar a *Compassiva*, que nasce então como uma ONG. O seu foco era, dentro da *Compassiva*, encabeçar o trabalho com refugiados.

André lançou-se então a uma pesquisa de campo em São Paulo, à época, e constatou que havia uma carência de organizações que prestavam ajuda a refugiados. Tendo a *Caritas* como referência do trabalho com refugiados, ele buscou na instituição orientação e informações com relação às maiores lacunas na prestação de atendimento ao refugiado e o informaram que era o curso de português. À época havia uma relação de 200 (duzentos) sírios numa lista de espera para serem matriculadas no curso de língua portuguesa e existia uma outra lista geral com 1000 (mil) pessoas com necessidade de estudar o português.

Nasce então o LAR em 2014, como programa da *Compassiva* voltado ao refugiado da Síria. O primeiro trabalho de atendimento ao imigrante foi o curso de português que começou com três professoras oferecendo aula três vezes por

³⁶ É uma língua variante do árabe falada no Cairo.

semana. O escopo do curso, desde o princípio, era de funcionar como um cursinho de idioma, por isso a maior frequência de aulas semanais, diferente da maioria dos cursos oferecidos por ONGs à época.

As aulas iniciam com sete alunos e, em dezembro de 2017, têm quase cem alunos matriculados e frequentando as turmas.

Figura 3: Formatura: entrega de diplomas



Fonte: pesquisadora

A ONG Compassiva: realiza um trabalho em cinco áreas de demanda: Compassiva nas ruas, Crianças em Ação, Projeto Guri, Esportes e o LAR.

O objetivo principal está expresso na apresentação da Compassiva: “construímos relacionamentos relevantes para criar oportunidades de transformação efetivas buscando resgatar dignidade, valores humanos, esperança e sonhos”.³⁷

O programa Levando Ajuda ao Refugiado (LAR): O dicionário Houaiss mini(2004, pag. 447) define a palavra lar, como sendo o “local onde se acende o fogo na cozinha; moradia familiar; a família; a pátria”, para Abed

“o lar não é só um lugar onde tem segurança, serviços e empatia ou carinho O lar é aquela sensação profunda de pertencimento à terra, que reúne a alma e corpo um

³⁷ Alguns dados e informações sobre a Compassiva aqui apresentados, constam em uma apresentação de Power Point, elaborada pela própria Compassiva, a fim de apresentar o projeto da ONG aos diversos seguimentos da sociedade.

anel onde sente o poder da sua existência. Como Palestina, para mim, Quando eu volto para palestina, estarei no lar”³⁸

O LAR, segundo apresentação de Power Point montada pela Compassiva para mostrar o trabalho da ONG

nasceu como uma resposta às necessidades mais básicas e urgentes de refugiados e solicitantes de refúgio sírios em solo brasileiro, sobretudo na cidade de São Paulo. Seu objetivo é amparar essas pessoas e auxiliá-las em sua adaptação e inserção em nossa sociedade, proporcionando um ambiente de aprendizado e convivência que seja mais do que simplesmente um lugar seguro.

Através de algumas iniciativas, o programa LAR tem assumido o compromisso de se envolver como parcela de solução para aqueles que estão sendo afetados por conflitos, atendendo a estes imigrantes que buscam abrigo e oferecendo-lhes esperança para conseguirem reconstruir seu lar neste novo país. (COMPASSIVA, 2017)

As frentes de trabalho da Compassiva são: curso de português, assistência jurídica, trabalho e amparo. O curso de português conta com turmas mistas com aulas três vezes na semana: segunda, quarta e sexta, das 19:00h às 20:30h e turmas só de mulheres com aulas duas vezes por semana: segunda e sexta, das 09:30h às 11:00h. No ano de 2017, o Curso chegou a ter 220 alunos matriculados. No mês de dezembro de 2017, as turmas contavam com quase cem alunos e cerca de 15 crianças que são assistidas pelo programa, enquanto suas mães estão em sala de aula.

A assistência jurídica presta apoio para a retirada de documentos e revalidação de diplomas com o apoio da Acnur. Em 2017 somaram-se 46 de solicitação de revalidação de diplomas, como segue:

³⁸ Resposta dada por Abed quando perguntei qual a sua concepção de lar, numa conversa informal, via *software* para *smartphones* utilizado para troca de mensagens de texto instantaneamente,

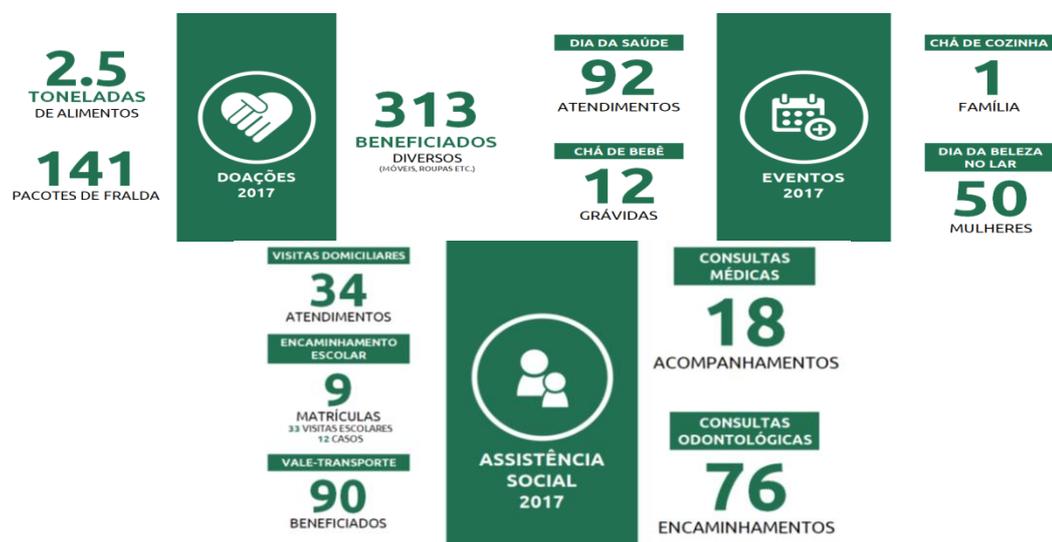
Figura 4: Revalidação de diplomas



Fonte: COMPASSIVA, 2017

O Amparo trabalha, sobretudo, com doações, realização de eventos e assistência social, ações que implicam em vários desdobramentos de serviços, conforme pode-se observar abaixo:

Figura 5: Programa de Amparo



Fonte: COMPASSIVA, 2017

3.1.2 Sujeitos da Pesquisa

Organizamos o nosso sujeito de pesquisa basicamente em dois grupos: os refugiados da Síria acolhidos no LAR e os funcionários e voluntários da Compassiva que trabalham direta ou indiretamente com o imigrante refugiado.

A fim de manter preservada a identidade dos atores da pesquisa nós pensamos em nomes fictícios para eles. Nossa decisão partiu da mesma razão que nos fez optar pela não utilização de entrevistas videografadas, e pelo uso da ferramenta de filtro na imagem exposta neste trabalho acadêmico. Conforme explicamos na vinheta narrativa registrada no subseção 3.2.2.1

A fim de mantermos maior aproximação com os sujeitos em análise, selecionamos, no caso dos imigrantes, nomes de origem árabe; quanto aos funcionários e voluntários da Compassiva, usamos apelidos do convívio da nossa brasilidade. [No quadro que relacionamos o SC não contém o nome de André Leitão, a quem entrevistamos, mas por entendermos que a abordagem do questionário não contempla seu papel como fundador da Compassiva, não o aplicamos.](#)

Os nomes das pessoas associadas a funções muito específicas - como no caso de André, foram mantidos, por não podermos nos furtar de expor suas atribuições, imprescindíveis ao entendimento das construções e análises realizadas.

Seguem abaixo os quadros que apresentam, de modo esquematizado, os sujeitos da pesquisa. SR (Sujeito Refugiado) ,trata-se do código referência para o sujeito da pesquisa refugiado da Síria e SC (Sujeito Compassiva) é o código referência do sujeito da pesquisa funcionário ou voluntário da Compassiva. A numeração atribuída às siglas é uma forma de individualizar cada sujeito.

Quadro 1- Identificação dos SC

SUJEITOS DA PESQUISA- Brasileiros				
REFERENCIAÇÃO DOS SUJEITOS		DADOS PESSOAIS		
Cód.	Nome	Idade	Sexo	Tempo de trabalho na Compassiva
SC1	Fernanda	29	F	2 anos
SC2	Tita	33	F	1 ano e meio
SC3	Lara	47	F	2 anos e meio
SC4	Lina	34	F	3 anos
SC5	Raquel	26	F	3 anos
SC6	Vini	27	M	2 anos
SC7	Beto	32	M	10 meses
SC8	Gel	26	F	1 ano

SC9	Alê	N/I*	F	1 ano
SC10	Mara	N/I*	F	10 meses
SC11	Lila	23	F	1 ano e 3 meses

*N/I= Não informado

Fonte: dados da pesquisa

Quadro 2- Identificação dos SR

SUJEITOS DA PESQUISA- Refugiados da Síria				
REFERENCIAÇÃO DOS SUJEITOS		DADOS PESSOAIS		
Cód.	Nome	Idade	Sexo	Ano de chegada ao Brasil
SR1	Almir	66	M	2016
SR2	Zayn	28	M	2017
SR3	Samir	25	M	2016
SR4	Abed	29	M	2016
SR5	Kalil	42	M	2015
SR6	Altair	33	M	2016
SR7	Youssef	53	M	2016
SR8	Jamal	45	M	2017
SR9	Aisha	35	F	2015
SR10	Zara	29	F	2016
SR11	Said	17	M	2016

Fonte: dados da pesquisa

Estivemos na Compassiva, na última semana de aula de 2017, período do fechamento das turmas e realização da formaturas, precisávamos, à vista disso, nos posicionar quanto ao público de pesquisa. Elegemos, para a coleta de dados através do questionário, os sujeitos que frequentavam as aulas do noturno, por serem turmas mistas, o que compreendemos ser um fator ampliador de dados para exame, visto que, se trabalhássemos com as turmas do matutino, teríamos apenas mulheres participantes, pois as turmas matutinas são compostas completamente pelo público feminino, conforme melhor explicitamos na subseção 4.5.1 da análise do *corpus*. Desse modo, a disparidade no número de homens e mulheres que responderam ao questionário se dá, antes de mais nada, porque nossa aplicação do questionário foi direcionada ao pessoal que participa das turmas de português do noturno, composta em sua maioria, por homens. Do grupo de imigrantes pesquisado, no universo de 11 pessoas, duas são mulheres, são elas Aisha de 35 anos de idade e Zara de 29 anos de idade.

Esclarecemos que os questionários foram aplicados em três turmas do noturno, turmas com números de alunos variados. O público que nos retornou as questões respondidas foi voluntário a participar e não constituí uma única turma do curso.

3.2 Aprendendo o caminho das pedras: os instrumentos da pesquisa

3.2.1 Questionários discursivos

Na busca por respostas ou mesmo caminhos mais assertivos às nossas questões de pesquisa, adotamos o questionário discursivo como um relevante e podemos dizer, principal instrumento para a geração de dados neste trabalho, visto que ele nos oportunizou focar em aspectos que nos são caros e, ao mesmo tempo, conceder ao sujeito um espaço para que ele vozei aspectos muitas vezes silenciados, ou ainda que já manifestos, saliente o que lhe é importante de forma individualizada, como colocado por Coelho

a possibilidade de acesso, em um mesmo espaço de tempo, a posições de inúmeros sujeitos que, mesmo juntos em um dado espaço físico, se posicionam individualmente, o que garante ainda a regularidade de condições relativas ao momento de demanda de posição (contexto de aplicação do questionário), dificilmente alcançável com entrevistas (COELHO, 2011, p.96).

Em Mello e Rees (2011) encontramos destaque para este instrumento como sendo o mais usado para levantar dados sobre o perfil dos participantes do tipo idade, sexo, profissão, escolaridade, entre outros, como também para investigar o conhecimento, os hábitos, os interesses, as opiniões, as experiências de vida, entre outras particularidades dos participantes da pesquisa. De modo geral, as perguntas podem ser de dois tipos: abertas ou fechadas.

Através dessa ferramenta apreendemos então dados dos perfis dos participantes, tanto dos brasileiros quanto dos imigrantes. As perguntas do questionário foram elaboradas, numa ordem proposital, para não induzir os sujeitos a respostas que, de fato, não condissessem com a prática. Assim, de modo progressivo, os questionamentos buscaram aproximar os sujeitos das questões centrais cujas respostas são buscadas através deste trabalho investigativo. Como pontua Coelho (2006)

não se trata, contudo, de um fazer/obrigar/levar o outro a dizer, em suas respostas (COELHO, 2005), o que se espera ler, mas

sim, de refletir, a partir de um roteiro de questões calcado em passos metodológicos e hipóteses de trabalho, sobre possíveis vínculos entre linguagem, cultura e sociedade e os comportamentos recorrentes no período de observação (COELHO, 2006, p. 92).

Foram então aplicados dois tipos de questionários que, para simplificar a referência, tratamos como: QD1 (questionário discursivo 1), o questionário aplicado aos funcionários da Compassiva e QD2 (questionário discursivo 2), o aplicado aos refugiados da Síria.

Partindo do questionário, nos aplicamos a eleição dos sujeitos e das questões que seriam exploradas nas entrevistas, tomamos, desse modo, o questionário como “um instrumento de trabalho-filtro” como proposto por Coelho (2011, p.96) uma vez que catalogadas “[...] as respostas nele registradas, pode-se passar, caso seja necessário, a uma etapa de entrevista, tendo-se já estabelecido uma amostragem de sujeitos a serem entrevistados” (COELHO, 2011, p.96).

A partir do aqui descrito, passamos a focalizar as questões aplicadas ao questionário a fim de compreendermos a eleição de cada uma delas.

3.2.1.1 Das condições que envolveram a aplicação do questionário voluntários e funcionários da Compassiva/LAR

Para a aplicação do questionário com o público acima referido, tive que abordar as pessoas separadamente, conforme ia sendo apresentada por Fernanda Bernardes, a coordenadora do curso de Português no LAR. Então com cada pessoa eu explicava o propósito do questionário, embora tenhamos redigido um preâmbulo que aparece destacado no próprio documento.

A grande maioria concordou em fazer parte da pesquisa, embora tenham me solicitado um tempo maior para o preenchimento do questionário, alguns deles inclusive, me retornaram as respostas via e-mail.

Explicitadas as circunstâncias que permearam o trabalho com esse instrumento, apresentamos as questões elaboradas e os objetivos delineados a partir de cada pergunta.

Quadro 3- Objetivos das perguntas do QD1 aplicado aos SC

QD1	
Pergunta	Objetivo Pretendido
1. Há quanto tempo trabalha na COMPASSIVA/LAR?	Elaborar um mapeamento acerca de quanto tempo os voluntários/colaboradores atuam na COMPASSIVA/LAR, pois o tempo de vivência vincula-se essencialmente à construção de conhecimentos e à aquisição de experiências em relação ao trabalho (in)direto com os refugiados.
2. Há quanto tempo você atua nessa ocupação na COMPASSIVA/LAR?	Fazer um levantamento acerca do tempo de atuação do voluntário/colaborador <u>naquela ocupação específica</u> , pois esses dados, ao serem entrecruzados com aqueles oriundos das demais respostas, podem nos fornecer informações significativas acerca dos esforços empreendidos e dos resultados alcançados pela Compassiva/LAR.
3. Já desempenhou outros papéis na Compassiva antes de trabalhar diretamente no LAR? ()sim () não Em caso afirmativo, qual (is) e por quanto tempo trabalhou em cada área?	Obter informações acerca do histórico de atuação do voluntário/funcionário da Compassiva, identificando indícios que apontem para suas preferências e/ou para (re)adequações efetivadas em razão, por exemplo, do perfil profissional desse voluntário/funcionário ou de demandas mais emergentes - como, por exemplo, para suprir a falta/ausência de colaborador(es) em determinado programa/setor.
4. Fala outro idioma além do português? ()sim ()não. Em caso afirmativo, qual (is)?	Mapear qual(is) idioma(s) o voluntário/funcionário da ONG utiliza em sua rotina de atuação, e analisar as lacunas ou repercussões suscitadas por esse agenciamento. As respostas engendradas a partir dessa pergunta serão analisadas de modo correlacionado com aquelas formuladas a partir das próximas questões.
5. Qual idioma te auxilia na	Obter informações acerca de quais idiomas são acessados na comunicação

<p>comunicação com os refugiados?</p> <p>() nenhum outro que não o português</p> <p>() Inglês</p> <p>() outro: _____.</p> <p>Comente em quais circunstâncias isso acontece.</p>	<p>com os refugiados e perceber o contexto que demanda/determina essa utilização/alternância. Essa informação poderá ser entrecruzada com as respostas à questão anterior, assim, poderemos compreender, por exemplo, se o voluntário/funcionário usa apenas o português pelo fato de não falar outro idioma senão esse.</p>
<p>6. Se você atua ou já atuou em sala de aula e fala outro idioma, tal idioma te auxilia/auxiliou no ensino do português?</p> <p>() sim () não. Qual idioma é esse? _____</p> <p>Comente em quais circunstâncias isso mais ocorre no processo do ensino do português.</p>	<p>Perceber se, no percurso formativo dos funcionários/colaboradores, eles já atuaram no contexto da sala de aula e se essa atuação produz ressonâncias em relação às estratégias didáticas para superar possíveis dificuldades com a língua que foram encarregados de ensinar.</p>
<p>6. Em sua opinião, qual (is) as maiores dificuldades enfrentadas pelo LAR:</p> <p>a. Assistência Jurídica</p> <p>b. Curso de português</p> <p>c. Amparo</p> <p>d. Trabalho</p>	<p>Mapear, a partir das alternativas apresentadas, as dificuldades com as quais o programa LAR se defronta em sua missão social.</p> <p>Refletir acerca do ordenamento hierárquico dessas dificuldades e de seus impactos em relação à (não)permanência dos refugiados no Brasil.</p>
<p>7. Descreva ao menos uma situação que você acompanhou neste processo de ajuda aos refugiados sírios com relação ao aprendizado da língua que gerou aparente frustração, conquista e identificação do refugiado neste processo de adaptação no Brasil.</p>	<p>Rastrear informações sobre aspectos que emergem ora como um entrave ora como um coadjuvante no processo de aprendizado da língua pelos refugiados, e que também ressoam no modo como eles vivenciam essa condição peculiar de refugiados no Brasil.</p> <p>Observar indícios que apontem para as principais dificuldades enfrentadas/percebidas pela COMPASSIVA em sua atuação social.</p>
<p>8. Relate a sua experiência COMPASSIVA/LAR. Como conheceu o programa, o que tem sido desafiador ao longo deste período de trabalho, quanto tempo por semana</p>	<p>Refletir acerca das motivações que incitam os funcionários/voluntários a se engajarem no trabalho com refugiados;</p> <p>Observar aspectos que indiquem acerca do</p>

<p>dedica ao trabalho no LAR. Sinta-se livre para relatar qualquer fato que considere relevante ao longo da sua experiência</p>	<p>que a compassiva representa para eles (voluntários) e para o que, na concepção deles, representa para os refugiados.</p> <p>Identificar, nas narrativas dos funcionários/voluntários, aquilo que eles compreendem/vislumbram como desafios em relação ao trabalho desenvolvido.</p>
---	--

3.2.1.2 Das condições que envolveram a aplicação do questionário aos refugiados da Síria

O nosso encontro com os refugiados foi realizado em uma casa alugada pela Compassiva, onde funciona a maioria das turmas de curso de português. Aquele momento de interlocução iniciou-se com uma breve contextualização acerca do meu trabalho de pesquisa. Posteriormente, explicitarei aspectos importantes em relação ao questionário discursivo, e enfatizei que os dados coletados seriam utilizados somente para fins acadêmicos, e que a privacidade e o anonimato dos participantes seria resguardada. Avaliamos que seria pertinente reprisar essas informações, ainda que, no layout do questionário impresso, elas tenham sido dispostas com realce, do mesmo modo que no questionário dos funcionários da Compassiva.

Depois de serem feitas as considerações necessárias, entregamos o questionário impresso aos participantes. Disponibilizamos duas versões: uma em inglês e outra em português, para que eles escolhessem o idioma que os deixassem mais confortáveis. Isso porque a fluência dos refugiados se alterna em relação a ambos os idiomas.

Alguns participantes iniciaram o preenchimento após as nossas explicações e entregaram o questionário totalmente ou parcialmente respondido. Em momento algum indagamos acerca das questões que não foram respondidas, uma vez que eu havia mencionado que estaria ali para sanar quaisquer dúvidas em relação às perguntas ali dispostas. Nessa conjuntura, deve-se ressaltar que o silêncio – ou o não dizer – emerge, também, como um posicionamento do participante.

Outros participantes preferiram levar o questionário para casa e respondê-lo sem a presença da pesquisadora, alguns inclusive justificaram que fariam uso do dicionário para responderem.

Seguem planejados objetivos a partir das questões.

Quadro 4- Objetivos das perguntas do QD2 aplicado aos SR

QD2	
Pergunta	Objetivo Pretendido
1. A viagem ao Brasil foi a sua primeira viagem para fora do seu país? () Sim () Não	Observar se o refugiado teve a oportunidade de conhecer outras nações antes de vir para o Brasil ou se a saída do seu país de origem ocorreu em um único momento, compulsoriamente e em condições adversas.
2. Em caso negativa à pergunta 1, qual o país visitado e qual foi o motivo da viagem? País: Motivo da viagem:	Acessar informações acerca do histórico de viagens empreendidas pelo refugiado antes de se efetivar como tal e analisar se essas viagens se correlacionam com os conflitos vivenciados em seu país de origem ou com viagens de turismo ou negócios. Os posicionamentos enunciados a partir dessa pergunta podem indiciar, também, acerca do contato do refugiado com outros idiomas, dentre eles, o inglês, por exemplo.
3. Como você chegou ao Brasil? () sozinho () em grupo	Perceber se o itinerário com destino ao Brasil foi percorrido apenas por ele ou também por outras pessoas, de modo concomitante.
4. Você fala outro idioma além do árabe? () sim () não	Observar se o refugiado possui a prerrogativa de comunicar-se em outro idioma senão o seu.
5. Em caso afirmativo à pergunta 4, Qual(is)?	Mapear e categorizar qual(is) idiomas o refugiado conhece, além daquele falado em sua nação de

	origem.
6. Qual idioma você usou para se comunicar logo que chegou ao Brasil?	Categorizar quais idiomas foram utilizados pelos refugiados ao adentrarem no Brasil.
7. Você precisou ou precisa da ajuda de algum intérprete? () sim () não	Analisar se a comunicação entre o refugiado e os brasileiros torna-se efetiva apenas por intermédio de um intérprete ou se ele consegue se comunicar sozinho. Essa pergunta faz-se pertinente porque entendemos que quando a comunicação fica restrita à presença do intérprete, as dificuldades enfrentadas por esta pessoa podem ter sido ainda maiores. Outro fator é sobre a limitação da inclusão social do refugiado (referimo-nos também ao ingresso no mercado de trabalho, dadas as condições que o impedem de participar de uma entrevista de emprego, bem como quaisquer outras implicações).
8. Em caso afirmativo à pergunta 7, por quanto tempo a ajuda de um intérprete foi necessária? Comente.	Observar questões relativas ao tempo de adaptação e de aprendizado de um novo idioma pelo refugiado. Rastrear informações acerca do processo de imersão nesse novo idioma, até que ele se considerasse apto a desenvolver conversas mais complexas sem a ajuda de um intérprete.
9. Quando você chegou ao Brasil, os brasileiros se dispuseram a falar em outro idioma a fim de facilitar a comunicação?	Perceber se, após a sua chegada ao Brasil, o refugiado encontrou empecilhos em relação à sua comunicação com os brasileiros ou

<input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não	se esse entrave foi atenuado a partir da utilização de uma língua ponte.
10. Em caso afirmativo à pergunta 9, qual o idioma utilizado?	Mapear qual(is) idioma(s) o refugiado utilizou na comunicação com os brasileiros a partir da sua chegada ao Brasil. Essa pergunta poderá nos fornecer dados significativos em relação ao(s) idioma(s) acessados como língua ponte.
11. Já frequentou outro curso de idiomas anterior ao que o LAR oferece? <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não	Observar se o refugiado cursou outra escola de idiomas anteriormente, a fim de saber se contou com outra ajuda no Brasil, ou mesmo se tem interesse em aprendizado de línguas que não apenas diante da situação presente.
12. Em caso afirmativo à pergunta 11, Qual? Onde	Acessar informações acerca da instituição em que o refugiado realizou curso de idiomas (se isso ocorreu em outra ONG, ou com algum professor particular, ou em escola de idiomas, etc.).
13. Há quanto tempo você estuda português?	Estimar o tempo de estudo do refugiado em relação ao português, pois a duração pode indicar aspectos como: i) um contínuo e duradouro aprimoramento da língua ou ii) um certo grau de dificuldade no aprendizado.
14. Você utiliza ainda outra língua para se comunicar no Brasil? <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não	Observar se o refugiado se comunica apenas em português ou se utiliza uma língua ponte para esse propósito.
15. Em caso afirmativo à pergunta 14, Qual?	Mapear e categorizar qual(is) língua(s) o refugiado utiliza para interagir, além do português.
16. Essa língua te ajudou ou tem ajudado no	Perceber se a (outra) língua utilizada pelo refugiado no Brasil

<p>aprendizado do português?</p> <p>() sim () não</p>	<p>interfere no aprendizado do português.</p>
<p>17. Em caso afirmativo à pergunta 16, de qual maneira?</p>	<p>Observar de que modo a (outra) língua utilizada pelo refugiado emerge como coadjuvante no aprendizado do português (se ele utiliza, por exemplo, para sanar dúvidas quando não consegue formular uma pergunta em português, ou se a alternância dos idiomas é, na opinião do participante, necessária ou facilitadora do aprendizado da língua portuguesa).</p>
<p>18. O Governo Brasileiro te ajudou, de alguma forma, no aprendizado da língua brasileira ou na comunicação com instituições, órgãos, serviços sociais, etc.? () sim () não</p>	<p>Rastrear, a partir das respostas dos refugiados, se eles se sentiram acolhidos pelo Governo Brasileiro em relação ao aprendizado da língua, de modo a viabilizar o seu acesso a diversos órgãos/instituições.</p>
<p>19. Em caso afirmativo à pergunta 18, de que modo isso se deu?</p>	<p>Refletir sobre os impactos (positivos e/ou negativos) gerados a partir da (falta de) ajuda do Governo Brasileiro aos refugiados em relação ao aprendizado do português.</p>
<p>20. Como você soube do trabalho da Compassiva/LAR?</p> <p>() amigos</p> <p>() internet</p> <p>() família</p> <p>() instituição, qual?</p> <p>() outro meio, qual?</p>	<p>Acessar informações acerca do encontro do refugiado com a COMPASSIVA, categorizando quais as vias de divulgação que o levaram a conhecer e acessar esse trabalho voluntário.</p>
<p>21. Qual a sua opinião sobre o programa desenvolvido pelo LAR:</p> <p>1. Assistência Jurídica</p> <p>() bom () regular () ruim</p>	<p>Analisar as percepções do refugiado em relação ao trabalho voluntário desenvolvido pelo LAR.</p> <p>Aqui, mencionamos os itens “Amparo” e “Assistência Jurídica” porque a ONG engaja-se no sentido de facilitar o processo de regularização de documentos, orientando os refugiados</p>

<p>Comente</p> <p>2. Curso de português () bom () regular () ruim Comente.</p> <p>3. Amparo () bom () regular () ruim Comente.</p> <p>4. Trabalho () bom () regular () ruim Comente.</p>	<p>em relação aos procedimentos necessários e acompanhamento dos solicitantes de refúgio até a Polícia Federal. Além disso a Compassiva atua para viabilizar a revalidação de diplomas de refugiados, de diferentes nacionalidades, em parceria com o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR). A Compassiva oferece, também, orientação jurídica para retirada de documentos e validação de diploma</p>
<p>22. Você diria: “Eu sou capaz de comunicar meus valores pessoais e minha própria cultura através” do:</p> <p>() inglês () português.</p> <p>Comente.</p>	<p>Observar as percepções do refugiado em relação à(s) língua(s) que ele se sente apto a comunicar questões que são fundamentais para a construção de relacionamentos pautados na compreensão de sua identidade e suas especificidades enquanto estrangeiro.</p>
<p>23. Você diria: “Falar inglês têm me ajudado a me comunicar com brasileiros”? ()sim ()não</p> <p>Comente.</p>	<p>Perceber se o refugiado vislumbra (ou não) o inglês como idioma que viabiliza a sua comunicação com os brasileiros</p>
<p>24. Em quais contextos ocorrem as suas interações em inglês? Pode marcar mais de uma alternativa.</p> <p>() aulas de português () escola de filhos</p> <p>() trabalho () outro, qual?</p>	<p>Mapear e categorizar quais são os contextos em que o refugiado costuma se comunicar em inglês, analisando, assim, aspectos que apontem para sua efetividade como língua ponte.</p>
<p>25. Seu professor de português fala inglês?</p> <p>()sim ()não</p>	<p>Identificar se o professor voluntário utiliza o inglês como língua ponte no processo de ensino-aprendizagem de inglês.</p>
<p>26. Você diria: “Os brasileiros se esforçam para falar inglês como forma de possibilitar a nossa comunicação”?</p> <p>() sim () não Comente.</p>	<p>Observar se o refugiado percebe (ou não) envolvimento/esforço por parte dos brasileiros no sentido de contribuir para uma comunicação mais efetiva do inglês como LP.</p>
<p>27. Tem sido difícil pra você aprender o português?</p>	<p>Analisar, a partir dos posicionamentos enunciados pelos refugiados, se eles se deparam</p>

()sim ()não. Comente.	com dificuldades no aprendizado do português e quais são esses entraves.
28. Como você se sente ou já se sentiu diante da dificuldade de se comunicar em português?	Analisar o posicionamento do refugiado em relação aos aspectos que entravam a sua comunicação em português.
29. Qual foi ou tem sido a experiência mais desafiadora neste processo de adaptação ou acomodação no Brasil?	Identificar aquilo que o refugiado percebe como algo significativamente desafiador em sua vivência no Brasil enquanto refugiado.
30. Se você pudesse descrever ou relatar este processo de acomodação no Brasil em uma palavra, qual seria?	Mapear e categorizar as palavras acessadas pelos refugiados para representar/definir a sua vivência no Brasil, considerando a condição peculiar em que se encontram.
31. Por favor, escreva sobre o seu processo de vinda e chegada ao Brasil. Quais caminhos percorreu para chegar aqui; se o Brasil era a sua primeira opção ou você queria ter ido para outro país como refugiado, qual país seria este e porque; se o governo brasileiro tem ajudado de alguma maneira, como; se você tem se sentido mais “em casa” no Brasil; se você planeja retornar para a Síria. Estas questões colocadas são apenas uma maneira de guiar seu relato, mas sinta-se à vontade para escrever o que entende ser importante partilhar.	Acessar informações mais amplas acerca do itinerário vivenciado pelo refugiado até chegar ao Brasil, rastreando indícios que apontem para as suas percepções/representações em relação ao país, ao (não) acolhimento, às suas perspectivas em relação à (não) continuidade no país, etc. Essa pergunta foi elaborada como uma proposta de enlace discursivo em relação às anteriores, despontando como uma motivação para que o refugiado descreva, espontaneamente, aquilo que julgar pertinente.

3.2.1.3 Como um gênero textual: narrativas (in)esperadas

É importante contextualizarmos as condições que envolveram as narrativas; isso porque elas foram construídas de modo escrito e oral, a partir de algumas das perguntas oriundas dos questionários discursivos e mesmo das entrevistas, não se tratam assim, de um instrumento ou método de pesquisa deste trabalho,

consequentemente, analisamos os dados que nos saltaram em forma de narrativa compreendendo ela como um tipo textual do qual os sujeitos se valeram para responderem aos instrumentos de pesquisa aqui eleitos.

Segundo Bakhtin (2010), todos os campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem, para o autor a língua é empregada em forma de enunciados concretos e cada campo de utilização da língua elabora tipos relativamente estáveis de enunciados, a partir dessa concepção, usamos a expressão gênero textual³⁹ como uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossos instrumentos, afinal,

o trabalho com gêneros textuais é uma extraordinária oportunidade de se lidar com a língua em seus mais diversos usos autênticos no dia-a-dia. Pois nada do que fizemos linguisticamente estará fora de ser feito em algum gênero (DIONÍSIO, MACHADO, e BEZERRA, 2003, p. 35)

Valendo-se da categoria⁴⁰ narrativa, tanto os refugiados quanto os professores da Compassiva elaboraram respostas densas e significativamente ricas em termos de informações, como percebemos, por exemplo, na última e penúltima questão do questionário aplicado aos Sírios, quando propomos: “Sinta-se à vontade para escrever o que entende ser importante partilhar...”. Em relação aos professores da compassiva, propomos: “Relate sua experiência com a Compassiva/LAR (...) Sinta-se livre para relatar qualquer fato que considere relevante ao longo da sua experiência”.

Enquanto gênero discursivo, estas respostas narradas reforçaram os sentidos das respostas dadas a questões objetivas e subjetivas, sobretudo dos questionários, o que para nós ratifica a compreensão de Ricoeur de que:

A estrutura narrativa dá sentido às *práxis* humanas. Sendo a história um conjunto de *práxis* humanas, argumenta-se que a estrutura da narrativa dá sentido a história, com como contribuí para a determinação do si-mesmo, sentido esse que preenche uma das muitas lacunas da identidade (RICOEUR, 1991, p. 107).

³⁹ Não vamos discutir aqui a maior pertinência de termos como gênero textual ou gênero discursivo, que aqui são tomadas como expressões de uso intercambiável. Do mesmo modo não adentraremos às minúcias dos tipos textuais. Queremos através desta subcessão apenas destacar de que modo as narrativas são compreendidas e abraçadas na nossa pesquisa.

⁴⁰ Os tipos textuais abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como : narração, argumentação, exposição, descrição e injunção.

Acreditamos então que as respostas em forma de narrativa foram uma oportunidade que os sujeitos encontraram para vozear o eu, posicionando-se discursivamente neste espaço a eles oportunizado. Neste sentido suas respostas nos possibilitam caminhar para a compreensão de questões relacionadas à subjetividade individual e suas construções de sentido do mundo, pois por meio delas nos saltaram narrativas de circunstâncias que foram lembradas, possibilitando a avaliação da trajetória do si mesmo e suas representações do entorno. Na opinião de Annibal

São resquícios da memória, de sujeitos que contribuem para a composição de múltiplas fases da história e da manutenção dessa memória. Isso ultrapassa a versão única dos fatos e os dados estatísticos que, muitas vezes, pretendem friamente desvendar as fórmulas de convivência e de interações no meio cultural; são os fatos cotidianos, memorialísticos que conforma a cena anteriormente preenchida por vozes que apenas se ocupavam da intenção de legitimar a impressão de harmonia e de linearidade da dialética humana (ANNIBAL, 2009, p.36)

Para exemplificarmos, com uma mostra, essa contextualização, apresentamos um recorte da narrativa de Mohamed ali, quando ele menciona que os brasileiros demonstram um “...amor em lidar com nós sem manifestações falsas...”. O conjunto lexical “com nós” emerge, aqui, como uma variação traduzida do pronome “conosco”. Importante observar que, nesse recorte, o refugiado traz à tona a sua percepção em relação ao tratamento e à acolhida que os brasileiros dispensam aos refugiados, o que se evidencia nas expressões: “amor em lidar” e “sem manifestações falsas”.

É pertinente observarmos com relação às narrativas dos refugiados que elas não foram construídas em seu idioma e, por isso, eles não dispunham de um amplo repertório lexical para que, então, elegessem as palavras mais apropriadas e convenientes em relação àquilo que estavam sentindo/vivenciando. Destacamos que alguns sírios levaram os questionários para casa e acessaram tradutores online para a língua portuguesa, entretanto, essa ferramenta digital nem sempre apresenta versões adequadas de um mesmo termo lexical, e isso se evidencia em trechos transcritos nas vinhetas que apresentamos em nossas análises.

3.2.2 Entrevistas

Entrevista pode ser definida, antes de tudo, uma conversa a dois, ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa do entrevistador. Ela tem o objetivo de construir informações pertinentes para um objeto de pesquisa (MINAYO, 2015, p. 64). E podem ser classificadas, segundo Minayo (2015), em:

- i. Sondagem de opinião- questionário elaborado previamente;
- ii. semiestruturada-que combina perguntas fechadas e abertas;
- iii. aberta ou em profundidade- o informante é convidado a falar livremente;
- iv. focalizada- destina-se a esclarecer um único tópico;
- v. projetiva-que usa dispositivos visuais e a pessoa fala sobre o que vê.

Em nosso trabalho, usamos como estratégia metodológica a entrevista semiestruturada, tendo em vista que essa modalidade possibilita ao indagado um direcionamento quanto as informações que precisaram ser coletadas, contudo, ao mesmo tempo, não engessa o entrevistado impedindo-o de seguir livremente por informações que considera relevante ao contexto abordado.

Foram realizadas três entrevistas, uma mais aberta, em que o sujeito foi convidado a falar mais livremente para coletarmos informações sobre o funcionamento da Compassiva e a organização do trabalho na ONG como um todo, essa feita com a coordenadora do LAR, Fernanda; uma segunda entrevista semiestruturada, com André, o responsável pela criação do LAR, destacamos que entre os sujeitos entrevistados André foi o único a quem não solicitamos o preenchimento do questionário por compreendermos que as perguntas nele postas não contemplavam a abrangência da sua atuação na Compassiva, e uma terceira entrevista, também semiestruturada com um refugiado da Síria, a fim de explorar questões mais pontuais ligadas ao processo de (re)construção da vida no Brasil.

Cabe ressaltar que devido a distância geográfica entre a pesquisadora e os sujeitos de pesquisa, alguns dados foram gerados ou mesmo lapidados através de contatos telefônicos ou via *software* para *smartphones* utilizado para troca de mensagens de texto, vídeos, fotos e áudios instantaneamente através de uma conexão a *internet*. Um modo que a pesquisadora encontrou para se distanciar das lacunas ou equívocos que a ausência de alguns esclarecimentos poderia incorrer. Pois, como afirma Levy (1998) na voz de Silva (2005, p.15) “a Internet amplia as

possibilidades de troca de informação na medida em que permite ao pesquisador compartilhar e interagir com a inteligência coletiva.”

Seguem abaixo as perguntas elaboradas para a entrevista semiestruturada, feita com o SR4, que serviram de base principal para o tópico de análise as múltiplas faces da identidade em um processo de interação entre o eu e o outro.

1. Você poderia descrever um pouco da vida na Síria antes da guerra?
2. Descreva o processo de direcionamento da sua vida ao Brasil como país de refúgio.
3. Como tem sido essa experiência sua em um país de cultura diferente da sua?
4. Você diria que sofreu, um choque cultural diante de alguma situação pela qual passou, poderia compartilhar a experiência?
5. Você se sente acolhido (a) pelos brasileiros? Fale um pouco sobre isso.
6. Em sua opinião, como você é visto (a), tratado pelos brasileiros?
7. Você já construiu relacionamentos de amizade com brasileiros, seja no trabalho, na vizinhança, no LAR, etc...?
8. Você já tinha algum conhecimento básico da língua portuguesa brasileira? Como você descreveria sua experiência de aprendizado do idioma no Brasil
9. Em quais situações você mais usa o português no seu dia a dia? Como isso tem ajudado você a aprender o português?
10. Você já se sentiu discriminado de algum modo por brasileiros, seja por não falar o idioma ou qualquer outro modo de discriminação? Me fala um pouco a respeito disto.
11. Em quais circunstâncias, momentos você mais usa o inglês no seu dia da dia?
12. Você usa o inglês para auxiliar na sua comunicação com brasileiros ou pessoas de outras nacionalidades? relate sua experiência.
13. O aprendizado do português tem feito você se identificar mais com o Brasil, de que forma?
14. Você diria que os brasileiros se esforçam para conseguir se comunicar contigo? De que modo?
15. Qual o idioma que considera que gera maior aproximação entre você e o brasileiro, além do português?
16. Diga o que mudou, na sua visão de mundo, desde que você chegou no Brasil.
17. O que você diria sobre a sua adaptação a cultura brasileira?

3.2.2.1 Vozes com histórias para contar: o porquê da entrevista sem uso de imagem

Para justificarmos nossa escolha pela não utilização de entrevistas vídeo grafadas, relevante instrumento na pesquisa de cunho etnográfico, também utilizada na LAC, nos apropriamos da vinheta narrativa como se segue:

Vinheta Narrativa

Após a formatura das turmas de mulheres na manhã do dia 15 de dezembro de 2018, que ocorreu em uma sala do Museu da Imigração do estado de São Paulo, me envolvi com os voluntários organizando o salão e recolhendo presentes de natal que não foram entregues, porque algumas formandas não compareceram com seus filhos. Após recolhermos os presentes e todo o material que utilizaram para estruturar a cerimônia no salão, nos arrumamos em alguns carros de aluguel de modo a nos deslocarmos à sede da Compassiva com o material que estava em caixas e várias sacolas de presentes que seriam posteriormente encaminhadas às crianças que não haviam comparecido com suas mães. Eu segui no banco de trás de um dos veículos envolta por pacotes, assim como as pessoas que estavam ao meu lado, o fundador da Compassiva e a assistente social da Associação, ao longo do trajeto, seguimos partilhando da alegria da consolidação daquela manhã e ele então falou de como havia sido diferente aquele evento, referindo-se ao comportamento das formandas, comparado a primeira formatura que o LAR havia promovido, ele falou do quanto elas agiam livremente, sorriam de modo aberto e espontâneo e comunicavam-se entre si e entre os brasileiros igualmente, muito diferente do primeiro evento que acontecera no ano anterior quando pareciam sisudas, silenciosas e desconfiadas, quando freavam os sorrisos e deixavam claro que não gostariam de ser filmadas ou fotografadas porque muitos saíram da Síria jurados de morte ou tem parentes e amigos nesta condição. Eu então perguntei a ele o porquê de tal mudança, ele então me disse que acreditava ser a convivência e a confiança que as pessoas através das relações no LAR haviam conquistado, respeitando os alunos com relação as suas reservas e posturas de preservação de suas imagens, a através disso a construção de laços que se estabeleciam nas relações que extrapolavam a sala de aula ou mesmo os limites físicos da Compassiva, pois o LAR se estende ao atendimento de tantas necessidades quais forem requeridas e que, de algum modo, se fizeram muitas vezes sanáveis através dos trabalho dos voluntários. A assistente social, então, seguiu compartilhando histórias e circunstâncias que a levou à escolas para matricular filhos menores de famílias em condição de refúgio, algumas situações nas quais foi, inclusive, acionada pela própria escola por ter sabido do trabalho realizado pelo LAR através da frente de amparo. Ela continuou relatando casos que envolveram atendimento hospitalar e visitas às casas de árabes e seguimos viagem partilhando histórias. Por vezes, o fundador da Compassiva respondeu à perguntas do motorista do veículo que se mostrava curioso com tudo o que ouvia naquele ambiente.

Após esta experiência, nós, seguramente, optamos por não fazer uso de entrevistas vídeo grafadas como forma de preservar o posicionamento prévio dos alunos do LAR, ainda que, tenhamos autorização de uso de imagem. Assim, compreendendo que foram circunstâncias de guerra que os trouxeram ao Brasil e que a preservação de sua imagem pode até implicar na preservação da própria vida, seguimos a geração de dados nos limitando ao registro fotográfico de momentos pontuais, na formatura das turmas mistas, cujas imagens são utilizadas neste trabalho com o uso de filtros que impedem a identificação das pessoas.

3.2.3 Transcrição

A transcrição é um recurso metodológico importante no processo da pesquisa. Entre as possibilidades de convenções possíveis, tomamos posse das normas de transcrição apresentadas por Coelho (2010) fundamentadas em Castilho (2004), Castilho e Preti (1986), e no Projeto da Gramática do Português Falado, Projeto NURC e Preti (1993) para transcrição de toda a sessão da entrevista. Segue, abaixo a tabela com os principais símbolos adotados.

Quadro 5: Da transcrição de dados

Ocorrências	Sinais	Exemplificação*
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	do nível de renda... () nível de renda nominal...
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	e comé/ e reinicia
Entoação enfática	maiúscula	porque as pessoas reTÊM moeda
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	:: podendo aumentar para ::: ou mais	ao emprestarem os... éh::: ...o dinheiro
Silabação	-	por motivo tran-sa-ção
Interrogação	?	eo Banco... Central... certo?
Qualquer pausa	...	são três motivos... ou três razões... que fazem com que se retenha moeda... existe uma... retenção
Comentários descritivos do transcritor	((minúsculas))	((tossiu))
Comentários que quebram a seqüência temática da exposição; desvio temático	-- --	... a demanda de moeda -- vamos dar essa notação -- demanda de moeda por motivo
Superposição, simultaneidade de vozes	{ ligando as linhas	A. na { casa da sua irmã B. sexta-feira? A. fizeram { lá... B. cozinham lá?
Indicação de que a fala foi tomada	(...)	(...) nós vimos que existem...

ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.		
Citações literais ou leituras de textos, durante a gravação	""	Pedro Lima... ah escreve na ocasião... "O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRRElra entre nós"....

*Exemplos retirados dos inquéritos NURC/SP n. 338 EF e 331 D2
Fonte: NURC e Preti (1993)

4. ANÁLISE DO CORPUS DA PESQUISA: um encontro da teoria com a experiência em foco

O capítulo de análise do *Corpus* da pesquisa é o espaço que usaremos para discutirmos os dados gerados, a fim de respondermos as principais questões que guiam esse estudo, e que foram descritas objetivamente na introdução deste trabalho. Ele é composto por 6 seções distribuídas da seguinte maneira: em 4.1 explicitamos nossas categorias de análise; em 4.2 expomos minúcias relacionadas a organização do curso de português do LAR; em 4.3 abordamos alguns aspectos identitários que se evidenciam na interação entre eu e o outro; em 4.4 analisamos narrativas de dois SR a fim de observar suas movências identitárias ;em 4.5 e 4.6 consolidamos gestos analíticos diretamente ligados aos questionários discursivos, QD1 e QD2, respectivamente e então finalizamos o capítulo em 4.7 com a triangulação de dados.

4.1 Porque o não dizer é também o dizer: categorias de análise

Salientamos que, em nossas análises, lançamos mão das categorias dito, o não-dito e pressuposição para subsidiar a leitura de nossos dados, nossa aposta se explica pela necessidade de evidenciarmos aspectos que subjazem aos usos da linguagem presentes no dizer de nossos sujeitos de pesquisa.

Como afirma DUCROT (1984) todo dito condensa, registra e se elabora a partir de um pressuposto , ao passo que o pressuposto funciona como um implícito no enunciado. O não-dito “pode dizer alguma coisa sem, contudo, aceitar a responsabilidade de tê-la dito, o que, com outras palavras, significa beneficiar-se da eficácia da fala e da inocência do silêncio” (DUCROT, 1972, p. 20).

4.2 Um curso estruturado considerando a demanda dos alunos

“[...] ouve tu nos céus, lugar da tua habitação, e faze tudo o que o estrangeiro te
pedir”
(I Reis 8: 43a)

Quem melhor que o estrangeiro para expressar o que ele mesmo necessita?
o curso de português foi estruturado considerando o equilíbrio de questões

culturais, disponibilidade de tempo e o atendimento de demandas com o escopo de possibilitar a aprendizagem do aluno.

O aprendizado da língua portuguesa, no contexto do cidadão refugiado no Brasil, é ainda mais relevante, considerando que “todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem” (BAKHTIN. 2003, p.261-262).

O curso de português no LAR é oferecido três vezes por semana a noite, das 19:00h às 20:30h e duas vezes por semana pela manhã, com turmas exclusivas para mulheres das 09:30h às 11:00h. Desde o início buscou-se estruturar um curso que viabilizasse da melhor maneira o ensino/aprendizado do português.

André: “desde o início a gente sempre quis desenvolver um trabalho que pudesse promover:... um:: um serviço com excelência ao refugiado... então é assim:... ele não tem dinheiro pra ir:: pra uma escola de:: idioma... mas nós vamos oferecer com o mesmo padrão... e aí entra a Lígia:: que é formada em Letras:... que já tem anos de experiência fazendo ISSO:... que escolheu o material didático:... que foi treinando os outros professores que não eram da Área:... e aí foi dando aulas:... e aí o trabalho foi crescendo:... começou com sete alunos... e hoje a gente tem aí... matriculados:: a noite:... oitenta:: e cinco oitenta e seis alunos:... e de manhã vinte e cinco alunos... fora as crianças que acompanham os pais”

Sobre a turma para mulheres, ela conta com um suporte que o curso noturno não tem: voluntárias do programa cuidam das crianças enquanto as mães se dedicam ao aprendizado da língua portuguesa em sala de aula. Esse suporte foi viabilizado porque as mulheres não conseguiam se concentrar durante a aula, pois tinham que levar os filhos para o curso, por não ter com quem deixá-los. Tal contexto dificultava o processo de aprendizagem durante a aula e levava muitas a desistência.

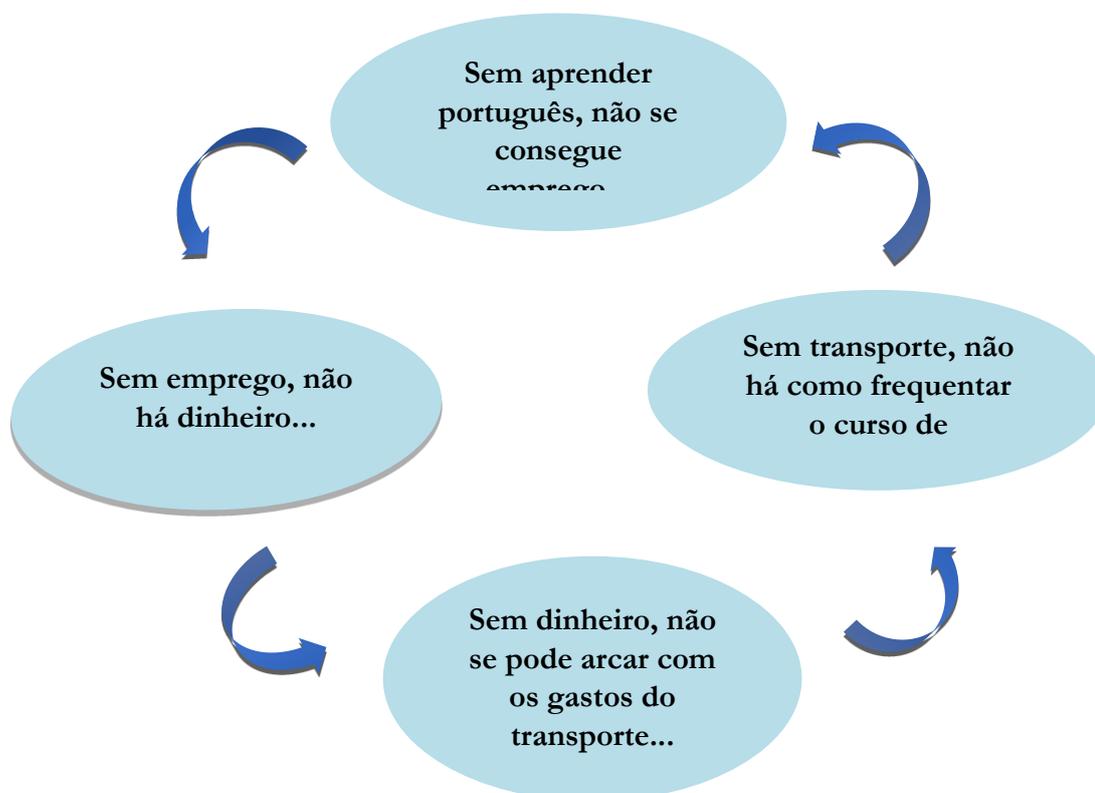
A turma da manhã, exclusiva para mulheres, tem outras razões de ser: muitas mulheres são donas de casa, para elas o horário mais movimentado com relação as tarefas domésticas é o da noite, quando seus filhos e maridos estão chegando do trabalho. Pela manhã o fator facilitador é que os filhos, com idade escolar, estão na escola.

Um outro aspecto que influí diretamente no processo de aprendizagem é relativo a questões culturais dos próprios alunos, que acabam por comprometer o exercício de práticas pedagógicas na sala de aula. A coordenadora do curso das mulheres relatou o seguinte:

Raquel: “Muitos dos nossos alunos vem de culturas árabes e culturas islâmicas, nas quais as mulheres são totalmente submissas aos homens, então elas ficam mais retraídas em sala de aula. Algumas vezes, se estão com o marido perguntamos algo para elas, mas eles naturalmente respondem como se estivéssemos perguntando para eles. Além disso, há uma situação constrangedora se um dos dois do casal avança mais que o outro, pois nem sempre eles aceitam ser separados, menos ainda se quem aprendeu mais rápido foi a mulher. É um pouco humilhante que sua mulher passe para um nível mais avançado que você. Então essas questões também geram um certo desconforto. Mas mantivemos a opção de turma mista à noite pq algumas mulheres preferem estar junto aos maridos ou trabalham e só tem esse horário disponível.”⁴¹

Uma outra providência tomada pelo LAR foi a viabilização do transporte para que os alunos possam se manter frequentando as aulas, pois, por falta de condições para pagar o transporte, muitos abandonavam o curso, o que gera um círculo difícil de ser superado: sem emprego eles não conseguem dinheiro para o transporte, sem transporte eles não têm como frequentar as aulas, sem aprender o português é difícil de arrumar trabalho, assim a cadeia de circunstâncias parece impedi-los de avançar.

Diagrama 1 - A situação dos refugiados: uma cadeia transponível



⁴¹ Esta registro aqui apotado da Coordenadora das turmas de mulheres do curso de português oferecido pela Compassiva foi em resposta a um questionamento feito via *software* para *smartphones* utilizado para troca de mensagens de texto instantaneamente.

Tal situação entretanto tem sido superada pela iniciativa do programa em buscar subsídio para o transporte, então, aqueles alunos matriculados que manifestam tal dificuldade recebem o crédito em seus cartões de transporte para poder frequentar as aulas.

Um outro aspecto é que o planejamento do curso de português no LAR visa possibilitar aos seus alunos o alcance de uma competência ampla na língua, não apenas nos níveis iniciante e intermediário.

André: “os cursos geralmente são a pequeno a curto prazo que é pra ele conseguir sobreviver no Brasil com o idioma e a gente não quer que ele apenas sobreviva a gente quer que ele consiga voltar a trabalhar na área dele esse é o nosso alvo diante daquilo que a gente quer pegar essa pessoa que vamos dizer tá lá prostrada e a gente poder ajudar a ficar de pé e conseguir andar com as próprias forças pra isso ele tem que conseguir resgatar essa dignidade que foi roubada dele durante o conflito então pra isso eu preciso que ele consiga se comunicar que ele consiga morar e que ele consiga trabalhar”

Assim, buscando respeitar aspectos culturais- e neste processo atuando do modo interculturalmente eficiente (SILVA, 2003)- demandas cotidianas, dificuldades financeiras e intencionando ofertar um curso que de fato possibilite o aprendizado do português, o LAR segue buscando dos próprios refugiados a respostas de como melhor supri-los.

4.3 As múltiplas faces da Identidade em um processo de interação entre eu e o outro

Como brasileira que já vivenciou a experiência de vida em um país de língua e cultura dispare da nossa, posso relatar que tanto a minha visão e expectativa do outro, quanto a visão e expectativa do outro com relação a mim eram carregadas de estereótipos. A primeira abordagem que quase sempre me foi feita, ao longo de quase dois anos morando em Londres, relacionava-se a carnaval, samba e futebol, frustrei a expectativa de 100% das pessoas cuja noção de identidade e cultura brasileira estavam ligadas a tal imagem, porque eu: não gosto de futebol; nunca pulei carnaval e não sei sambar! também não posso me esquecer da Amazônia, lugar mais citado nas primeiras conversas com pessoas de nacionalidades diversas com quem tive contato e, mais uma vez, a frustração. Afinal, como boa brasileira que sou, nunca estive na Amazônia! Tais noções eram desconstruídas após um período

de contato ou, ao menos, vinte minutos de conversa, Monte Mór (2008, p. 162) relata que:

essas imagens indicam, em meio às generalizações frequentemente feitas a brasileiros e estrangeiros, a necessidade de se rediscutir as relações da identidade e da alteridade no contexto cultural em que ambas se constroem.

O refugiado da Síria sente-se acolhido pelo brasileiro, entretanto vez ou outra, em certos círculos de aproximação, ocorrem brincadeiras do tipo: “lá vem o homem bomba!”, Abede relata:

SR4: há piada sempre sabe? todo mundo brinca como... “AH palestino homem de bomba”... tá? homem de bomba... repeTindo... repetindo um dois três eu falei “olha gente... quatro vezes... eu vou fazer bomba mesmo então:: cinco vezes:: matar todo mundo... seis vezes:: (tá bom?) uma piada uma vez... segunda tudo bem... mas porque () começa sempre com piada... ela veio através da ham:: fumaça que israel plantou no mundo inteiro especialmente aQUI no Brasil... comunidade israel... os judeus... eles plantaram tudo isSO... então:: uma piada não é legal tamBÉM... uma vez duas vezes mas (sim) um BOM

Agra (2014) que investigou as revoltas árabes sob narrativas e representações da mídia na imprensa brasileira elucida um porque deste tipo de comportamento do brasileiro afirmando que:

compreende-se que há discursos provenientes da imprensa que corroboram para a manutenção de estereótipos e estigmas em benefício de grupos e ideologias dominantes, sendo desconsideradas pelos meios jornalísticos a heterogeneidade dos povos, as múltiplas identidades que ocupam um mesmo espaço e a diversidade de ideias. (p.74)

Olhares distraídos podem perceber tais brincadeiras de modo tangencial, entretanto, existe uma construção nada ingênua que alicerça a percepção do outro sobre si. O próprio Abed diz não se sentir ofendido (op. cit.), à princípio, com esta natureza de abordagem, que, todavia, se for persistente, pode incorrer em ofensa, como ele mesmo brinca e diz sempre estar disposto a desconstruir certas concepções esclarecendo o porquê de tais estereótipos, como segue:

SR4: “eu entendo... eu explico sempre pra pra pessoas que QUERem ouvir... eu explico... mas as pessoas que não QUERem... só uma pergunta... uma Piada... mas porque eu sou palestino muçulmano olha eu tenho ligação com tudo:: os problemas do mundo... muçulMANo estado islâmico... paLEStino IsRAel e bomba e/ então isso/ isso dá choque pra pessoa... quando existe na festa e... ham:: palestino () ((risos)) “o que ele está fazendo aqui?” é isso... eu falei:: “OH Jesus ()”

Existe, como diz Agra (op. Cit.) um discurso proveniente da imprensa que corrobora para manutenção de estereótipos. Tais discursos são certamente patrocinados pelos mesmos agentes de grupos que investem na manutenção de uma autoimagem incólume.

Tais representações se incumbiam de consolidar imagens de univocidade, unificação, de cujo centro emanavam equilíbrio, ponderação e confiabilidade. Ao se apresentar assim, como um contraste de integridade com o “outro” que se encontra fraturado, multifacetado, com identidade descentrada, a identidade íntegra e constante conquista a posição de “modelo” de credibilidade e sucesso a ser seguido por aqueles que ainda não se estabeleceram ou definiram (MONTE MOR, 2008, p. 169).

Os valores e imagens difundidas cooperam com o modo que o eu identifica o outro e que lida com o outro e, conseqüentemente, influência na imagem que o outro constrói do eu, em um processo que, ao menos à princípio sofre influência direta do conhecimento transmitido pelos agentes difundidores de valores, valores esses que querem impor como absolutos, e que se consolidam, como afirma Grigoletto (2002, p.87-88), citada por Mont Mór (2008, p.171), em seu trabalho sobre o discurso na relação político-cultural entre Inglaterra e Índia, como a “construção de um saber universalizante, tingido de um efeito de sentido absoluto, sobre raças, povos e civilizações”.

O pessoal que trabalha no LAR diz perceber uma aproximação de comportamento das famílias árabes e das famílias brasileiras, por exemplo, no aspecto de serem pessoas que gostam de visitar e receber visitas em casa, que possuem laços familiares fortes. Em meio as interações na Compassiva, eu ouvi da assistente social: “eles (referindo-se aos refugiados) gostam muito de receber pessoas em casa, parecem brasileiros deste sentido”, pode-se perceber aqui relações nas quais as identidades culturais se misturam, como um espaço fronteiro

quase imperceptível. Monte Mór (2008, p. 168) trata essa aproximação como “uma diversidade na qual o limiar entre o “eu” e o “outro” se revela tênue e delicado”.

No processo de construção entre o eu e o outro, André afirma a crença na quebra de paradigmas através dessa interação na relação dos sujeitos, ele diz:

[...] a gente acredita que... como a gente conversava aqui neh? que:: há uma mão dupla de:: receber... ao mesmo tempo que a gente dá:: a gente recebe deMAIS... neh? de encorajamento... de:: de exemplo... de:: de aprender a olhar:: o mundo com:: com outros olhos... e pra PEsoas de outra forma... quebrar estereótipos... quebrar paradigmas... que a gente tem::... então assim... a gente recebe muito...[...] (ANDRÉ)

Nesse universo as diferenças seguem em um processo de ajuste e adaptação, o que gera em certos momentos afastamentos, em outros aproximações entre os mundos dos sujeitos, chegando, para usar a escolha de Monte Mór (2008), a um “limiar”, muitas vezes, entre o eu e o outro, ratificando que a ideia de preservação de uma identidade rígida e isolada de tantos fatores, como os aqui discutidos é inverossímil.

4.4 Identidades que se revelam em movência

Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”. (BAUMAN, 2005, p.17)

Compreendemos que tanto a resposta ao questionário quanto à entrevista vincula-se à tipologia textual narrativa, que é utilizada com expediente argumentativo para o sujeito materializar o seu posicionamento. É importante ressaltar que, em nossa pesquisa, todas as narrativas emergiram de uma provocação ou de um questionamento da pesquisadora. Nesse percurso, há que se mencionar que percebemos que os sujeitos que levaram o questionário para responderem em casa tiveram uma elaboração mais detalhada e engajada nas respostas em relação aqueles que o responderam na Compassiva, ou seja, algumas respostas continham uma narrativa mais densa em termos de informações. Por isso, o nosso fôlego analítico solidifica-se nas transcrições de duas respostas da última questão do QD2. Os textos em análise nos foram enviados via-email e foram transcritos integralmente sem qualquer tipo de formatação. As narrativas aqui presentes foram, por nós,

eleitas para análise, entre todas as respostas, com base no volume de informações que os sujeitos registraram. Acreditamos, contudo, que o que foi colocado em cada questão, por cada um dos participantes da pesquisa, nos é caro visto que são expressões do nosso sujeito, desse modo, buscamos elencar em um quadro, na subseção 4.4.3 os registros dos textos que aqui não foram foco de uma análise mais minuciosa.

QD2- Questão 31: Por favor, escreva sobre o seu processo de vinda e chegada ao Brasil. Quais caminhos percorreu para chegar aqui; se o Brasil era a sua primeira opção ou você queria ter ido para outro país como refugiado, qual país seria este e porque; se o governo brasileiro tem ajudado de alguma maneira, como; se você tem se sentido mais “em casa” no Brasil; se você planeja retornar para a Síria. Estas questões colocadas são apenas uma maneira de guiar seu relato, mas sinta-se à vontade para escrever o que entende ser importante partilhar.

4.4.1 Uma cidade de Jasmim e Paz: análise da narrativa de Almir

Para inaugurarmos essa nossa aposta, apresentamos, a seguir, a resposta do SR1-Almir. Ressaltamos que a narrativa foi construída a partir da questão 31, do questionário discursivo aplicado aos refugiados da Síria(QD2), como posto nos esclarecimentos da presente subseção 4.4.

Damasco é a cidade de jasmim e paz

Eu nasci nesta cidade e eu vivi em um campo de refugiados palestinos se chama Al-Yarmouk campo, que é parte da cidade de Damasco. O campo estava pulsando na vida sempre...dia e noite...Nunca Dorme... Moradores do campo estiveram desfrutando de segurança, paz e amor.

Mas depois a crise na Síria, e da guerra suja o que resultou dela... As coisas mudaram no campo.

Esta guerra suja tem causado muitos dos horrores de moradores do campo ... Perdemos um monte de amigos e conhecidos, entre...” mártir se morta sem culpa própria, Ou em falta, seu destino desconhecido Ou vagabundo não sabe para onde ir ... “ “Bairros e casas se destruídas...”

A maioria da população foi forçada a deixar o acampamento fugiram da morte

Fomos depois da nossa saída do campo para um bairro próximo, mas a guerra continuou, e não parou.

Depois de quatro anos de sofrimento desta crise, decidi procurar um refúgio seguro para a minha família ... Eu escolhi o Brasil, Talvez por causa do meu amor e incentivo para a seleção brasileira de futebol, que bateu a seleção italiana em 1970 e ganhou a Copa do Mundo, ou talvez por causa da minha admiração pela cultura e os povos da América do Sul. Ou talvez o destino Escolheu-nos tão.

Fomos de Damasco para Beirute de carro, e depois de Beirute para Dubai.

O avião nos levou de Dubai para São Paulo E chegamos ao Brasil na noite de 15 de abril de 2016 para iniciar nossa nova vida.

Nos primeiros 45 dias no Brasil, estávamos cansados e nós sofriamos tanto, então pensamos em voltar para Damasco várias vezes.

Mas, apesar do sofrimento que experimentamos naqueles dias, notamos as relações entre os brasileiros e sua bondade em suas relações, simplicidade, espontaneidade, amizade e amor ao lidar com nós e sem manifestações falsas. Mais importante ainda, apesar da multiplicidade de raças e religiões neste país, não vimos qualquer expressão racial entre as pessoas ... uma sociedade em que o racismo é negado ... todos gozam de liberdade pessoal e sem obstáculos e respeito pela liberdade dos outros. Todas essas coisas nos fizeram amar esse povo e este País.

Logo no título da narrativa, Almir apropria-se de uma expressão poética para descrever a sua cidade. Damasco, um dos 14 distritos da Síria, foi denominada pelo Imperador Juliano, como “Cidade do Jasmim”. Existem outros termos também conhecidos, como “Pérola do Oriente”, “Esmeralda do Deserto” e “Cidade Perfumada”⁴². Esta é, também, a capital da Síria, com uma população de xxx habitantes. Ao referenciar Damasco com cidade de jasmim e paz, Almir deixa pistas acerca da representação que ela tem para sua vida. O léxico “paz” surge, aqui, para descrever não a situação atual do lugar em que ele viveu, mas a sua representação do lugar onde nasceu.

No início da narrativa, Almir menciona o campo de refugiados palestinos. Ele apresenta uma ressignificação de um campo de refugiados: “O campo estava pulsando na vida sempre...dia e noite...”. Mais adiante, ele ressignifica, a partir de suas vivências, o termo “Nunca Dorme...”, que muitas vezes é utilizado em contextos onde há guerra, cujas batalhas e dor não permitem um descanso. Entrementes, Almir justifica o uso desse termo de outro modo: “Moradores do campo estiveram desfrutando de segurança, paz e amor”. Assim, na cidade de Almir, o que nunca

⁴² Os termos aspeados são usados para denominar Damasco. Nos movemos a uma breve pesquisa, em sites de busca, das denominações de Damasco, intrigados que ficamos com o título dado à narrativa por Almir. As denominações aqui aspeadas foram encontradas em portais diversos, a partir da página do Google.

dorme é a paz, a segurança e o amor, que se faziam acesos o tempo todo. Todavia, o refugiado narra que “...depois a crise na Síria, e da guerra suja o que resultou dela... As coisas mudaram no campo”. É exatamente nesse trecho da narrativa que percebemos uma alteração no teor da escrita de Almir. Se antes ele usava termos poéticos, agora suas palavras indiciam dor, desespero e destruição, o que se percebe nos termos “guerra suja”, “horrores”, “destruídas”; ele menciona a perda de vários amigos que moravam no campo de refugiados, que, muitas vezes, morriam como mártires, sem culpa. Ele menciona o termo “destino desconhecido” para descrever, certamente, o futuro das pessoas que estavam naquele campo, em Damasco, durante a guerra, apontando para uma condição da qual não se pode fugir, de vida imprevisível, cuja continuidade é incerta, visto que bairros e casas foram destruídos. Essa assertiva se legitima ao lermos o trecho a seguir, em que ele menciona a necessidade imposta de fugir da morte: “A maioria da população foi forçada a deixar o acampamento fugiram da morte...”.

Almir menciona a sua tentativa de continuar na Síria, quando ele saiu do campo de refugiados para ir para um bairro próximo, mas essa tentativa não foi exitosa, uma vez que “a guerra continuou, e não parou”. Percebemos, aqui, uma aliteração, uma vez que “continuar” e “não parar” são termos semanticamente equivalentes. Essa estratégia desponta como uma intenção de Mohammed de enfatizar a constância, a perpetuação da guerra. Prosseguindo em seu texto, ele diz: “Depois de quatro anos de sofrimento desta crise, decidi procurar um refúgio seguro para a minha família ... Eu escolhi o Brasil...”. Interessante observar que, aqui, ele elenca alguns fatores que legitimam a sua escolha pelo país: o amor pelo futebol, “a admiração pela cultura e os povos da América do sul”. Por outro lado, ele confessa que, talvez, a vinda para o Brasil tenha sido provocada pelo destino, quando diz : “Ou talvez o destino Escolheu-nos tão”, deixando indícios de que ele se refere ao contexto do inusitado, cujas alternativas de algum modo se apresentam impostas.

Percebemos, em um trecho da narrativa de Almir, indícios de sua resistência no estágio inicial do processo de reconstrução identitária: “Nos primeiros 45 dias no Brasil, estávamos cansados e nós sofremos (sic) tanto, então pensamos em voltar para Damasco várias vezes”. Aqui, vemos traços de um sujeito que está em conflito, em uma crise de “pertencimento” e “identidade” (BAUMAN, 2005).

Ao chegar no Brasil Almir e sua família não conseguem ter um vislumbre se si mesmos, pois aqui ele não tem referenciais, durante um período encontra-se em

meio a vivências alheias, o outro o vê percebendo elementos diversos, mas ele cai num vazio histórico do eu, até que possa, a partir da superação do primeiro momento de grande estresse (Joseba Achoutegui), enxergar a si mesmo como o outro (GERALDI, 2016), em certa medida, ele enfrenta um difícil período de adaptação.

Almir aponta aspectos específicos a esse processo que acabamos de mencionar: de um lado, estava o sofrimento experimentado ao chegar em uma nação desconhecida, mas por outro lado, ele notava “as relações entre os brasileiros e sua bondade em suas relações, simplicidade, espontaneidade, amizade e amor ao lidar com nós e sem manifestações falsas”. Ele deixa pressuposto, também, que impactaram, nessa negociação, fatores positivos encontrados no Brasil, como a “multiplicidade de raças e religiões”, o fato de não perceber “qualquer expressão racial entre as pessoas ... uma sociedade em que o racismo é negado ... todos gozam de liberdade pessoal e sem obstáculos e respeito pela liberdade dos outros”. Aqui, Almir vai (re)construindo a sua vida, e a sua identidade também vai se (re)construindo, (re)inventando em meio a esse turbilhão de mudanças, em meio a uma crise contínua, um caráter movediço da identidade independente da vontade do sujeito (GRIGOLETO, 2006).

Aqui, faz-se pertinente reprisarmos o postulado de Coracini (2007) de que o indivíduo vai considerar a partir de sua trajetória de vida e experiências, o que vai defini-lo como sujeito, o que vai considerar para construir sua identidade. Almir saiu da terra de jasmim e paz quando ela deixou de lhe oferecer paz, quando a destruição provocada pela guerra sufocou aquele tempo de paz, de tranquilidade. Assim, ao chegar no Brasil, o que lhe atraiu foi aquilo que a sua cidade, na Síria, já não podia mais lhe oferecer: “liberdade”, “respeito”, “amor”, “amizade”, “sem manifestações falsas”, “respeito pela liberdade dos outros”. Esse processo particular de (des/re)construção de identidade tem, como vemos, sido moldado a partir de certos referenciais, em uma busca por segurança em um processo movediço, como Bauman (2005, p.17) pontua que “o ‘pertencimento’ e a ‘identidade’ não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis”.

Para Almir o observar o modo que o brasileiro lida em sua relações fez toda a diferença na sua decisão em permanecer no Brasil, ele relata: “ Nos primeiros 45 dias no Brasil, estávamos cansados e nós sofrimos (sic) tanto, então pensamos em

voltar para Damasco várias vezes.” Observa-se que há aqui um desajuste, um desencaixe, pois o sujeito encontra-se distante do seu “*habitat* natural” (Bauman 2005, p.18), entretanto na sequência da sua narrativa há algo que se apresenta como uma virada discursiva, marcado por uma preposição: “Mas, apesar do sofrimento que experimentamos naqueles dias, notamos...” O que Almir atentou pesou ou poderíamos ousar dizer, tem pesado nas suas decisão de quais caminhos percorrer na trilha do pertencimento e processo de (des/re) construção do si mesmo.

O último parágrafo da narrativa de Almir apresenta um sujeito com habilidade intercultural, que ao observar o outro é capaz de redefinir a si mesmo, de mudar de postura ante seu sofrimento como ele diz “(...) e nós sofremos tanto ...Mais importante ainda, apesar da multiplicidade de raças e religiões neste país, não vimos qualquer expressão racial entre as pessoas ... uma sociedade em que o racismo é negado ... todos gozam de liberdade pessoal e sem obstáculos e respeito pela liberdade dos outros.” Aqui podemos retomar que “Interculturalidade é sempre conhecimento e reconhecimento do outro para aprofundar o auto-conhecimento, sentir e repensar para entender melhor, ou até encontrar, a sua própria identidade” (JANZEN, 1998, p.12).

Almir indicia que as atitudes dos brasileiros provocou em si certa mudança de paradigma. Considerando que o campo relacional perpassa pelo uso da linguagem, podemos interpretar que houve, através da língua, a “desconstrução de hierarquias” (AZIBEIRO, 2003, p.93), no sentido de não privilegiar falantes, a fim de se estabelecer um processo de encontro e a criação de um espaço de aproximação. O refugiado narra que “ (...) as relações entre os brasileiros e sua bondade em suas relações, simplicidade, espontaneidade, amizade e amor ao lidar com nós e sem manifestações falsas... Todas essas coisas nos fizeram amar esse povo e este País.” Houve aqui, através das relações que, indubitavelmente, perpassam pela língua, o estabelecimento de uma ponte, a criação de um caminho que liga o eu ao outro.

4.4.2 Brasil como única alternativa: análise da narrativa de Abed

A análise que segue foi feita a partir da resposta do SR4-Abed à questão 31 do QD2, transcrita na introdução dessa seção 4.4.

Minha historia e longa , mas vou compartilhar o parte mais importante , o brasil foi o unico pais que me deu um visto para chegar normal , o que significado muito para mim , como sirio palestino quase impossivel a viajar para qualquer lugar

Na verdade eu nao tinha pensado o Brasil antes e sabia nada sobre a cultura e tipo da vida , tentei viajar para Europa normal muitas vezes como a maioria das pessoas , mas nao deu certo por outro lado tinha que passar o mar ou pegar um caminho perigoso para sejar bem vindo , um dieto fora da humanidade .

Os informacoes foram claro para quem quer ir para o Brasil , que nao tem amparo especial para voce . voce vai ser igual com os brasileiros e tem que achar emprego e estudar a lingua ate voce consegue um pouco de estabilidade . a gente so precisava uma oportunidade e respito , e eu recebi isso e foi suficiente para mim viajar para ca . porque atraves disso pude manter minha dignidade

E agora eu sinto em casa com todas as pessoas de bom coração , esse tipo de sentimento me encoraja para entrar a comunidade brasileira , lutar com todos os brasileiros para ganhar direitos sociais , igualdade , porque a mesma luta da gente , falta de direito , a gente ainda esta lutando para voltar a nossa terra na Palestina .

Entao eu so tenho que agradecer tudo que eu recebi aqui

O carinho , acolhedor , a simplicidade

E eu espero que vou conseguir fazer algo util aqui para retribuir um pouco

As primeiras palavras de Abed evidenciam que muitas experiências foram por ele vividas ao longo da sua jornada: “Minha historia e longa” ele segue dizendo que vai “compartilhar a parte mais importante”. Compreendemos que esse posicionamento se dá por conta do contexto da pesquisa, como se ele estivesse elegendo o que compreende ser relevante ao que estamos explorando.

Apesar de as questões políticas da região da Síria não terem sido foco da nossa pesquisa depreendemos que, os sírios palestinos enfrentam ainda maiores restrições que os sírios, Abed coloca: “Como sírio palestino quase impossível (sic) a viajar para qualquer lugar”. Ele, assim como Almir, o sujeito da primeira narrativa analisada a partir do QD2, morava na Síria em um campo de refugiados palestinos chamado Al-Yarmuk, ele nasceu naquele campo, em território sírio, entretanto, apesar de se tratar de um campo para refugiados, as manifestações de Abed relacionadas ao Al-Yamurk, em conversas que tivemos, à exemplo de Almir, sempre foram de um lar.

A partir da textualização do sujeito, percebemos que o Brasil não era a primeira opção que Abed havia pensado: “Na verdade eu não tinha pensado o Brasil antes e sabia nada sobre a cultura e tipo da vida, tentei viajar para Europa normal muitas vezes como a maioria das pessoas , mas não deu certo...” todavia, o Brasil acabou por ser a única alternativa para sair do Líbano, onde ele se encontrava em um outro campo de refugiados. Abed expressa que não “sabia nada sobre a cultura e tipo de vida” brasileiros, mas posteriormente, afirma ele: “(...)a gente so precisava uma oportuniidade e respito (sic) , e eu recebi isso e foi suficiente para mim viajar para ca. (sic) porque atraves disso pude manter minha dignidade.” Apesar de não conhecer a cultura brasileira, para Abed, foi mais importante a oportunidade que encontrou de vir para o Brasil o que ele associa a ideia de respeito e dignidade.

Na narrativa em questão a cultura não foi apontada como sendo uma barreira, apesar de não saber nada acerca do Brasil. Diante da longa história de Abed esse fator não parece soar, à principio, como algo difícil de lidar. Para nós isso aponta para a competência intercultural do sujeito diante do universo da diferença, como afirma Janzen, (1998) acerca do conhecimento e reconhecimento do outro para se auto-conhecer, nesse processo Abede tem se reconhecido como um brasileiro que precisa lutar por seus direitos, ele coloca da seguinte maneira:

E agora eu sinto em casa com todas as pessoas de bom coração , esse tipo de sentimento me encoraja para entrar a comunidade brasileira , lutar com todos os brasileiros para ganhar direitos sociais , igualidade , porque a mesma luta da gente , falta de direito , a gente ainda esta lutando para voltar a nossa terra na Palestina .

As suas palavras deixam (entre)ver um sujeito que trilha o percurso do pertencimento. Ele apresenta uma composição do sujeito que é sempre social: “lutar como todos os brasileiros” e individual: “eu me sinto em casa”, além de constantemente fluida, em um processo particular no sentido que:

(...) a partir da própria história de vida, das experiências e, sobretudo, diria a psicanálise, dos traços primários, marca de subjetividade que, de certa forma, definem identificações importantes e parte daquilo que o sujeito vai considerar, ainda que ilusoriamente, a sua identidade. (CORACINI, 2007, p.84).

O pertencimento constitui um processo, um caminhar que é trilhado pelo sujeito (BAUMAN, 2005). Percebemos essa realidade na fala de Abed, que inicia o parágrafo dizendo "e agora eu sinto em casa" e termina com a frase “a gente ainda

esta lutando para voltar a nossa terra na Palestina”. Bauman (2005)descreve esse tipo de sentimento como sendo

O anseio por identidade vem do desejo de segurança, ele próprio um sentimento ambíguo. (...) flutuar sem apoio, num espaço pouco definido, num lugar teimosamente, perturbadoramente, ‘nem-um-nem-outro, torna-se a longo prazo uma condição enervante e produtora de ansiedade. (BAUMAN, 2005, p. 35)

Considerando esse enquadre, observamos que Abede se revela como um sujeito que vive um processo de (re/des)construção identitária em um lugar onde ele diz receber “carinho, acolhedor, a simplicidade” pelo que ele guarda a esperança por fazer algo “para retribuir um pouco”.

4.4.3 Indícios de (re/des) construção identitária e alteridade nos dizeres do SR

Os recortes do quadro abaixo foram eleitos a partir das respostas dos SR à questão 31 do QD2, buscamos destacar trechos associados à atualizações dos conceitos de identidade, alteridade e interculturalidade como seguem.

QUADRO 6- Recortes de dizeres do QD1

RECORTES ⁴³ DE DIZERES DO QD1		
SUJEITO	IDENTIDADE	ALTERIDADE/INTERCULTURALIDADE
SR1	“Mas, apesar do sofrimento que experimentamos naqueles dias, notamos as relações entre os brasileiros e sua bondade em suas relações, simplicidade, espontaneidade, amizade e amor ao lidar com nós e sem manifestações falsas.”	“ todos gozam de liberdade pessoal e sem obstáculos e respeito pela liberdade dos outros. Todas essas coisas nos fizeram amar esse povo e este País.”
SR2	“e meu muito muito importante sonho é continuar doutorado em engenharia de comunicação.”	“Agora, eu quero falar que eu estou muito feliz no brasil e eu tenho muitos sonhos que eu gostaria de fazer aqui”
SR3	“Agora eu trabalho como vendedor em uma loja de eletrônicos e isso ajuda a aprender o idioma, comunicando-se com os clientes e aprendendo gíria”	“O povo brasileiro é um povo de bom coração e não parece racista em relação a pessoas de fora. Não há idéia de voltar para a Síria. Pelo contrário, eu decido trazer minha família aqui.”
SR4	“ o brasil foi o unico pais que me deu um visto para chegar normal , o	“E agora eu sinto em casa com todas as pessoas de bom coração , esse tipo de sentimento me

⁴³ A integra das narrativas se encontra no anexo 5

	que significado muito para mim , como sirio palestino quase impossivel a viajar para qualquer lugar” “Entao eu so tenho que agradecer tudo que eu recebi aqui O carinho , acolhedor , a simplicidade E eu espero que vou conseguir fazer algo util aqui para retribuir um pouco”.	encoraja para entrar a comunidade brasileira , lutar com todos os brasileiros para ganhar direitos sociais , igualdade , porque a mesma luta da gente , falta de direito , a gente ainda esta lutando para voltar a nossa terra na Palestina”
SR5	O SUJEITO NÃO ABORDOU ESSE CONCEITO.	O SUJEITO NÃO ABORDOU ESSES CONCEITOS.
SR6	“the first difficult was the language”	“Now we are searching about a good jod to continone our life, also continone in the portugues to be better in the market.”
SR7	“Francamente quero completar minha vida no Brasil.” “Em final quero dizer eu vim do Brasil para trabalho e complementar minha vida em Brasil. E espero conseguir uma residência permanente rapidamente.”	“Adoro também o povo brasileiro. Ele é agradável e maravilhoso. Eu não planejo retornar para a Síria. Eu prefiro viver Aqui em Brasil.”
SR8	“O governo do Brasil me deu os documentos que me ajuda à ser como Brasileiro”	O SUJEITO NÃO ABORDOU ESSES CONCEITOS.
SR9	∅	∅
SR10	∅	∅
SR11	∅	∅

A identidade do sujeito se dá através da língua (RAJAGOPALAN 2003), o SR6, que optou por responder ao questionário em inglês, explicita que “the first difficult was the language⁴⁴”. Apesar de ele estar no Brasil desde novembro de 2016, há na sua postura um processo de certa resistência (CORACINI, 2007) e apesar de se comunicar em português, ele manifestou em resposta a questão 22 do questionário que é capaz de se comunicar em português, mas que “(...)English is better⁴⁵”. Villaiba Martinez e Hernández (2005) destacam que as condições psicossociais de refúgio podem gerar barreiras para o aprendiz da língua do país de acolhida.

⁴⁴ Tradução: “A primeira dificuldade foi a língua”

⁴⁵ Tradução: “Inglês é melhor”

O SR3 fala do seu trabalho como uma forma de aproximar-se mais da língua, uma vez que ele se comunica em português e, desse modo pode aprender o idioma, inclusive, gírias com seus clientes. Coracini (2007) argumenta que aprender a língua do outro pode significar libertação e cura.

Seguindo a partir deste aspecto podemos vislumbrar também nos dizeres dos sujeitos SR4, SR7 e SR8, um desejo por fazer parte, um anseio por identidade que em SR1 e SR2 também se indicia, em um querer por retribuir o que tem encontrado na forma de acolhida dos brasileiros, como um processo de reconhecimento que Bakhtin (2010, 323) teoriza como: “Eu não posso passar sem o outro, não posso me tornar eu mesmo sem o outro; eu devo encontrar a mim mesmo no outro”.

Para Bauman (2005) o pertencimento é uma tarefa a ser realizada e depende muito mais das escolhas feitas pelo eu diante daquilo que se apresenta a ele. Nesse processo os sujeitos SR3 e SR4 enunciam respectivamente, suas escolhas: “Não há ideia de voltar para a Síria. Pelo contrário, eu decido trazer minha família aqui “ e “Eu não planejo retornar para a Síria. Eu prefiro viver Aqui em Brasil.”

Questões de Identidade mesclam-se a alteridade e interculturalidade , uma vez que o sujeito é social e individual. A identidade se (re/des) constroí de forma culturalmente situada (CORACINI, 2007; BAUMAN,2005; LIMA, 2012; HALL, 1990; GRIGOLETTO, 2006).

Uma vez que o eu inicia e avança por um processo de inscrição na língua/cultura do outro, ele deseja mergulhar no exercício daquilo que compreende ser o seu papel diante do outro. Os dizeres dos SR1, SR3, SR4, SR7 e SR8 materializam a singularidade do existir, como o desejo do eu concreto por realizar algo (BAKHTIN, 2010; PONZIO, 2010; GERALDI, 2016).

4.5 Gestos analíticos a partir do questionário discursivo aplicado aos funcionários da Compassiva

Neste tópico analisamos o QD1, buscando compreender os elementos caros a nossa pesquisa, a nós trazidos pelos funcionários e voluntários da Compassiva.

4.5.1 Perfil do SC

O perfil do SC é composto por maioria feminina, proporcionalmente oposta ao perfil do SR, aqui, entre 11 SC, temos dois do sexo masculino que compõe um público bem mais reduzido com relação ao serviço voluntário, eles aparecem destacados no quadro em tom mais claro.

Quadro 7- Perfil dos SC

Nome	Idade	Formação	Tempo de Compassiva	Ocupação na Compassiva
Fernanda	29	Enfermeira- cursando Mestrado	2 anos	Coordenadora do LAR
Tita	33	Licenciatura e bacharelado em Letras- Especialização em gestão cultural	1 ano e meio	Professora e Coordenadora do curso de português
Lara	47	Serviço Social	2 anos e meio	Assistente Social
Lina	34	Designer	3 anos	Coordenação de comunicação
Vini	27	Cursando Designer	3 anos	Área de Comunicação
Beto	32	Licenciatura em Letras- português/árabe	2 anos	Professor
Gel	26	Analista de sistemas	10 meses	Professora
Alê	Não informado	Enfermeira	1 ano	Professora
Mara	Não informado	Licenciatura em Letras	1 ano	Professora
Lila	23	Relações internacionais	10 meses	Professora
Raquel	26	Licenciatura em Letras	1 ano e 3 meses	Professora e Coordenadora do curso de português para as mulheres

Fonte: dados da pesquisa

Apenas um voluntário ainda não concluiu o curso superior, uma cursa mestrado e uma outra tem especialização, o que demonstra um engajamento de profissionais formados no trabalho voluntário. Eles possuem as mais variadas formações, sendo que quatro, entre os sete que atuam com o ensino de português, possuem formação na área de Letras, um deles inclusive português/árabe. Dos onze SC, sete atuam como professor de português no LAR de modo regular, apenas a assistente social nunca deu aula de português, entre os demais, dois já deram aula por certo período e Fernanda foi para a sala em um caso de falta de um professor voluntário.

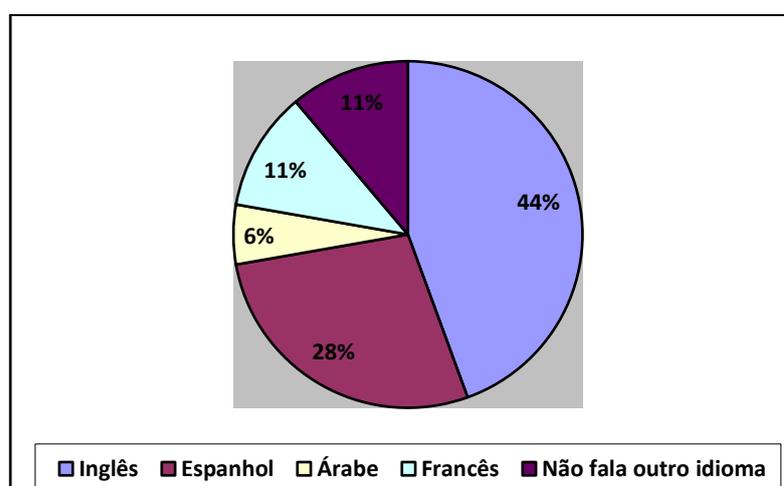
O tempo médio que o nosso SC atua na Compassiva é de um ano e sete meses um tempo razoável , se considerarmos que a Compassiva nasceu em 2013 e que o LAR, como frente de trabalho, em 2014. Podemos aqui considerar que apesar de o trabalho com voluntários ser muitas vezes difícil, a Compassiva conta com alguns voluntários estáveis e constantes com relação ao trabalho no LAR, pois alguns tem trabalhado no programa desde a sua fundação.

O que podemos concluir a partir do perfil do SC é que a Compassiva possui um quadro de pessoas, que pela idade média, 30 anos, já têm certas vivências e um rico leque de formação profissional que coopera para o atendimento de demandas dispares afloradas no dia a dia da convivência e relacionadas as frentes de trabalho do LAR.

4.5.2 O uso do ILP a partir do ILF pelo SC

O gráfico 1 foi extraído da questão 4 do QD1: “Fala outro idioma além do português? ()sim () não. Em caso afirmativo, qual (is)?”

Gráfico 1- Idiomas falados pelos SC além do português



Fonte: dados da pesquisa

Para melhor compreensão dos dados acima é necessário analisá-los observando o quadro 8, abaixo, onde discriminamos o idioma/SC, visto que há sujeitos que falam mais de um idioma, além da língua portuguesa. O percentual

acima aponta todos os idiomas relacionados pelos SC, entre eles o mais falado é o inglês com 44%, seguido pelo espanhol com 28%. Entretanto, se considerarmos que em um universo de onze SC, oito deles falam inglês, temos então o correspondente a um percentual de 72% de sujeitos falantes do idioma.

O quadro que se segue foi gerado a partir das questões 4 e 5 do QD2. Questão 5: Qual idioma te auxilia na comunicação com os refugiados? () nenhum outro que não o português. () Inglês () outro: _____. Comente em quais circunstâncias isso acontece.

Quadro 8- Idioma falado pelo SC e idioma usado na integração com o SR

Sujeitos Idiomas	SC1	SC2	SC3	SC4	SC5	SC6	SC7	SC8	SC9	SC10	SC11
Inglês	X	X	X	○	X	X	X	○	X		X
Espanhol	X	X			X			X			X
Árabe							X				
Francês					X						X
Nenhum				X					○	X	

Fonte: Dados da Pesquisa

Para melhor compreensão do quadro 8 devemos esclarecer que o idioma marcado em X, seja ele destacado em verde ou não, é o idioma que o funcionário da Compassiva registrou em resposta a questão 4 do QD1. O X realçado em verde é correspondente ao idioma que o SC lançou no questionário como o empregado na interação com os refugiados, e o marcado com ○ é o idioma que apesar de não ter sido apontado na questão 4 foi relacionado na questão 5 como a língua usada para se comunicar com o SR, o que perfaz nesse contexto um percentual de 82%, como mostramos no gráfico x , de SC que faz uso do ILF nas suas interações com o SR, o que nos leva a interpretar que ainda que não tenha fluência no idioma, o SC se esforça em usá-lo para se comunicar com o SR.

Seguem transcritos todos os comentário que foram feitos pelo SC à questão 5, sobre o uso do ILF na sua interação com o SR, para maior clareza quanto às respostas elencadas é necessário acompanhar as opções dos sujeitos explicitadas no quadro 9

:

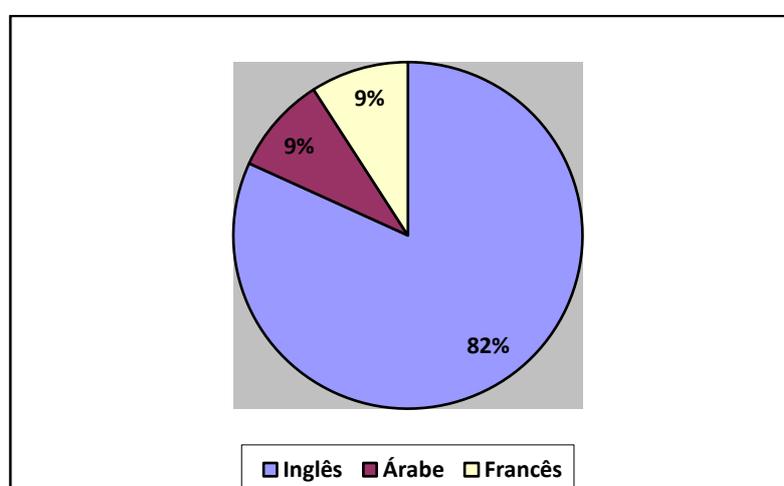
❖ SC2: Quando alunos novos chegam para fazer inscrição no curso, quando precisamos passar algumas informações importantes, quando quero conferir se entenderam um recado que foi dado anteriormente em português.

- ❖ SC3: Quando chegam sem base nenhuma de português. As mulheres que falam inglês são, sobretudo de Damasco. Traduzo eles para fazerem matrícula escolar
- ❖ SC4: No momento eu não tenho muito contato direto com o refugiados, somente quando estou no escritório e algum refugiado vem a Compassiva em horário comercial para informação.
- ❖ SC6: Quando novos refugiados chegam, alguns deles se comunicam em inglês.
- ❖ SC7: Os alunos conversam em árabe entre si e eu compreendo, mas sempre procuro responder em português
- ❖ SC8: Não sou falante, mas conheço um pouco de vocabulário (inglês) o que contribuí para a comunicação.
- ❖ SC11: Principalmente no que tange os alunos novos e recém chegados ao Brasil a forma de comunicação mais efetiva e rápida se dá em inglês, tanto para conversas casuais quanto para informações relevantes e procedimentais.

Entre os registros feitos, o dito pelo SC8 indicia que mesmo o SC que não fala inglês, se utiliza do vocabulário conhecido como modo de “contribuir com a comunicação”, de aproximar distâncias entre os sujeitos, erigindo uma ponte através do uso de léxico conhecido da LI.

O gráfico 2 e quadro 9 foram elaborados com base na questão 6 do QD1: “Se você atua ou já atuou em sala de aula e fala outro idioma, tal idioma te auxilia (ou) no ensino do português? ()sim ()não. Qual idioma é esse? _____Comente em quais circunstâncias isso mais ocorre no processo do ensino do português.”

Gráfico 2: Idiomas usados na interação do SC com o SR



Fonte: dados da pesquisa

Considerando os sujeitos que registraram sua atuação em sala de aula, conforme quadro que segue, nosso universo de professores reduz-se a sete SC, todavia, nossa análise deve desconsiderar as respostas que ficaram em branco para que tenhamos um percentual calculado sobre os que atuam em sala de aula e que registraram o (s) idioma (s) usado (s) para auxiliar no ensino da língua portuguesa, desse modo, entre os seis registros feitos, quatro SC fazem uso de eventuais interações em língua inglesa, o que representa 66,7% do total, resultado que aponta novamente o uso do Inglês como Língua Ponte, desta vez, no contexto direto de ensino do português.

Quadro 9- Idiomas que auxiliam no ensino do português

Sujeitos Idiomas	SC2	SC4	SC5	SC6	SC7	SC8	SC9	SC10	SC11
Inglês	X		X	X	X	○	X		X
Espanhol	X		X			X			X
Árabe					X				
Francês			X						X
Nenhum		NR					○	NR	NR

NR- Não Respondeu

Fonte: Dados da Pesquisa

No quadro 9 o X realçado em azul é correspondente ao idioma que o SC registrou no questionário como o empregado na sala de aula como auxílio ao ensino do português, e o que está marcado em ○, registra o idioma que apesar de não ter sido apontado na questão 4 foi relacionado na questão 6 como a língua usada para facilitar o aprendizado da língua portuguesa em sala de aula, o que aponta que mesmo no caso em que o professor não fala o inglês, ele utiliza-se de conhecimentos da língua para criar links com o português.

Em uma aula que observamos, a professora explicava o assunto de várias maneiras, usando tanto léxico variado quanto gestos, na tentativa de fazer os alunos compreenderem o que era abordado, em um dado momento, quando ela mostrava o modo que o vocábulo 'espera' deve ser usado de forma a não parecer rude, notando a confusão com relação ao entendimento dos alunos, ela então disse: 'wait', e estabeleceu inclusive a diferença entre as palavras espera e esperança, usando, para isso, o léxico em inglês: *wait* e *hope*. Ao fim da aula a questionamos quanto a sua fluência no inglês e ela disse não ter qualquer fluência, que seu conhecimento da língua é mínimo, mas que a auxilia muitas vezes de modo a

cooperar com o processo ensino-aprendizagem, visto que muitos dos refugiados têm fluência ou mesmo algum conhecimento do inglês.

Seguem abaixo todos os comentários de professores sobre o uso ou não do inglês nas aulas de português. Para melhor compreender as justificativas elencadas, faz-se imprescindível o acompanhamento através do quadro 9.

- ❖ SC2: Quando o aluno é iniciante e preciso explicar conceitos gramaticais ou esclarecer algumas regras da língua. Quando preciso ponderar algumas diferenças ou semelhanças entre os idiomas e quando preciso checar se ele entendeu um conceito que foi explicado em português.
- ❖ SC5: Isso ocorre principalmente nas salas iniciais e ajuda a explicar conceitos um pouco mais difíceis ou abstratos. Também ocorre bastante quando o estudante procura certificar-se se entendeu bem a palavra e a traduz para o inglês ou francês
- ❖ SC6: Quando dava aula nas turmas mais básicas, utilizava o inglês para me comunicar ou ensinar palavras básicas- quando eles realmente não conseguiam entender o português apenas. Também costumava utilizar o inglês em aulas de alfabetização . Mais tarde, fomos orientados a não falar inglês em sala.
- ❖ SC7: Acontece quando os alunos percebem alguma palavra da língua portuguesa é próxima da língua árabe, tanto para a pronúncia, quanto para o sentido.
- ❖ SC8: geralmente para explicações em que a tradução já contribuí para o entendimento, quando há elemento correspondente.

Entre os cinco comentários registrados pelos professores, apenas um, o do SC7, que fala árabe, diz não realizar interações em inglês. O que é dito pelos professores, patenteia o uso do inglês na interação e na relação ensino/aprendizagem.

O que constatamos aqui reforça a nossa tese de que, o brasileiro no contexto em foco, faz uso do ILF a fim de estabelecer um caminho de acesso para o refugiado da Síria seja a informações, serviços ou quaisquer outras demandas que requeiram a interação entre sujeitos, criando um espaço polifônico no qual ILF funciona como ILP conduzindo o indivíduo a uma jornada intercultural que o conquista ao aprendizado do português.

4.5.3 Dificuldades enfrentadas pelo LAR

Seguimos analisando as frentes de trabalho do LAR com base nas respostas dos funcionários e voluntários da Compassiva.

Quadro 11- Dificuldades em relação a Assistência jurídica

Em sua opinião, qual(is) as maiores dificuldades enfrentadas pelo lar, em relação a:	Sujeito	Resposta
Assistência Jurídica	SC2	Falta de funcionários remunerados na Compassiva, burocracia, barreira
	SC3-	Linguística, diferenças culturais
	SC4-	Precisa de advogado para dar suporte em outras questões que não sejam apenas trabalhistas. Alguns advogados voluntários que atendam quando solicitados
	SC5-	∅
	SC6	A revalidação de diplomas é a maior dificuldade, sendo o maior carro-chefe da instituição. A falta de recursos afeta a contratação de mão de obra e, conseqüentemente, a rapidez do processo.
	SC7	Trâmites das validações.
	SC8	Não sei como funciona.
	SC9	∅
	SC10	∅
	SC11	∅

Fonte: dados da Pesquisa

A Assistência Jurídica da Compassiva concentra-se, sobretudo no trabalho de revalidação de diplomas, um processo complexo, visto que as universidades possuem trâmites e exigências internas dispares e que muitas nem conhecem os direitos dos refugiados e as leis que regulam essa validação. Assim, a advogada da Compassiva, que atua na ONG como funcionária, precisa, em muitos casos, investir tempo para dar ciência a Universidade requisitada de com se dá o processo de validação.

Essa frente de trabalho da Compassiva é subsidiada pela Acnur e tem sido procurada não apenas por refugiados da Síria, mas por refugiados de outras nacionalidades. Apresentamos no anexo 7, cópia de uma matéria publicada no site da Acnur em 31 de janeiro de 2018 que divulga algumas implicações desse trabalho prestado pela Compassiva. Em um trecho da matéria encontramos:

“Não é apenas um pedaço de papel” diz André Leitão, presidente executivo da Compassiva. “Revalidar o diploma é o primeiro passo para que essas pessoas possam recuperar a sua dignidade, a sua identidade”

André apresenta a validação do diploma como algo que possibilita o resgate de uma vida digna e da própria identidade do indivíduo refugiado, neste processo de (re)construção de sua história no Brasil. Salim, o sírio que aparece na citada matéria, e que teve seu diploma de farmacêutico validado no Brasil, o dele e o de sua esposa, afirma:

“Vários países têm paz. Eu poderia ter achado isso em outros lugares” diz Salim. “Mas eu não encontrei apenas paz o Brasil. Eu encontrei um futuro.”

O dito por Salim indicia que ele tem ciência de que existem vários outros países que não se encontram em estado de guerra, mas que, no Brasil, além de paz, ele encontrou “um futuro”, o que aponta para uma condição de identificação com o país no qual ele vive e onde deposita expectativas para o futuro. Como apontamos no capítulo Identidade e(m) movimento, na subseção 2.1: entrar na língua/cultura do outro em direção ao desconhecido é, segundo Coracini (2007), embarcar em uma conquista também aguçada pelo desejo, pela curiosidade e pela vontade de superar a frustração do não pertencer. Salim tem assim trilhado o caminho do pertencimento.

Apresentamos alguns dados coletados na Compassiva acerca desse serviço prestado, os quais podem ser acessados na subseção 3.1.1 *Locus* da Pesquisa, onde mostramos através da figura 4 o número de processos requeridos, o tempo médio para a revalidação, a demanda por gênero e de quais outros países são os refugiados que tem solicitado ajuda nessa área.

Quadro 10- Dificuldades com relação ao Curso de Português

Em sua opinião, qual(is) as maiores dificuldades enfrentadas pelo lar, em relação a:	Sujeito	Resposta
Curso de português	SC1-	Ter material didático disponível para todos os alunos- sempre chegam alunos novos e nem sempre temos verba para comprar o livro para eles, instabilidade na presença dos alunos (faltam e abandonam o curso com frequência devido a trabalho, distância, questões familiares, financeiras etc), alto custo para frequentar as aulas 3 vezes por semana, trabalhar exclusivamente com professores voluntários.
	SC2	Falta de funcionários contratados e remunerados pela Compassiva, dependência do trabalho voluntário, falta de voluntário, falta de verba para material didático e vale-transporte que garante a participação frequente dos alunos nas aulas, frequência irregular dos alunos devido à vulnerabilidade do público atendido, falta de espaço adequado para as aulas, falta de professores qualificados, diferenças culturais.
	SC3-	Acho que precisa de mais material-livros e que os voluntários não faltem às aulas.
	SC4-	Ter uma pessoa fulltime para a coordenação pedagógica dos cursos de português.
	SC5-	Falta de pessoal qualificado para dar aulas. Falta de recursos para manter os coordenadores de tempo integral. Falta de comprometimento de voluntários na participação de treinamentos. Falta de espaço para novas salas de aula.
	SC6	O ensino de Português básico, devido às diferenças no alfabeto e na fonética. O aprendizado dos alunos que não interagem com não falantes de árabe no dia a dia.
	SC7	Turmas muito heterogêneas, com as mulheres receosas em falar ou ler quando há homens.
	SC8	Não sei como funciona.
	SC9	∅
	SC10	∅
	SC11	∅

Fonte: dados da pesquisa

Destacamos no quadro alguns aspectos em negrito como modo de facilitar a localização de questões enunciadas pelos sujeitos:

i) Dificuldades com relação ao material didático foram registradas pelos SC1, SC2, SC3;

ii) falta funcionários contratados, remunerados - SC1, SC2. SC3, SC4, SC5;

iii) falta de verba -SC1, SC2. SC3, SC4, SC5 ;

iv) dificuldade no aprendizado do português devido a diferenças no alfabeto e na fonética da língua também são apontadas pelos sujeitos, bem como aspectos culturais (SC2, SC6). Como exemplo desses aspectos culturais, apontamos o dizer do sujeito SC7 ao mencionar que as mulheres se mostram receosas para falar na presença dos homens.

A Língua deve ser observada em seus contextos de comunicação, os quais devem ser investigados (PENNYCOOK, 2010; BLOMMAERT E RAMPTOM, 2011; LIMA E ROEPCKE, 2004; SERARGEANT, 2009)

Quadro 12- Dificuldades com relação ao Amparo

Em sua opinião, qual(is) as maiores dificuldades enfrentadas pelo lar, em relação a:	Sujeito	Resposta
Amparo	SC1-	Conhecer os alunos e suas demandas individualmente, necessitar de doações frequentes para manter o atendimento (cestas básicas, itens de higiene, fralda, vale transporte), comunicação para entender problemas e necessidades enfrentadas .
	SC2-	Falta de funcionários remunerado na Compassiva, falta de verba para comprar cesta básica e outros itens, falta de espaço para receber e organizar doações, barreira linguística, diferenças culturais, falta de voluntários.
	SC3-	Necessidade de pessoal para fazer intervenção social.
	SC4-	Ter uma pessoa fulltime para a coordenação geral dessa área.
	SC5-	Falta de espaço para armazenamento de doações
	SC6	Não estou muito a par das dificuldades do amparo, mas diria que o baixo número de voluntários.
	SC7	Não tenho detalhes.
	SC8	Não sei como funciona.
	SC9	∅
	SC10	∅
	SC11	∅
	SC12	∅
	SC13	∅

Fonte: dados da pesquisa

Quadro 13- Dificuldades em relação à frente de Trabalho

Em sua opinião, qual(is) as maiores dificuldades enfrentadas pelo lar, em relação a:	Sujeito	Resposta
Trabalho	SC1-	Equipe de voluntários reduzida , diferenças culturais entre os processos seletivos do Brasil e dos países de origem do refugiado, o longo processo oneroso da revalidação de diploma – que muitas vezes nos impede de indicar alguém com uma alta qualificação para uma vaga, networking, nível iniciante do português
	SC2-	Falta de funcionários remunerados na Compassiva, barreira linguística, diferenças culturais, falta de voluntários capacitados.
	SC3-	Falta mais pessoal.
	SC4-	∅
	SC5-	Falta de pessoal
	SC6-	Também diria que o baixo número de voluntários.
	SC7-	Não tenho detalhes.
	SC8-	∅
	SC9-	∅
	SC10-	∅
	SC11-	∅

Fonte: dados da pesquisa

A partir da observação dos registros, fica evidente que a maior dificuldade enfrentada pelo LAR, comum a todas as frentes de trabalho está ligada a escassez de recursos, sobretudo financeiros, como destacados nos quadros relativos às frentes de Amparo e de Trabalho. Trazemos os dizeres de SC2 que ao registrar a “Falta de funcionários remunerados na Compassiva, barreira linguística, diferenças culturais, falta de voluntários capacitados” sumariza as demandas tematizadas nos dois últimos quadros pelos demais sujeitos, o que confirma a escassez de políticas públicas que subsidiem a inserção do sujeito refugiado na sociedade envolvente.

4.5.4 Identidade, alteridade e Políticas linguísticas indiciados pelo SC

Partindo da compreensão de que a língua é a necessidade primeira desses indivíduos, a ausência de ações subsidiadoras dessa demanda implica na escassez de políticas linguísticas efetivas. Como indício dessa problematização, transcrevemos, no quadro a seguir, as respostas dos professores à questão 8 do QD1, cujos dizeres versam, sobre a falta de recursos, quando a pergunta visa acessar frustrações e conquistas relacionadas ao aprendizado da língua.

Oportunamente, destacamos em cores as atualizações que os sujeitos fazem, em seus dizeres, sobre os conceitos de identidade, alteridade e políticas linguísticas (**IDENTIDADE ALTERIDADE POLÍTICAS**).

Quadro 14- Transcrição de respostas do SC ao QD1-questão 8

Qd1 Questão 8- Descreva ao menos uma situação que você acompanhou neste processo de ajuda aos refugiados sírios com relação ao aprendizado da língua que gerou aparente frustração, conquista e identificação do refugiado neste processo de adaptação no Brasil.

SC1

Durante este tempo de um pouco mais de dois anos que estou na Compassiva já vivenciei experiências boas e ruins. Uma situação que me causa frustração é ter contato com alguns alunos que frequentam a mais de um ano e meio as aulas, que são frequentes, mas que ainda possuem um nível muito básico de português. Temos incentivado que eles pratiquem português fora do ambiente da Compassiva, mas muitos deles acabam tendo contato com brasileiros exclusivamente aqui (alguns se mantêm muito fechado dentro da comunidade árabe). Quanto aos sentimentos de conquista do refugiado são mais em momentos em que consigo ter uma conversa em português (mesmo que muito simples) com alguém que não entendia nada antes ou ainda, quando numa festa de encerramento, uma aluna falou que nós éramos a família dela aqui no Brasil. Ver pessoas que já estão seguindo uma vida “normal” e aculturados em muitos aspectos também traz um sentimento de conquista, pois revela que pudemos contribuir com a adaptação deles aqui, como um facilitador desse processo.

SC2

Frustração: Quando um refugiado não conseguiu revalidar o diploma por não ter passado na prova da universidade, por não ter habilidade suficiente no idioma. Aconteceu com mais de um aluno. Também ficam frustrados quando não aprendem o português tão rápido como gostariam.
Conquistas: Quando conseguem revalidar o diploma universitário. É uma grande conquista. Ao final do ano, quando terminamos o curso de português e entregamos os certificados, eles se sentem realizados e com sensação de ter conquistado algo aqui no Brasil. É uma festa muito gratificante de participar. Também se sentem realizados quando tiram boas notas nas provas ou quando percebem que evoluíram no português e que isso tem possibilitado mais oportunidades aqui no Brasil

SC3

⊖

SC4

Acho as histórias dos refugiados (não as pessoais) mas a do deslocamento forçado para um país estrangeiro de cultura diferente e sem muita infraestrutura inicial causa frustração geral e certa sensação de impotência. Porém, conforme o refugiado vai se “ adaptado” ao país, a língua e conseguindo se comunicar, além de encontrar vínculos afetivos e de segurança no país, eles conseguem ir se soltando e principalmente sonhando e não perdendo a esperança de reconstruir suas vidas e de seus familiares com dignidade e respeito

SC5

Temos alguns estudantes que são analfabetos em árabe e outros que só conhecem o árabe e, portanto, o alfabeto árabe. Começamos um trabalho de alfabetização dessas pessoas, mas percebemos que os professores voluntários não conseguiam dar continuidade ao processo por quererem aplicar a alfabetização infantil aos refugiados. Isso gerou muita desmotivação e abandono do curso por parte dos refugiados. Não temos material sobre o assunto e, enquanto coordenadora voluntária, tenho que dividir meu tempo entre esse projeto, todas as demandas de um coordenador e com meus trabalhos fora da Compassiva para poder sustentar-me em São Paulo. Isso tem gerado muita frustração, pois, por falta de recursos, não tenho tempo para conseguir desenvolver um material que poderia ser efetivo, nem tempo de treinar professores para atuarem como alfabetizadores.

SC6

durante uma confraternização de voluntários, a coordenadora do curso na época tentou nos ensinar chinês, ocasião em que nos sentimos profundamente identificados com os alunos. Conquista: Quando os alunos adquirem um nível de português capaz de conferir-lhes autonomia.
Frustração: Notas baixas nas provas.

SC7

<p>Houve um momento de ensino do formulário de solicitação de refúgio da Polícia Federal na qual perguntava os nomes do pai e dos filhos. Uma das alunas começou a chorar quando entendeu que deveria colocar o nome deles no formulário. Todos da turma ficaram em silêncio e uma das mulheres a consolou.</p> <p>Eu segui a aula sem tocar no assunto.</p>	
SC8	☉
SC9	☉
<p>SC10</p> <p>Tive uma aluna que não foi alfabetizada no idioma árabe, então a dificuldade foi ainda maior, pois ela não falava nenhuma palavra na língua portuguesa e não tinha coordenação motora suficiente para escrever. Dessa maneira fui mostrando figuras e escrevendo as palavras várias vezes para ela gravar, mas sempre mostrava figuras, na próxima aula, ela não se lembrava mais que palavra correspondia. O que consegui que aprendesse no período que trabalhamos foi escrever o nome dela.</p>	
<p>SC11</p> <p>Uma aluna que não estava satisfeita com sua situação em estar no país resistiu bastante para aprender o idioma e se comunicava sempre que possível em inglês, após um tempo ela entendeu que precisava aprendê-lo e passou a se esforçar para isso, acredito que foi um momento de estar mais adaptada aqui e encarar sua nova realidade e se empoderar nela.</p>	

O Dito por SC1 e SC11, destacado em verde ratifica que a condição de refúgio gera barreiras ao aprendizado da língua do país de acolhida (VILLAIBA MARTINEZ E HERNANDÉZ, 2005), o que para Rajagopalan(2003) é sintomático, pois o apego do falante a sua língua esta relacionado ao significado cultural que ela tem para o sujeito.

O SC5 é Raquel, a coordenadora do curso de português para mulheres, cujas turmas são pela manhã, como colocado, de modo mais minucioso, na subseção 4.2. Apesar de nenhum dos SR, participantes da nossa pesquisa serem analfabetos, constatamos pelos dizeres do SC5 e SC10 que os casos de analfabetismo de pessoas refugiadas da Síria não são muitos, contudo existem, e para nós, esta aqui indiciado que se trata de um público mais feminino, considerando que Raquel trabalha diretamente ligada ao curso de mulheres e que o SC10 marca o gênero do sujeito no seu dito: “tive uma aluna não alfabetizada”.

Na experiência relatada pelo SC7, esta posto que o SR em questão só compreendeu do que se tratavam as questões existentes no formulário da Polícia Federal (PF) naquele momento em sala de aula. Pressupomos que, tendo passado pela PF, procedimento obrigatório na chegada de todo indivíduo que entra no Brasil na condição de refúgio ou em busca do reconhecimento dela, as informações solicitadas no formulário podem não ter sido preenchidas de maneira correta.

Em conversa, o SR5 nos participou que tendo passado pelo processo de preenchimento de papéis na PF, o nome da sua mãe havia sido ignorado, um detalhe relevante para ele, que após as aulas de português tomou ciência e

percebeu do que se tratava, então retornou a PF para fazer a correção no formulário.

No sentido de atenuar circunstâncias diversas que envolve a chegada de refugiados que não falam português, foi firmado um acordo de cooperação técnica entre a Secretaria Nacional de Justiça e a Universidade de Brasília, os detalhes desse acordo podem ser conhecidos em matéria publicada no site da Organização das Nações Unidas no Brasil (ONUBR)⁴⁶ em 15 de dezembro de 2017, na qual o secretário nacional de justiça, Rogério Galloro explicou:

“Percebemos a necessidade da presença de um intérprete para que o solicitante se sinta à vontade, contando com detalhes os motivos que o fizeram buscar o Brasil para viver. Dessa forma, o CONARE poderá analisar com maior efetividade se o caso é ou não um caso de refúgio”.

A partir do aqui exposto e do excerto acima destacado, podemos ter um vislumbre de que a ausência de políticas linguísticas que atendam as demandas dos sujeitos que chegam ao Brasil em busca de azilo, desde os primeiros contatos necessários e obrigatórios aos trâmites legais que envolvem os imigrantes em situação de vulnerabilidade, podem implicar em equívocos e limitação ao atendimento legal de cada indivíduo, visto que o Conare deve analisar caso a caso de pedido de refúgio baseado na história singular do sujeito.

Apesar de destacados em cores diversas os dizeres dos SC relacionados a atualizações de identidade e alteridade, ao lançarmos um olhar mais minucioso sobre as respostas dos sujeitos, percebemos que os conceitos em questão atravessam-se, uma vez que a (re/des)construção do eu envolve a relação com o outro, como em um rastrear de imagens de si e do outro que ocorre na língua/cultura (CORACINI, 2007) a partir de representações internas e concretizada no corpo social (BAKHTIN, 2010).

⁴⁶ Matéria: **Solicitantes de refúgio terão intérpretes nas entrevistas em Brasília**. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/solicitantes-de-refugio-terao-interpretas-nas-entrevistas-em-brasilia/>> Acesso em: 02 de Mar. 2018

4.6 Gestos analíticos a partir do questionário discursivo aplicado aos Sujeitos Refugiados

4.6.1 Perfil dos imigrantes- SR

Nosso grupo composto de imigrantes é, como já pontuamos no tópico 3.1.2 sujeitos da pesquisa, em sua maioria, do sexo masculino, a ordem dos nomes na tabela não tem nenhuma relação relevante de análise, está ligada apenas ao nosso manusear dos questionários de pesquisa. Destacamos com cor mais clara os nomes das mulheres para facilitar a identificação dos sujeitos, por compreendermos que a formação da mulher deve ser considerada em nossa presente análise.

Quadro 15- Perfil profissional dos imigrantes

Nomes	Idade	Formação	Quando chegou ao Brasil	Ocupação na Síria	Ocupação no Brasil
Almir	66	Diploma em Educação e Psicologia	Mar. 2016	Professor	Desempregado
Zayn	28	Mestrado em Engenharia da Comunicação	Fev. 2017	Bancário e Prof. universitário	Setor de computação de uma empresa
Samir	25	Superior incompleto	Set. 2016	Estudante Universitário	Vendedor em loja de celulares
Abed	29	Superior Odontologia	Jun. 2016	Dentista	Prof. de árabe e inglês pela internet
Kalil	42	Mestrado em Ciência	Jul. 2015	Eng. de geradores	Tem uma MEI
Altair	33	Superior em Administração	Nov. 2016	Programador de Software	Programador de software pela internet- não tem trabalho no Brasil
Youssef	53	Superior Arquitetura	Ago. 2016	Arquiteto	Desempregado
Jamal	45	Engenharia Geólogo	Fev. 2017	Trabalhava para o governo como geólogo	Ajudante de vendedor
Aisha	35	Engenharia da Computação	Jul. 2015	Profª de programação	Desempregada
Zara	29	Engenharia em Designer	Jun. 2016	Não trabalhava	Vendedora
Said	17	Estudante secundarista	Mar. 2016	Estudante	Estudante

Fonte: Dados da pesquisa

No Brasil, com exceção de Zayn, nenhum dos outros árabes da nossa pesquisa atua na sua área de formação profissional. Ziayn já demonstra muita competência comunicativa em português- ele informou trabalhar no Setor de Computação de uma empresa em São Paulo, operando, portanto, a partir dos seus conhecimentos de formação profissional, ainda que não seja no mesmo patamar de posição que era empregado na Síria. Said, como estudante secundarista, continua na escola. Samir, não concluiu seus estudos por conta de ter que fugir da guerra.

Almir, embora esteja no Brasil desde 2016, não tem um emprego formal, mas sabemos que ele e a esposa vendem comida árabe por encomenda- provei, na formatura, do *honus* e do pão sírio que eles fazem, muito bom mesmo!- ele relata que tem dificuldade de aprender português, conversamos com ele usando o inglês e pudemos avaliar que ele tem mais segurança de se expressar em inglês, apesar de ter preferido preencher o formulário em português, como esforço para aprender a língua. Ele mesmo externou que levaria para casa para responder como auxílio de um tradutor eletrônico.

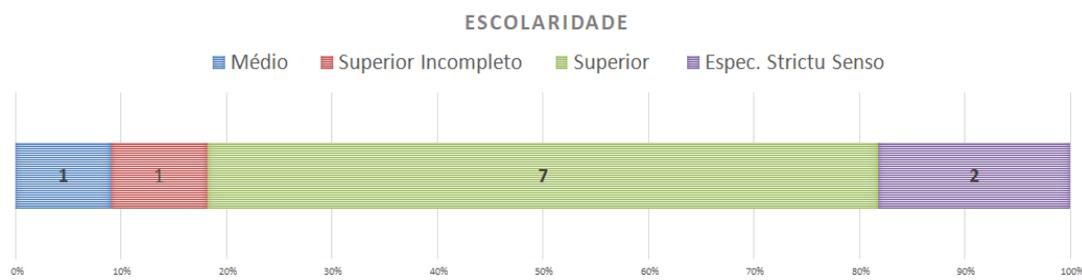
Altair que é programador de software, foi um dos árabes que fez questão de pegar o formulário em inglês para preencher, ele disse, em conversa informal, que emprego no Brasil na área dele não é fácil; vale pontuar que ele sente dificuldade de aprender o idioma, então ele tem feito trabalhos em casa como *freelancer*, como programador de software pela internet.

Kalil tornou-se um microempreendedor individual e possui uma loja, tipo *stand* de vendas de equipamentos eletrônicos: caixinhas de som, fones de ouvido, plugs e conectores diversos, *tablets* entre outras mercadorias. Kalil é esposo de Aisha que não está empregada.

Youssef, relatou estar se esforçando para aprender português, usando agora de uma reserva monetária que possui; que não está procurando trabalho e sim dedicando seu tempo ao estudo do idioma para, posteriormente, procurar algo em sua área de formação.

O que vemos, a partir dos dados, é que, com exceção de Samir, que não concluiu sua formação superior, por causa da guerra, e de Said que tem 17 anos, todos os outros refugiados da Síria tem formação superior, inclusive as mulheres, sendo que dois deles têm mestrado.

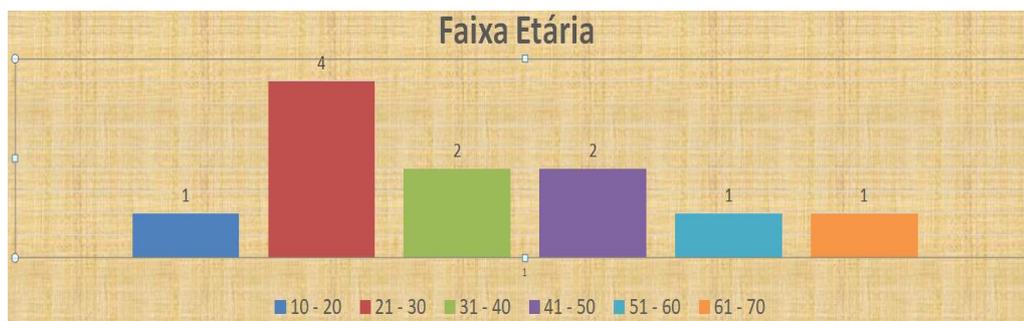
Gráfico 3- Escolaridade



Fonte: dados da pesquisa

Apesar da formação superior de praticamente todos dos imigrantes, a colocação no mercado de trabalho depende, e muito, da fluência no idioma; Zayn, apesar de ter chegado ao Brasil em uma das datas mais recentes do nosso quadro, já atua em sua área, ao contrário de outros profissionais que, apesar de estarem no país há um período maior, ainda não têm fluência no português. Com relação à faixa etária vejamos o gráfico a seguir:

Gráfico 4 - Faixa etária



Fonte: dados da pesquisa

A faixa etária de maior concentração de sujeitos é entre 21 e 30 anos de idade, período etário quando os sujeito graduam e ingressam no mercado de trabalho formal, engajamentos que demandam conhecimento linguístico para o exercício das atividades exteriores ao seio familiar.

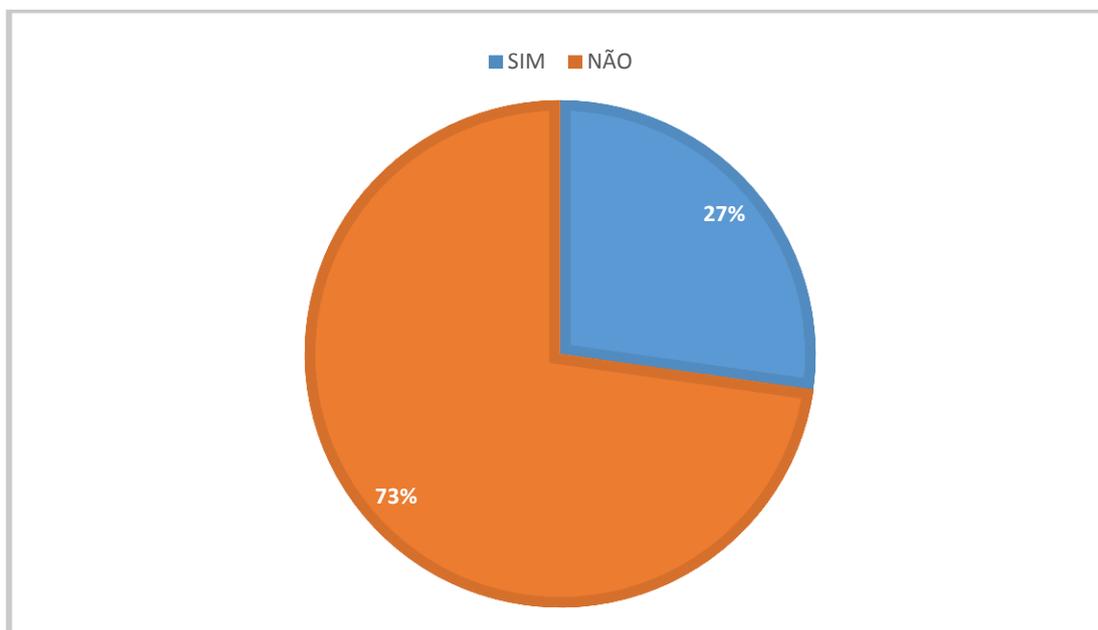
4.6.2 O uso do ILF pelos SR

Com o objetivo de observar se o refugiado teve a oportunidade de conhecer outras nações antes de vir para o Brasil ou se a saída do seu país de origem ocorreu em um único momento, compulsoriamente e em condições adversas, perguntamos,

na primeira questão do questionário destinado aos refugiados, se a viagem para o Brasil foi a primeira realizada para fora do país de origem deles. Após categorizarmos as respostas, notamos que 73% por cento deles já visitaram para outros países.

Vejamos a seguir:

Gráfico 5 – Categorização de respostas à questão 1 do questionário



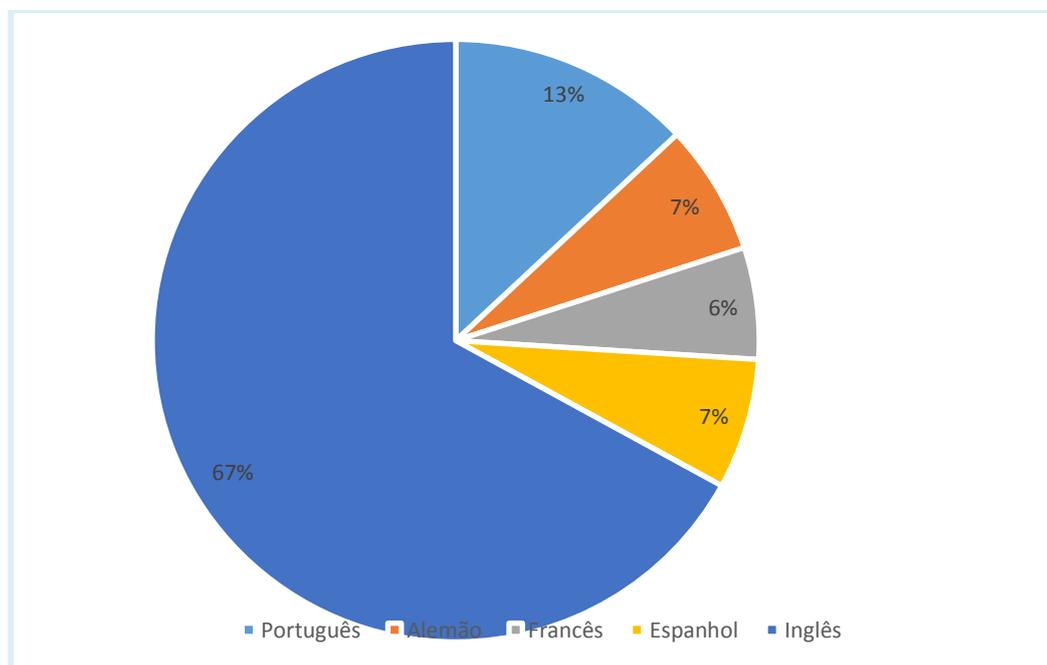
Na questão 2 eles mencionaram os países visitados: Jordânia, Líbano, Romênia, Egito, Emirados Árabes, Yemen, Arábia Saudita, França, Alemanha e Itália. Ao lermos os motivos da viagem para cada país, percebemos que nem todos apresentaram esse histórico, mas, nas respostas daqueles que mencionaram, percebemos que as viagens para países vizinhos à Síria ocorreram com mais frequência, por questões de trabalho e também para turismo.

As respostas construídas a partir dessa pergunta deixam entrever aspectos relacionados ao contato do refugiado com outros idiomas, dentre eles, o inglês, por exemplo. Se compararmos a lista dos países visitados com os dados mencionados no gráfico 5 veremos que existe uma correlação entre as nações visitadas e os idiomas falados pelos refugiados, ou seja, eles viajaram para países que: i) ou tem o inglês como língua franca ii) ou em que se fala o árabe; iii) ou que falam principalmente Francês, Espanhol e Alemão.

Na questão 4 do questionário, perguntamos aos refugiados se eles falam outro idioma além do árabe. Dez deles responderam que sim. Perguntamos, na

questão seguinte, qual idioma eles falam (em caso de afirmativo à questão 4, e, a partir das respostas, elaboramos um gráfico, que as categoriza em cinco idiomas, conforme se observa a seguir.

Gráfico 6 – Idiomas falados pelos refugiados



O gráfico evidencia que o inglês desponta como um idioma falado pela maioria dos refugiados. O português ocupa a segunda posição nesse ranking, sendo falado por 13% deles. Podemos dizer que esse resultado, em certa medida, corrobora a nossa assertiva acerca da efetividade do inglês como língua franca e da sua utilização para intermediar o aprendizado da língua portuguesa pelos refugiados da Síria. Gostaríamos de salientar que cem por cento dos nossos SR falam inglês e que o gráfico, à exemplo que ocorreu com os dados dos SC apresenta-se com os percentuais ora expostos porque o cálculo percentual considera os outros idiomas que também são falados pelos SR.

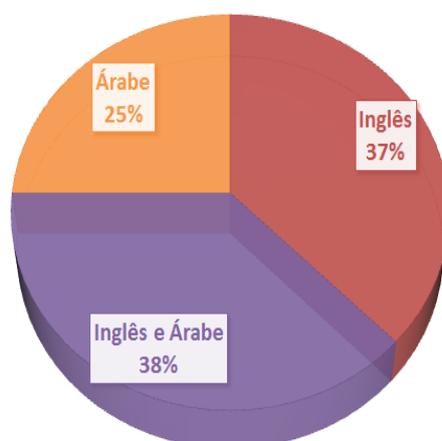
Ao chegar ao Brasil apenas um SR disse não ter necessitado de intérprete, todos os demais precisaram e alguns ainda necessitam. O tempo médio que eles contaram com ajuda de pessoas para traduzi-los em situações diversas foi de seis meses, mas alguns indiciam que ainda contam com ajuda em certas circunstâncias, como por exemplo em caso de matrícula dos filhos na escola.

Segundo os SR os brasileiros se dispuseram a falar outro idioma quando da sua chegada ao Brasil. Entre os onze questionados, um não respondeu e dois

responderam negativamente à questão, o que nos aponta um percentual de 80% para as situações nas quais brasileiros se dispuseram a falar outro idioma que não o português para se comunicarem com o refugiados e, 89% dos refugiados apontaram o inglês como sendo esse idioma, os 11% restantes afirmaram que brasileiros usaram de gestos a fim de tentar estabelecer a comunicação. Esse dado aponta o ILF como língua usada para estabelecer uma ponte entre o brasileiro e o SR.

Com relação ao questionamento de qual o idioma utilizado para se comunicar no Brasil, além do português, entre as respostas que tivemos, estabeleceu-se o seguinte percentual:

Gráfico 7 - Língua utilizada pelo SR para se comunicar no Brasil além do português



Fonte: dados da pesquisa

A partir do gráfico, compreendemos que o ILF é a língua que estabelece a relação entre falantes de diferentes línguas no processo de acomodação do nosso SR no Brasil.

Ao perguntarmos, na questão 15, se os refugiados ainda utilizam outra língua para se comunicar no Brasil, predominaram as respostas com o posto “Sim”, sendo mencionado o inglês. Assim, perguntamos se essa língua os ajudou ou tem ajudado no aprendizado do português e, em caso afirmativo, como. Nas respostas vinculadas ao uso do inglês, foram listadas as justificativas a seguir:

- ❖ Me ajudou a entender alguns significados e frases.
- ❖ Porque há uma semelhança entre as duas línguas.
- ❖ Semelhança entre as línguas.
- ❖ Perguntas e respostas no inglês, verificar e confirmar a compreensão.

- ❖ No dicionário para conhecer significado da palavra. Mesma coisa pra conhecer alguma frase. Semelhança das línguas.
- ❖ Eu usei a língua francês um pouco e inglesa. Francês e português são nativos do idioma latino, então isso ajuda rapidamente a aprender português. Semelhança.

O refugiado que mencionou “Perguntas e respostas no inglês, verificar e confirmar a compreensão” disse que utiliza o árabe e o inglês em sua comunicação, mas a textualização dessa resposta deixa indícios de que o árabe se limita à sua comunicação com a família ou amigos refugiados, pois apenas o inglês é mencionado como idioma que o auxilia no aprendizado do português.

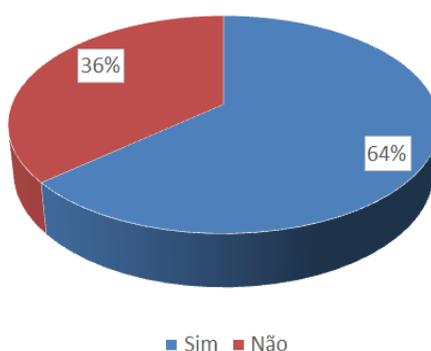
Um dos refugiados disse que utiliza outra língua, mas não mencionou qual, e afirmou que ela não ajuda no aprendizado do português. Outro mencionou apenas o árabe, e também afirmou que essa língua não o ajuda no aprendizado do português. Um deles mencionou os dois idiomas, entretanto, afirmou que não o ajudam no aprendizado.

4.6.3 O ILF usado como ILP

Não pretendemos, através da exposição dos dados analisamos nessa subseção, provar a nossa proposta de atualização do ILF como ILP, mas somar os aspectos aqui analisados a tantos outros já abordados ao longo de todo o texto.

A fim de seguir com nossa análise, encontramos registrado pelo SR na questão 23 do QD2 que falar inglês o ajuda a se comunicar com brasileiros, como demonstrado abaixo.

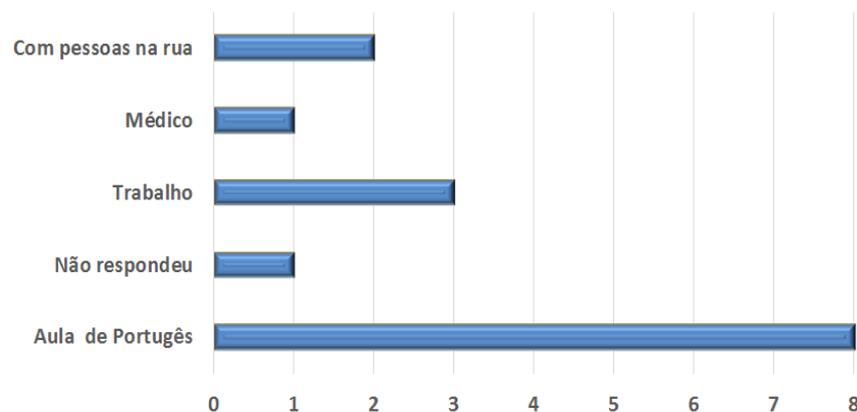
Gráfico 8 - Falar inglês me ajuda a me comunicar com brasileiros



Fonte: dados da pesquisa

Sobre os contextos que as interações mais ocorrem com o uso do ILF, está associado ao curso de português, ainda que os SR usem o ILF na rua, no trabalho e em consultas médicas.

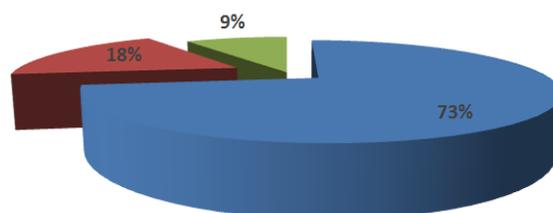
Grafico 9 - Contextos de interação em Inglês



Fonte: dados da pesquisa

Enquanto nosso SR não domina a língua portuguesa, ele faz uso da LI em contextos variados de interação, como forma de se fazer ouvir (CANAGARAJAH, 2008) ganhando voz através do ILF e da língua portuguesa, essa na qual avança no aprendizado, até que chegue finalmente a dominá-la. Nesse processo, conta com o SC que faz uso do ILF como ILP para estabelecer links, seja no processo ensino/ aprendizado do português, seja em interações diversas aproximando distâncias através da língua.

Gráfico 10 - Percentual de professores que fala inglês



Fonte: dados da pesquisa

Os percentuais de 9% é de pessoas que não responderam a pergunta e 18% é o percentual apontado pelo SR de professores que não falam inglês.

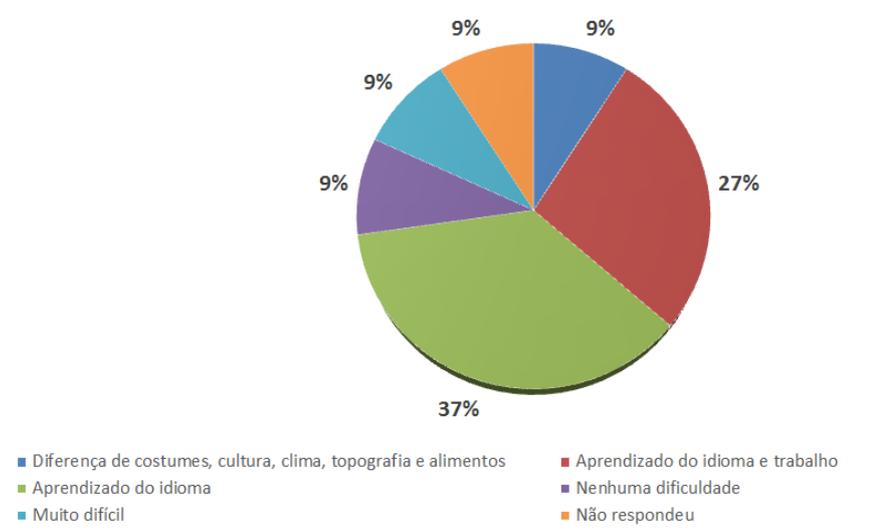
Mais da metade dos SR afirmaram que os brasileiros se esforçam para falar inglês como forma de viabilizar a comunicação. Seguem os comentários registrados.

- ❖ SR1: porque raramente encontro pessoas que falam inglês
- ❖ SR3: Às vezes eles dizem palavras erradas em inglês ou usam o dicionário no celular para exibir a palavra ou significado que eles significam
- ❖ SR4: quando fica difícil as pessoas gostam de falar inglês, por dois (sic) motivos: para praticar inglês e para ajudar a nossa conversa
- ❖ SR5: Só nas aulas
- ❖ SR7: Acho melhor para tudo mundo falar português em Brasil. Inglês é necessário como um idioma adicional
- ❖ SR7: too so little
- ❖ SR8: as vezes (sic)

O SR1 diz encontrar poucos brasileiros que falam inglês, sua resposta a questão 25 do QR2, se brasileiros se esforçam para falar inglês como modo de facilitar a comunicação foi negativa, entretanto, apesar de concordar com a sentença do SR1 a SR7 respondeu sim para a mesma questão. Para o SR3, as pessoas se esforçam mesmo usando palavras erradas e com o auxílio de dispositivos eletrônicos para, segundo ele, “ajudar na nossa conversa”.

Para SR4 brasileiros usam o inglês para praticar e para facilitar a comunicação. Na fala do SR7 está indicado o seu desejo por aprender o português, uma vez que ele acha melhor “tudo mundo falar português”.

Gráfico 11- O processo de acomodação no Brasil



Fonte: dados da pesquisa

A maioria diz se perceber evoluindo no aprendizado do idioma apesar desse tratar da maior dificuldade por eles apontada no processo de acomodação no Brasil seguido da dificuldade de se encaixar no mercado de trabalho, o que se trata de uma questão associada a outra. Um menor percentual apontou a cultura e alguns aspectos que vem a ela associado, como alimentos e hábitos. Outros se restringiram ao uso da expressão: “muito difícil”.

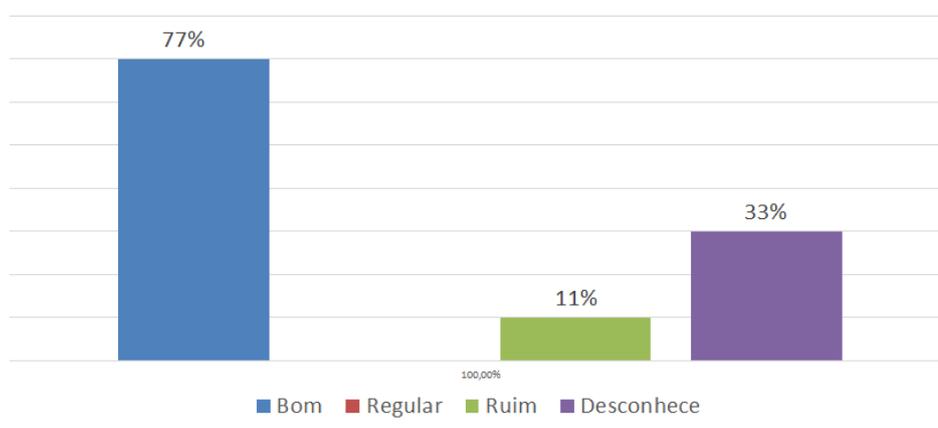
Quando solicitados que definissem a experiência no Brasil em uma palavra os SR registraram: maravilhoso, excelente, bagunça organizada, difícil, amigos e idioma.

4.6.4 Impressões do SR sobre a as frentes de trabalho do LAR

O refugiado da Síria chega ao Brasil por conta da concessão de asilo que lhe é dada pelo Governo Brasileiro, assim sessenta por cento dos SR considera ter recebido ajuda do governo, alguns destacaram a questão da concessão do asilo, outros pontuaram a oferta de escola pública aos seus filhos, local onde aprendem o idioma enquanto os pais o aprendem em instituições e órgãos como a Compassiva. Um SR apontou inclusive a facilidade de abertura de conta bancária que em seu entendimento é trata-se de um acesso possibilitado pelo governo.

Com relação às frentes de trabalho do LAR, as respostas dadas pelo SR à questão 20 do QD2 apontam para as avaliações como se seguem:

Gráfico 12- Assistência jurídica sob a ótica do SR

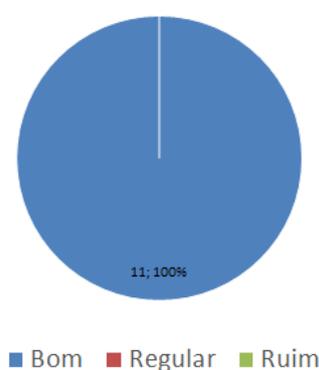


Fonte: dados da pesquisa

❖ SR7 espero que haja ajuda legal. Porque muitas coisas precisamos saber. Eu sugiro que eles tivessem uma mão amiga. Essa coisa muito importante.

A Maioria do SR considera o trabalho de Assistência Jurídica do LAR como bom. O SR7 sugere que houvesse mais pessoas nessa área, visto que eles necessitam de muitas informações legais. Ocorre que o trabalho de assistência jurídica concentra-se, sobretudo, no processo de validação de diplomas e, como apontado pelo SC na subseção 4.5.3, existem inúmeras dificuldades com relação ao trabalho com voluntários e as limitações financeiras impedem que tenham mais funcionários.

Gráfico 13 - Curso de português sob a ótica do SR

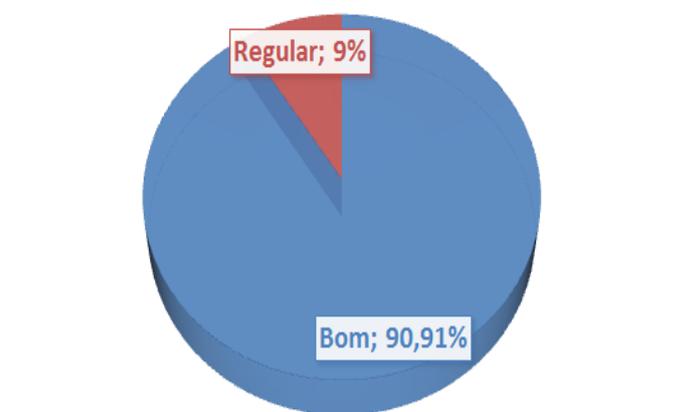


Fonte: dados da pesquisa

❖ SR1 Eles fornecem os requisitos de aprendizagem necessários para diversas aulas.
 ❖ SR4 As aulas de português estão flexíveis e rica de informações

Todos os SR consideram o Curso de Português da Compassiva como bom, os registros acima do SR1 e do SR4 consideram as aulas diversificadas, ricas de informação e flexíveis. Várias limitações foram apontadas com relação ao Curso de Português pelo SC, todavia a partir da avaliação dos SR podemos pressupor que a escassez de recursos é compensada pela vontade de fazer dos professores e envolvidos direta ou indiretamente com o ensino, assim consideramos porque metade do SR registrou já ter frequentado curso de idiomas anteriormente, logo sua avaliação possui algum parâmetro.

Gráfico 14- Amparo sob a ótica do SR



Fonte: dados da pesquisa

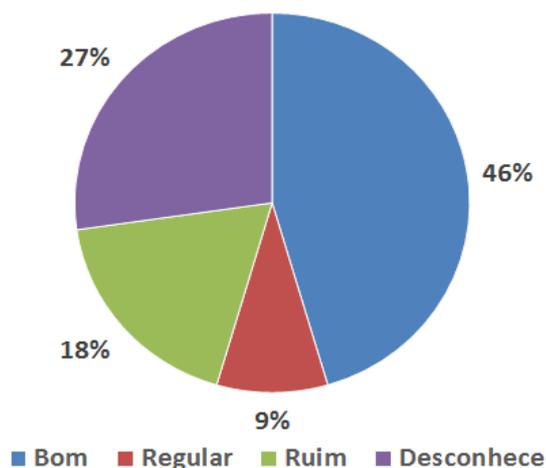
- ❖ SR4 Os professores la ficam meus amigos e a gente copartilha(sic) muitas coisas fora da língua
- ❖ SR7 espero que o apoio seja maior e regular e comunicado por meio de mensagem não oralmente .

A queixa do SR7 relaciona-se a comunicação entre o programa e o refugiado, o amparo é, entretanto, avaliado como bom por mais de noventa por cento dos SR. É curioso o dizer do SR4 que ao referir-se ao Amparo explicita os laços de amizade firmado entre ele e o pessoal do LAR o que nos leva a pressupor que amparo não está ligado apenas ao atendimento de necessidades físicas, mas a construção de laços afetivos. Como dito por André na entrevista:

André: e:: eh:: objetivos e:: valores principais nossos nessa caminhada foi entender de que... pra nós a compassiva... não vale a pena apenas dar o serviço... prestar o serviço... nós queremos:: que enquanto nós prestamos o serviço... um relacionamento forte seja desenvolvido entre o voluntário:: e aquele que recebe ajuda do voluntário... entre aqueles que trabalham:: e aqueles que recebem o fruto do trabalho... porque:: a gente acredita que... como a gente conversava aqui neh? que:: há uma mão dupla de:: receber... ao mesmo tempo que a gente dá:: a gente recebe deMAIS... neh? de encorajamento... de:: de exemplo... de:: de aprender a olhar:: o mundo com:: com outros olhos... e pra PEsoas de outra forma...

O comentário de Abede, ratifica o posicionamento de André com relação ao que a Compassiva busca através de suas ações.

Gráfico 15- Trabalho sob a ótica do SR



Fonte: dados da pesquisa

- ❖ SR4 Compassiva esta tentando achar uns empregados para a gente , deu certo com alguns que trabalham na área deles agora
- ❖ SR1 Não sei
- ❖ SR5 Não sei
- ❖ SR6 The salary is very low⁴⁷
- ❖ SR7 espero que os esforços seja maior para o trabalho. O esforço é trabalhar com grandes empresas para fazer cursos conforme necessário. O programa agora é muito fraco.

Com relação ao Trabalho as opiniões divergem. Apreciando os dizeres dos SC na subseção 4.5.3 e 4.5.4, depreendemos que fatores culturais e limitação quanto a língua são questões que dificultam o acesso a qualquer tipo de trabalho. Existem ainda os fatores que afetam todas as demais frentes do LAR que são a escassez de recursos e conseqüente falta de pessoal. Em dois dos registros que trouxemos os sujeitos dizem não saber, certamente por não ter requerido o serviço. O SR6 queixa-se dos baixos salários, certamente referindo-se as vagas de emprego disponibilizadas, e o SR7 refere-se ao programa como "muito fraco".

4.7 TRIANGULAÇÃO

Em nossa pesquisa, dada a natureza do objeto de estudo e dadas às especificidades da geração e coleta de dados não nos interessa um maior aprofundamento na triangulação dos dados, embora seja interessante trazer a

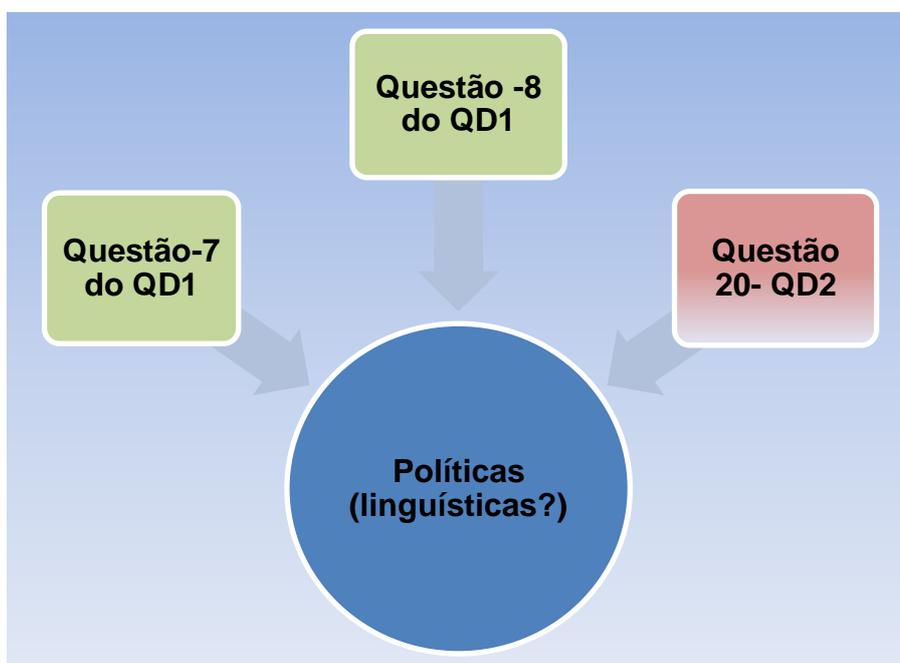
⁴⁷ Tradução: "os salários são muito baixos"

questão dos dizeres dos sujeitos em momentos distintos, não nos aprofundamos na movência discursiva do sujeito, se houve alguma alternância. A pesquisa foi voltada a perceber de modo mais estanque a experiência dos sujeitos no momento de chegada e neste processo primeiro de acomodação no Brasil.

O fôlego analítico se condensou na análise dos dados de dois aspectos, um associado a políticas linguísticas outro sobre a questão identitária dos SR.

O diagrama 2 apresenta questões convergentes abordadas pelos sujeitos da pesquisa, as quais são advindas do mesmo instrumento, questionários discursivos, respondidos pelos SC e os SR.

Diagrama 2 - Questões convergentes a políticas linguísticas



No processo de elaboração dos questionários pensamos propositadamente as questões 7 do QD1 e 20 do QD2 como meio de avaliar o funcionamento das frentes de trabalho do LAR. Tivemos duas surpresas ao analisarmos as respostas, uma delas foi a constatação de que a maior parte das dificuldades das frentes de trabalho do LAR estão de modo direto ou indireto relacionado a políticas que incidem em questões que esbarram no ensino/aprendizagem da língua e consequente viabilização e adaptação da vida dos sujeitos na sociedade brasileira; a outra surpresa foi que os dizeres dos sujeitos com relação à questão 8 do QD1, como

exposto e analisado na subseção 4.5.4 também se relacionaram a políticas linguísticas, ou a escassez delas.

Os recortes que seguem, tratam-se de dizeres dos SC e do SR referentes a movência identitária dos SR, no processo de chegada e adaptação a um país de língua/cultura dispare da sua. Vejamos os posicionamentos do sujeitos.

Quadro 16- Recortes de dizeres dos sujeitos SC1, SC4, SC11, SR6, SR3, SR4

IDENTIDADE				
SUJEITO	DIZERES	SUJEITO	DIZERES	ATUALIZAÇÕES TEÓRICAS
SC1	Uma situação que me causa frustração é ter contato com alguns alunos que frequentam a mais de um ano e meio as aulas, que são frequentes, mas que ainda possuem um nível muito básico de português. Temos incentivado que eles pratiquem português fora do ambiente da Compassiva, mas muitos deles acabam tendo contato com brasileiros exclusivamente aqui (alguns se mantêm muito fechado dentro da comunidade árabe).	SR6	Uma aluna que não estava satisfeita com sua situação em estar no país resistiu bastante para aprender o idioma e se comunicava sempre que possível em inglês, após um tempo ela entendeu que precisava aprendê-lo e passou a se esforçar para isso, acredito que foi um momento de estar mais adaptada aqui e encarar sua nova realidade e se empoderar nela.	Primeiro Enquadre (RAJAGOPALAN 2003; CORACINI, 2007; SARGEANT, 2009; VILLAIBA MARTINEZ e HERNÁNDEZ; 2005)
SC4	conforme o refugiado vai se “ adaptado” ao país, a língua e conseguindo se comunicar, além de encontrar vínculos afetivos e de segurança no país, eles conseguem ir se soltando e principalmente sonhando e não perdendo a esperança de reconstruir suas vidas e de seus familiares com dignidade e respeito	SR3	Agora eu trabalho como vendedor em uma loja de eletrônicos e isso ajuda a aprender o idioma, comunicando-se com os clientes e aprendendo gíria [...]. O povo brasileiro é um povo de bom coração e não parece racista em relação a pessoas de fora. Não há idéia de voltar para a Síria. Pelo contrário, eu decido trazer minha família aqui.	Segundo Enquadre (CORACINI, 2007; BAUMAN,2005; HALL, 1990; GRIGOLETTO, 2006; BAKHTIN,2010).

SC11	Uma aluna que não estava satisfeita com sua situação em estar no país resistiu bastante para aprender o idioma e se comunicava sempre que possível em inglês, após um tempo ela entendeu que precisava aprendê-lo e passou a se esforçar para isso, acredito que foi um momento de estar mais adaptada aqui e encarar sua nova realidade e se empoderar nela.	SR4	E agora eu sinto em casa com todas as pessoas de bom coração , esse tipo de sentimento me encoraja para entrar a comunidade brasileira , lutar com todos os brasileiros para ganhar direitos sociais , igualdade , porque a mesma luta da gente , falta de direito , a gente ainda esta lutando para voltar a nossa terra na Palestina	Terceiro Enquadre (BAKHTIN, 2010; PONZIO, 2010; PAVLOSKI, 2012; GERALDI, 2016; LIMA, 2012).
------	---	-----	--	---

No primeiro enquadre vemos o apego do falante a sua língua, o que Rajagopalan (2003) aponta como sintomático, na medida que existem valores culturais associados (SARGEANT, 2009). Os SR enfrentam, como podemos depreender a partir dos dizeres dos sujeitos, implicações psicossociais decorrentes do processo de refúgio (VILLAIBA MARTINEZ e HERNÁNDEZ; 2005), o que coopera para o estabelecimento de uma resistência ao desapego linguístico que possibilite adentrar a jornada de aprendizagem da língua do outro (CORACINI, 2007).

No segundo enquadre, pressupomos sujeitos, que tendo enfrentado o primeiro momento de chegada ao Brasil, passaram, a partir de um avanço no aprendizado da língua, a se sentirem como fazendo parte (CORACINI, 2007), ainda que sempre em processo, como indiciado no dito do SC4: “eles conseguem ir se soltando” , cujo verbo no gerúndio pressupõe algo em continuidade, inacabado. Como em constante (re)construção (HALL, 1990; BAUMAN, 2005).

No terceiro enquadre encontramos os sujeitos em um processo de (re/des)construção identitária que indicia os desdobramentos do “eu” que ao voltar-se pra si mesmo e para o outro termina escrevendo a sua história de vida como um outro, negando-se a perpetração de padrões pela autolimitação do eu, sem, contudo, negar sua própria história ou responsabilizar o Não-eu como se o mundo fosse externo ao sujeito. Todas essas relações se dão na linguagem e a partir dela. (PAVLOSKI, 2012).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para os refugiados da Síria, os desafios não acabam após a travessia das fronteiras. Esses sujeitos chegam ao Brasil, carregando na bagagem, resumida de pertences, a tristeza pela perda de pessoas amadas, as lembranças traumáticas dos bombardeios e a saudade de uma pátria, que agora se encontra devastada pelos conflitos. Também, trazem consigo um pouco de esperança de um dia poderem retornar ao seu país, outros de quem sabe, edificar uma vida no Brasil, uma nova história, no processo de (re/des)construção identitária, quando o velho eu convive com o novo fundindo-se em um ser que não deixa de ter suas raízes e novas histórias para contar, a partir da sua inscrição em uma outra língua, um outro lugar e uma outra cultura.

Conforme foi apresentado nos primeiros capítulos, contextualizamos que o trabalho do LAR nasceu a partir da busca pelo atendimento da maior demanda do refugiado: o aprendizado da língua portuguesa, apontada pela Cáritas, como exposto na subseção 3.1.1, *Locus* da pesquisa, como maior demanda do imigrante ao chegar ao Brasil. Definitivamente, a língua é a necessidade primeira para que seja viabilizado o acesso à uma vida digna aos homens e mulheres que estão no Brasil, na condição de refúgio, assim, através do ensino da língua o LAR busca desenvolver um trabalho que não seja assistencialista, mas possibilite trilhar caminhos, de modo cada vez mais independente de ações de auxílio e suporte. Considerando, então, o nível de formação do refugiado da Síria, a língua é o principal fator limitador para que o profissional especializado possa se colocar no mercado de trabalho.

Desse modo, o recebimento desta mão-de-obra especializada, por conta do contexto de conflitos, requer, neste momento, investimentos por parte dos órgãos de governo e de seguimentos da sociedade a fim de receber e dar suporte ao refugiado, homens e mulheres, que certamente cooperarão para o desenvolvimento do país a exemplo de outras ondas migratórias ocorridas no Brasil, por ocasião de contextos mundiais de guerra, quando homens e mulheres, trabalhadores de áreas diversas vieram para o nosso território, e cooperaram com o desenvolvimento de áreas do conhecimento e regiões brasileiras. Tal constatação é, em certa medida, apontada no anexo 7 deste trabalho por Genilvan Borges, dono da franquia JadLog, de São Paulo, ao avaliar o trabalho de Saim, refugiado sírio que teve o diploma de

farmacêutico validado no Brasil: “Se você fechar as portas (aos refugiados) e disser não, você pode perder uma grande oportunidade. Para mim, essa oportunidade foi encontrada em Salim. Ele é um profissional excelente”.⁴⁸

Constatamos, portanto, que as pessoas envolvidas no ambiente estudado são em, considerável proporção, aprendizes de línguas-culturas, o que faz do inglês mais um componente intercultural em suas relações que, desse modo, se estabelecem em um espaço fronteiro, limiar e polifônico (AZIBEIRO, 2003), onde é possível a (re)criação de valores, agires⁴⁹ e dizeres culturais que interagem dinamicamente, o que possibilita a aproximação dos indivíduos envolvidos naquilo que resulta na (re/des)construção do eu e do outro, o que vividamente defendemos em nossos escritos como alteridade.

A nossa vivência com os sujeitos de pesquisa nos conduziram à compreensão, *in loco*, de que o inglês como Língua Ponte é, indubitavelmente, empregado como uma alternativa eficaz para os que, ainda que não dominem a língua, se utilizam dela para aproximar distâncias linguísticas e, portanto, aproximar pessoas, afinal, “todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem” (BAKHTIN, 2003, p.261-262).

Enfatizamos nosso trabalho como resposta a escassez de pesquisas na área de Linguística Aplicada Crítica que discutem o uso de Inglês como língua franca, no contexto brasileiro, lançando-se a possibilidade de interlocuções com pesquisas realizadas em outros países, uma vez que a problematização do conhecimento acadêmico, por nós proposto, se lança na arena de luta epistemológica com vistas ao que Souza Santos (2004, p.44) ecoa como “justiça cognitiva global”, cujo escopo seria de contemplar o entendimento do que é posto no mundo moderno, como uma abertura categorial para integrar novos conhecimentos à ciência euro-eua-cêntrica, sem ser vista como uma forma de conhecimento subalterna, mas em uma lógica horizontalizada, como a proposta por nós feita de relações permeadas pelo Inglês como Língua Ponte, para estreitar distanciamentos e derrubar as torres do saber que servem muito mais a lógica do afastamento que da aproximação e da interlocução.

⁴⁸ Matéria anexa disponível em <http://www.acnur.org/noticias/noticia/organizacao-compassiva-ajuda-refugiados-a-reconstruirm-suas-carreiras-no-brasil/>

⁴⁹ Neologismo derivado a partir do verbo agir, flexionado em número plural e substantivado para combinar com os outros substantivos do enunciado.

A pesquisa que investiga o ILF em contexto nacional, possibilita a compreensão da realidade local do uso da língua inglesa e, uma vez cientes da dinâmica de como isso se dá e se constrói nas várias circunstâncias em foco, podemos nos preparar para as transformações que, certamente, incidirão nos nossos modelos educacionais, nos quais as características das práticas linguísticas universalizantes talvez não se enquadrem.

(Aprender) A língua falada no novo país constitui, para os refugiados da Síria, um dos maiores desafios no processo (re/des)construção identitária, que no caso deles, está associado às experiências traumáticas que os lançaram a diferentes partes do globo terrestre, tendo perdido entes queridos, ou sendo forçados a se dividirem, enquanto família por países outros.

Nesse quadro, o trabalho empreendido no programa LAR configura uma forma de instrumentalização e conscientização dos refugiados, do espaço que ocupam na sociedade brasileira, possibilitando, a autonomia e inserção do imigrante no mercado de trabalho, apesar das dificuldades enfrentadas pela ONG.

No Brasil, a existência de uma legislação moderna, relacionada ao direito do imigrante não viabiliza meios que assegurem direitos elementares aos refugiados ou mesmo como forma de reforçar o trabalho que ONG realizam, seja com material didático ou qualquer tipo de aporte financeiro já que as necessidades são múltiplas, como pudemos ver a partir da análise de dados dos questionários.

A língua franca, aqui estudada, assume, portanto, papel relevante de Inglês como Língua Ponte, que acolhe os sírios em um espaço fronteiro e polifônico (AZIBEIRO, 2003), em um ambiente de interculturalidade, no qual o ILP é visto como instrumento que vai além das competências linguísticas, que se projeta no alcance da comunicabilidade que anseia o atendimento da demanda do outro abrindo caminho para o aprendizado da língua portuguesa.

A nossa proposta do Inglês como Língua Ponte parte do ILF, enquanto conceito de língua de interação entre falantes não nativos de inglês que media a comunicação entre falantes de línguas maternas diversas a LI, à defesa de que o uso que fazemos desse ILF, a partir do ato responsável na realização da unicidade do eu, assume a conotação de ILP que estabelece um coenvolvimento concreto de forma singular, própria, irrepitível e irrecuperável com o outro que, embora se dê no agora, é aberta e transcende ao tempo no qual os atos do eu se projetam enquanto

inegável performatividade⁵⁰ do existir e que, embora tenha o eu como ponto de partida e seja única, jamais será para mim mesmo, pois “viver a partir de si não significa viver para si” (BAKHTIN, 2010, p.108)

(Re)agimos, então, presos ao tempo: o passado, ao qual não podemos negar ou ser indiferentes; que se projeta sobre nós, no momento irremediavelmente presente; o qual se abre projetado ao irresistível futuro. Somos, enfim, todos suscetíveis à ação do eu no tempo-hoje.

Depreendemos, a partir da análises ora empreendidas, que o refugiado da Síria (re/des)constrói sua identidade a partir da valorização da sua própria história, do seu próprio eu: a profissão na qual se forjou, as experiências que vivenciou por onde passou, a(s) língua(s) que aprendeu, as culturas que conheceu, pois a construção sólida de um futuro está intimamente ligada ao reconhecimento e valorização do seu passado.

As discussões, aqui realizadas, trilharam por (des)caminhos (re/des)construídos por tantos que antes de nós deram passos na estrada do saber, essa sobre a qual nos lançamos com a pretensão de, ao menos, problematizar questões já postas sem sequer intentar dizer que algo fazemos, mas abraçados a convicção de que *“we make the road by walking”*.

Constatamos por fim, que o Inglês Como Língua Ponte se traduz como ação responsável do eu no exercício da sua singularidade através de atos compassivos que fazem da língua instrumento de mediação e alteridade, pois “aquilo que pode ser feito por mim não pode ser jamais feito por outro alguém” (BAKHTIN, 2010, p.41).

So, take a stand!

⁵⁰ Neologismo a partir do processo de lexicalização do inglês performance, que significa desempenho. O item lexical está com marca de substantivo da língua portuguesa brasileira.

REFERÊNCIAS

- AGRA, F. F. Árabes em revoltas: narrativas e representações da mídia impressa brasileira. UESB 2014.
- AMADO, R. de S. O ensino de português como língua de acolhimento para refugiados. Disponível em: [http://www.siple.org.br/index.php?option=com_content & view=article&id=309](http://www.siple.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=309)> Acesso em: 25 out. 2015.
- AMADO, R. S. O português como língua de acolhimento para refugiados. SIPLE. Brasília, n. 2, ano 4, out. 2013. Disponível em: [http://www.siple.org.br/index.php?option=com_content &view=article&id=309](http://www.siple.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=309)> Acesso em: 16 out. 2015
- ACNUR. Disponível em: <http://www.acnur.org/portugues/noticias/noticia/organizacao-compassiva-ajuda-refugiados-a-reconstruirem-suas-carreiras-no-brasil> /MATÉRIA: Organização Compassiva ajuda refugiados a reconstruírem suas carreiras no Brasil . Acesso em: 01/03/2018
- ALSAGOFF, L. Hybridity in ways of speaking: the glocalization of English in Singapore. In L. Lim, A. Pakir & L. Weel (eds). **English in Singapore: Modernity and Management** (pp 109-130). Hong Kong: Hong Kong University Press, 2010.
- ANNIBAL, S. F. Aspectos mediadores e a identidade docente na sociedade contemporânea: o contexto do ensino de língua portuguesa. **Tese de Doutorado; Programa de Pós-Graduação em Educação** –UNESP/Marília ; Área de concentração: Educação brasileira. Orientador: Profª Drª Raquel Lazzari Leite Barbosa, 2009.
- ASSIS-PETERSON, A. A.; COX, M. I. P. Inglês em tempos de globalização: para além de bem e mal. *Calidoscópio*, v. 5, n. 1, p. 15-14, jan./abr 2007.
- AZEVEDO, C. E. F. A Estratégia de Triangulação: Objetivos, Possibilidades, Limitações e Proximidades com o Pragmatismo. **IV Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade**. Brasília – DF: 3 a 5 de novembro de 2013.
- AZIBEIRO, N. E. Educação intercultural e complexidade: desafios emergentes a partir das relações em comunidades populares. *In*: FLEURI, R. M. (Org). **Educação Intercultural**. Mediações necessárias. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- BAKHTIN, M. V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. São Paulo: Hucitec, 2010.
- BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 5. ed. Tradução direta do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- BARRUCHO, L. G. Brasil prorroga regra que facilita concessão de visto a refugiados sírios. Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150920_brasil_refugio_sirio_lgb.shtml?ocid> Acesso em: 21 set. 2015.

BAUMAN, Z. **Identidade**: Entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BAUMAN, Z. **Vida para Consumo**. A transformação das pessoas em mercadorias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

BLOMMAERT, J.; RAMPTON, B. Language and superdiversity. *Diversities*, vol. 13. n. 2, 2011. ISSN 2079-6595. Disponível em: <www.unesco.org/shs/diversities/vol13/issue2/art1>. Acesso em: 15 de set. 2015.

BOHN, H. I. Ensino e aprendizagem de línguas: os atores da sala de aula e a necessidade de rupturas. *In*. MOITA LOPES, L. P. **Linguística aplicada na modernidade recente**: Festschrift para Antonieta Celani. São Paulo: Parábola, 2013.

BORDINI, M; GIMENEZ, T. Estudos sobre inglês como língua franca no Brasil (2005-2012): uma metassíntese qualitativa. **Signum: Estudos da Linguagem**. v. 17, n. 1, 2014. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/17389>> Acesso em: 25 set. 2015.

BOURDIEU, P. **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

BRASIL. Ministério da Justiça. MJ divulga dados sobre refugiados e anuncia medidas de fortalecimento do Conare. Set. 2015. Disponível em: <<http://www.justica.gov.br/noticias/mj-anuncia-medidas-de-fortalecimento-do-comite-nacional-para-os-refugiados-1>> Acesso em: 20 set. 2015.

BRASIL. Ministério da Justiça. Disponível em: <http://www.justica.gov.br/news/brasil-tem-aumento-de-12-no-numero-de-refugiados-em-2016/20062017_refugio-em-numeros-2010-2016.pdf> Acesso em: 05/04/2018.

BRASIL. LEI Nº 9.474, DE 22 DE JULHO DE 1997. Define mecanismos para a implementação do Estatuto dos Refugiados de 1951, e determina outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9474.htm>. Acesso em: 04 mar. 2018.

BRASIL. LEI Nº 13.445, DE 24 DE MAIO DE 2017. Institui a Lei de Migração. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-018/2017/lei/L13445.htm> . Acesso em: 04 mar. 2018.

BRASIL. DECRETO Nº 9.199, DE 20 DE NOVEMBRO DE 2017. Regulamenta a Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017, que institui a Lei de Migração. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/decreto/D9199.htm> Acesso em: 04 mar. 2018.

BRUN, M. (Re) Construção identitária no contexto da aprendizagem de línguas estrangeiras. *In*: MOTA, Kátia & SCHEYERL, Denise (orgs.). **Recortes interculturais na sala de aula de língua estrangeira**. 2. ed. Salvador: Edufba. 2010. p.75-106.

CANAGARAJAH, S. Foreword, p.ix-xiii. In: Clemente, Angeles & Higgins, Michael J. **Performing English with a postcolonial accent: ethnographic narratives from Mexico**. London: The Tufnell Press, 2008.

CAVALCANTI, M. Educação linguística na formação de professores de línguas: intercompreensão e práticas translíngues. In: MOITA LOPES, Luis Paulo (org). **Linguística Aplicada na Modernidade Recente**: Festschrift para Antonieta Celani. São Paulo: Parábola. p. 211- 226, 2013.

COELHO, F. de C. B. A construção identitária e(m) comportamentos na sala de aula: o agenciamento da palavra em dois grupos: um alemão e um brasileiro. 266f. **Tese (Doutorado em Linguística e em Língua Portuguesa)** – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

COMPASSIVA. Compaixão que transforma. Disponível em: <<http://compassiva.org.br/levando-ajuda-ao-refugiado-lar>> Acesso em: 27 out. 2015.

CORACINI, M. J. R.F. Discurso de imigrantes: trabalho de luto e inscrição de si. In: KLEIMAN, A. B. & CAVALCANTI, C. M. (Orgs.) **Linguística Aplicada: suas faces e interfaces**. Campinas: Mercado de Letras. p.83-101, 2007.

CSIZ'ER, K., e D'ORNYEI, Z. The internal structure of language learning motivation and its relationship with language choice and effort. *Modern Language Journal*, 89, 19–36, 2005.

DE SOUZA, S. C. B. I speak English, but I am still me: the roles of English in Alter do chão, Brazil. **Tese (Doutorado Programa de Pós Graduação em Inglês: Estudos Linguísticos e Literários)** Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC, 2016.

DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (orgs). **Gêneros textuais e ensino**. Campinas. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

DUCROT, O. Pressuposição e alusão. In: **ENCICLOPÉDIA Einaudi: Linguagem e Enunciação**. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1984, v.2, p. 394-417.

_____. **Princípios de Semântica Linguística: dizer e não dizer**. São Paulo: Cultrix, 1972.

DURKEIM, É. **Educação e sociologia**. 11ª. Edição. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1978.

ERICKSON, F. Qualitative methods in research on teaching. In M. C, Wittrock (Ed.), **Handbook of research on teaching** (pp 119-161). New York, NY: Macmillan Publishing Company, 1986.

FAIRCLOUGH, N. **Language and Power**. Harlow: Longman, 1989.

FAUCONNET, P. A obra pedagógica de Durkheim. In: DURKHEIM, Émile. **Educação e sociologia**. 11 .ed. São Paulo: Melhoramentos, p.5-31, 1978.

GERALDI, J. W. Perspectivas Críticas dos Estudos da Linguagem. In Ferreira, Ruberval; Rajagopalan, Kanavillil (orgs) **Um Mapa da Crítica Nos Estudos da Linguagem e do Discurso**. Camponas-SP. Ed Pontes, p. 33-61, 2016.

GELVIN, J. L. **The Arab Uprisings: What everyone needs to know**. New York: Oxford, 2012.

GOMEZ-PEÑA, G. The New World Border: Prophecies, poems & Loqueras for the end of the Century. San Francisco: City Lights. 1996.

GRIGOLETTO, M. **A resistência das palavras: discurso e colonização britânica na Índia**. São Paulo: Ed. da UNICAMP, 2002.

_____. Leituras sobre a identidade. Contingência, negatividade e invenção. In: I. MAGALHÃES; M. GRIGOLETTO; M.J. CORACINI (orgs.), **Práticas identitárias: Língua e discurso**. São Carlos, Claraluz, p. 15-26, 2006.

_____. **O inglês na atualidade: uma língua global**. Disponível em: <<http://www.labeurb.unicamp.br/elb2/pages/artigos/lerArtigo.lab?id=98>> Acesso em: 27 fev. 2018.

HALL, S. Cultural identity and diaspora. In: RUTHERFORD, Jonathan. **Identity: community, culture, difference**. London: Lawrence & Wishart, p. 222-237, 1990.

_____. **A identidade Cultural na Pós-modernidade**. 2.ed. Trad. Tomaz T. da Silva e Guaracira L. Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

HIRANO, E. Refugees Negotiating Academic Literacies in First-Year College: Challenges, Strategies, and Resources. Georgia State University. **ScholarWorks**. 2011. Disponível em: <http://scholarworks.gsu.edu/alesl_diss/18> Acesso em: 21 set. 2015.

HOUAISS, A. **Dicionário mini Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2004.

HOUSE, J. Misunderstanding in intercultural communication: Interactions in English as a lingua franca and the myth of mutual intelligibility. In C. Gnutzmann (Ed.), **Teaching and learning English as a global language** (pp. 73–89). Tübingen, Germany: Stauffenburg, 1999.

HUGHES, J. **The philosophy of Social Research**. London. Longman, 1990.

JANZEN, H. E. Mediação cultural, abordagem comunicativa e ensino de língua estrangeira: O conceito lingüístico de Bakhtin e os pressupostos da interculturalidade. **Dissertação** (Mestrado em Letras). São Paulo: USP, 1998.

JENKINS, J. English as a lingua franca: attitude and identity. Oxford: Oxford University Press, 2007.

_____. Current perspectives on teaching World Englishes and English as a lingua franca. *Tesol Quarterly*, 40, 157–181. 2006.

_____. **The Phonology of English as an International Language**. Oxford University Press, 2000.

JUNIOR, A.F.S.; CERQUEIRA, L.A.M. **Etnografia e a fotoetnografia em educação na perspectiva do seminário permanente de pesquisa do NETEDU/UERJ**, Editora Realize, 2014.

KRAMSCH, C. **Language and culture**. Oxford, UK: Oxford University Press, 1998.

KAUARK, F. S.; MAGALHÃES, F. C.; MEDEIROS, C. H. Metodologia da pesquisa: um guia prático. Itabuna: **Via Litterarum**, 2010.

Kent, T. **Paralogic Rhetoric: A Theory of Communicative Interaction**. Cranbury, NJ: Associated University Presses, 1993.

KIET HO, S. T. Addressing culture in EFL classrooms: the challenge of shifting from a traditional to an intercultural stance. *In: **Electronic Journal of Foreign Language Teaching***, v. 6, n. 1, p. 63-76, 2009. Disponível em: <<http://e-flt.nus.edu.sg/v6n12009/ho.pdf>> Acesso em: 21 set. 2015.

KILICKAYA, F. World Englishes, English as an International Language and Applied Linguistics. **English Language Teaching**. Vol. 2, No. 3, Sep. 2009. p. 35-38 Disponível em: <<http://www.ccsenet.org/journal/index.php/elt/article/view/2159/3279>> Acesso em: 25 set. 2015.

Lamb, M. Integrative motivation in a globalizing world. **System**, 32 (1). pp. 3-19. ISSN 0346-251X, 2004.

LIMA, D. C. de; ROEPCKE, Y. M. Foreign language teachers as culture brokers. In: _____. (Ed.). **Foreign-language learning and teaching: from theory to practice**. Vitória da Conquista: Edições Uesb, p. 211-222, 2004.

LIMA, D. C. de; Language and Its Cultural Substrate: Perspectives for a Globalized World. In: _____. (Ed.). **Issues os Cultural Identity and Language Barriers for Brazilian Immigrants in South Florida**. Vitória da Conquista: Edições Uesb, p. 245-265, 2012.

LÜDKE, M. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 2012.

MATTOS, L.G. de. Estudos etnográficos da educação: uma revisão de tendências no Brasil. IN: MATTOS, L.G.de; CASTRO, P.A.de. (Organizadoras). **Etnografia e educação: conceitos e usos**. – Campina Grande: EDUEPB, 2011.

MAGNANI, J.G.C. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n.32, p. 129-156, jul-dez. 2009.

MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 34 ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

MELLO, H. A. B. de; REES, Dilys Karen. A investigação etnográfica na sala de aula de segunda língua/língua estrangeira. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, n. 42, p. 30-50, jun. 2011.

MOITA LOPES, L. P. **Linguística aplicada na modernidade recente**. São Paulo: Parábola. 2013.

_____. A formação teórico-crítica do professor de línguas: o professor-pesquisador. *In: Oficina de Lingüística Aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas*. Campinas, SP: Mercado de Letras, p.179-189, 1996.

_____. Pesquisa interpretativista em Linguística Aplicada: a linguagem como condição e solução. *Delta*, São Paulo, vol. 10, n. 2, p. 329-338, 1994.

_____. (Org.) **Por uma Lingüística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

_____. 2008. Inglês e globalização em uma epistemologia de fronteira: ideologia lingüística para tempos híbridos. *Delta*, v. 24, n. 2, p.1-15.

MODL, F. de C.; RIBEIRO, P. B. (Re)Construção Identitária em movimentos de referenciação: representações sociais sobre o professor na formação inicial. *Nonada*, Porto Alegre, n. 24, p. 61-82, 1. sem. 2015b.

MONTE MOR, W. Eu e o Outro: Imagens Refletidas. Um Estudo Sobre Identidade e Alteridade na Percepção das Culturas. *Interfaces*, v. 8. Porto Alegre UFRGS/ABECAN, 2008.

PAVLENKO, A. & BLACKLEDGE, A. (Eds.) Negotiation of identities in multilingual contexts. Clevedon, UK: Multilingual Matters, 2004.

PAVLOSKI, E. Identidades Instáveis: os fragmentos do sujeito moderno. *In: HARMUCH, Rosana; SALEH, Pascolina. (Orgs.). Identidade e Subjetividade: configurações contemporâneas*. Campinas: Mercado de Letras, 2012.

PENNYCOOK, A. Critical and Alternative directions in Applied Linguistics. *Australian Review of Applied Linguistics*, vol. 33, n. 2, p. 16.1- 16.16. Australia, Monash University, 2010a.

_____. **Language as local practice**. New York: Routledge, 2010b..

_____. **Language and mobility: unexpected places**. New York: Multilingual Matters, 2012.

PINTO, J. P. Pragmática. *In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. Vol. II. 8. ed. São Paulo: Cortez, P. 55-79, 2012.

PONZIO, A. **Encontro de palavras**. São Carlos: Pedro & João, 2010.

RAJAGOPALAN, K. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola, 2003.

_____. Vencer barreiras e emergir das adversidades com pleno êxito, sempre com o pé no chão. *In: LIMA, D. (Org.) Inglês em escolas públicas não funciona? Uma questão, múltiplos olhares*. São Paulo: Parábola Editorial, p. 55-66, 2011.

_____. A exposição de crianças ao inglês como língua estrangeira: o papel emergente do World English. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v.48, n.2, p.185-196, jul./dez. 2009.

RICOEUR, P. **O si-mesmo como um outro**. Trad. Luci Moreira Cesar. Campinas: Papyrus, 1991.

RYAN, S. Language learning motivation within the context of globalization: An L2 self within an imagined global community. **Critical Inquiry in Language Studies: An International Journal**, 3(1), 23-45, 2006.

SÁ, R. L. de (org.) **Português para falante de outras línguas: interculturalidade, inclusão social e políticas linguísticas**. Vol 1. Campinas, SP: Pontes editors, 2016.

SEARGEANT, P. **The idea of English in Japan: Ideology and the evolution of a global language**. Bristol: Multilingual Matters, 2009.

SEIDLHOFER, B. Closing a conceptual gap: the case for a description of English as a lingua franca. **International Journal of Applied Linguistics**, p. 133–158, 2001.

_____. **Understanding English as a lingua franca**. Oxford, UK: Oxford University Press, 2011.

SILVA, E. L. da Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação/Edna Lúcia da Silva, Estera Muszkat Menezes. – 4. ed. rev. **atual**. – Florianópolis: UFSC, 2005.

SILVA, G. F. da. Multiculturalismo e educação intercultural: Vertentes históricas e repercussões atuais na educação. In: FLEURI, R. M. (Org.). **Educação intercultural: Mediações necessárias**. Rio de Janeiro: DP&A, p.17-52, 2003.

SHOHAMY, E. Language Teachers as Partners in Crafting Educational Language Policies, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/ikala/v14n22/v14n22a3.pdf>> Acesso em: 09 de Mar. De 2018

SOHR. Dec. 22nd 2017. Disponível em: <<http://www.syriahr.com/en/?p=81127>>. Acesso em 06 mar. 2018.

SOUSA SANTOS, B. Centro e Periferia na Produção do Saber. In: MOITA LOPES, L. P. **Linguística aplicada na modernidade recente**: Festschrift para Antonieta Celani. São Paulo: Parábola, 2013.

SOUSA, E. N. B. de. Políticas Linguísticas declaradas, praticadas e percebidas. A situação dos refugiados no Brasil e as políticas linguísticas: um recorte histórico. Ed. UFPB, João Pessoa, 2015.

UNHCR. Mid-year trends 2016. 17 Feb 2017. Disponível em: <www.unhcr.org/statistics/unhcrstats/58aa8f247/mid-year-trends-june-2016.html> Acesso em: 05 Mar. 2018.

YASHIMA, T. Willingness to communicate in a second language: The Japanese EFL context. **The Modern Language Journal**, 86, 54-6, 2002.

YOUNG, R. Postcolonialism: a very short introduction. Oxford: Blackwell. 2003

APÊNDICE 1- Questionário aplicado aos voluntários e funcionários da Compassiva/ Lar



Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Departamento de Estudos Linguísticos e Literários

Programa de Pós-Graduação Letras: Cultura, Educação e Linguagens



Estrada do Bem-querer, Km 04. Caixa Postal 95. CEP 45083-900. Vitória da Conquista - BA

Querido participante,

Agradeço por sua cooperação em preencher o questionário que é parte da pesquisa que estou realizando relacionada a cultura, identidade e aquisição de língua junto a comunidade síria que se encontra em condição de refúgio e que tem sido auxiliada pelo LAR neste processo de acomodação no Brasil. A privacidade e o anonimato dos participantes será garantida e os dados serão usados apenas para fim acadêmicos. Eu me comprometo em informar sobre os resultados da pesquisa e saliento a importância da sua participação para a realização deste estudo que não seria possível sem a sua ajuda. Obrigada pelo seu tempo valioso e por compartilhar suas experiências e opiniões acerca das questões colocadas.

Nome: _____

Idade: _____ Gênero: masculino() Feminino () Outro ()

scolaridade: _____

Formação Profissional: _____

Ocupação na Compassiva/LAR: _____

Qual o seu vínculo com a Associação: _____

Há quanto tempo trabalha na COMPASSIVA/LAR? _____

Há quanto tempo você atua nessa ocupação na COMPASSIVA/LAR? _____

3. Já desempenhou outros papéis na Compassiva antes de trabalhar diretamente no LAR? () sim () não . Em caso afirmativo, qual (is) e por quanto tempo trabalhou em cada área?

4. Fala outro idioma além do português? () sim () não. Em caso afirmativo, qual (is)?

5. Qual idioma te auxilia na comunicação com os refugiados? () nenhum outro que não o português () Inglês () outro: _____. Comente em quais circunstâncias isso acontece.

6. Se você atua ou já atuou em sala de aula e fala outro idioma, tal idioma te auxilia (ou) no ensino do português? () sim () não. Qual idioma é esse? _____ Comente em quais circunstâncias isso mais ocorre no processo do ensino do português.

7. Em sua opinião, qual (is) as maiores dificuldades enfrentadas pelo LAR:

Assistência Jurídica _____

Curso de português _____

Amparo _____

Trabalho _____

8. Descreva ao menos uma situação que você acompanhou neste processo de ajuda aos refugiados sírios com relação ao aprendizado da língua que gerou aparente frustração, conquista e identificação do refugiado neste processo de adaptação no Brasil.

APÊNDICE 2- Questionário aplicado aos sírios



Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Departamento de Estudos Linguísticos e Literários



Programa de Pós-Graduação Letras: Cultura, Educação e Linguagens

Estrada do Bem-querer, Km 04. Caixa Postal 95. CEP 45083-900. Vitória da Conquista - BA

Nome: _____

Querido participante,

Agradeço por sua cooperação em preencher o questionário que é parte da pesquisa que estou realizando relacionada a cultura, identidade e aquisição de língua junto a comunidade síria que se encontra em condição de refúgio e que tem sido auxiliada pelo LAR neste processo de acomodação no Brasil. A privacidade e o anonimato dos participantes será garantida e os dados serão usados apenas para fim acadêmicos. Eu me comprometo em informar sobre os resultados da pesquisa e saliento a importância da sua participação para a realização deste estudo que não seria possível sem a sua ajuda. Obrigada pelo seu tempo valioso e por compartilhar suas experiência e opiniões acerca das questões colocadas.

Idade: _____ Gênero: masculino() Feminino () Outro ()

Escolaridade: _____

Formação Profissional: _____

Cidade de Origem: _____

Data de chegada ao Brasil (informar ao menos mês e ano): _____

Ocupação da Síria: _____

Ocupação no Brasil: _____

1.A viagem ao Brasil foi a sua primeira viagem para fora do seu país? ()Sim ()Não

2.Em caso negativa à pergunta 1, qual o país visitado e qual foi o motivo da viagem?

País _____ Motivo da viagem _____

País _____ Motivo da viagem _____

País _____ Motivo da viagem _____

3. Como você chegou ao Brasil? () sozinho () em grupo

4. Você fala outro idioma além do árabe? () sim () não

5. Em caso afirmativo à pergunta 4, Qual (is)?

6. Qual idioma você usou para se comunicar logo que chegou ao Brasil?

7. Você precisou ou precisa da ajuda de algum intérprete? () sim () não

8. Em caso afirmativo à pergunta 7, por quanto tempo a ajuda de um intérprete foi necessária? Comente.

9. Quando você chegou ao Brasil, os brasileiros se dispuseram a falar em outro idioma a fim de facilitar a comunicação? () sim () não

10. Em caso afirmativo à pergunta 9, qual o idioma utilizado? _____

11. Já frequentou outro curso de idiomas anterior ao que o LAR oferece? () sim () não

12. Em caso afirmativo à pergunta 11, Qual? _____
onde? _____

13. Há quanto tempo você estuda português? _____

14. Você utiliza ainda outra língua para se comunicar no Brasil? () sim () não

15. Em caso afirmativo à pergunta 14, Qual? _____

16. Essa língua te ajudou ou tem ajudado no aprendizado do português? () sim () não

17. Em caso afirmativo à pergunta 16, de qual maneira?

18. O Governo Brasileiro te ajudou, de alguma forma, no aprendizado da língua brasileira ou na comunicação com instituições, órgãos, serviços sociais, etc? () sim () não

19. Em caso afirmativo à pergunta 18, de que modo isso se deu?

20. Como você soube do trabalho da Compassiva/LAR? () amigos () internet () família () instituição, qual? _____ () outro meio, qual _____

21. Qual a sua opinião sobre o programa desenvolvido pelo LAR:

1. Assistência Jurídica () bom () regular () ruim comente: _____

2. Curso de português () bom () regular () ruim comente: _____

3. Amparo () bom () regular () ruim comente: _____

4. Trabalho () bom () regular () ruim comente: _____

22. Você diria: "Eu sou capaz de comunicar meus valores pessoais e minha própria cultura através" do: () inglês () português. Comente _____

23. Você diria: " Falar inglês têm me ajudado a me comunicar com brasileiros"? () sim () não. Comente. _____

24. Em quais contextos ocorrem as suas interações em inglês? Pode marcar mais de uma alternativa.

() aulas de português () escola de filhos () trabalho () outro, qual? _____

25. Seu professor de português fala inglês? () sim () não

26. Você diria: "Os brasileiros se esforçam para falar inglês como forma de possibilitar a nossa comunicação." () sim () não Comente. _____

27. Tem sido difícil pra você aprender o português? () sim () não.

Comente. _____

28. Como você se sente ou já se sentiu diante da dificuldade de se comunicar em português?

APÊNDICE 3- Questionnaire administered to Syrians



Southwestern State University of Bahia
Department of Linguistic and Literary Studies
Postgraduate Program Letters: Culture Education and Languages



Dear participant,

Thank you for your cooperation in completing the questionnaire which is part of a research I am carrying out related to culture, identity and language acquisition together with the Syrian community that is in refuge condition and that has been assisted by LAR in this accommodation process in Brazil. Participants' privacy and anonymity is guaranteed and the information will be used only for academic purposes. I undertake to inform on the results of the research and stress the importance of your participation in the completion of this study, which would not be possible without your help. Thank you for your valuable time and for sharing your experience and opinions on the issues raised.

Name: _____

Age: _____ Gender: Male () Female () Other ()

Schooling: _____

Vocational education: _____

Home town: _____

Date of arrival in Brazil (inform at least month and year): _____

Occupation at Syria: _____

Occupation in Brazil: _____

1. Was your trip to Brazil your first trip out of your home country? () yes () no

2. If you answered "no" to question 1, which was it country of destiny and what was the reason for the trip?

Country _____ Reason for the trip _____

Country _____ Reason for the trip _____

Country _____ Reason for the trip _____

3.How did you arrive in Brazil? () alone () in company

4.Do you speak another language other than Arab? () yes () no

5.If you answered "yes" to question 4, which one(s)?

6.Which language did you use for communication as soon as you arrived in Brazil?

7.Did you need or do you need help from an interpreter? () yes () no

8.If you answered "yes" to question 7, for how long was help from an interpreter necessary?
Comment.

9.When you arrived in Brazil, were the Brazilians open to speaking another language in order to make communication easier? () yes () no

10.If you answered "yes" to question 9, which language was used? _____

11. Have you ever done a course in any other language prior to the one that LAR offers? () yes ()no

12.If you answered "yes" to question 11, then which? _____

Where? _____

13.For how long have you studied Portuguese?

14.Do you use another language to communicate in Brazil? () yes () no

15.If you answered "yes" to question 14, Which ? _____

16.Did this language help you or has it helped you in learning Portuguese? () yes () no

17.If you answered "yes" to question 16, then how?

18.Did the Brazilian government help you, in any way, in learning the Brazilian language or in communicating with institutions, organizations, social services, etc? () yes () no

19.If you answered "yes" to question 18, how did this happen?

20. How did you come to know about work with Compassiva/LAR? () friends () internet () family () institution, which? _____ () another means, which _____

21. What's your opinion about the work done by LAR:

1. Legal assistance () good () regular () poor. Comment: _____

2. Portuguese course () good () regular () poor. Comment: _____

3. Support () good () regular () poor. Comment: _____

4. Work () good () regular () poor. Comment: _____

22. Would you say: "I am able to communicate my personal values and my own culture through": () English () Portuguese. Comment _____

—

23. Would you say: "Talking in English has helped me to communicate with Brazilians"? () yes () no
Comment. _____

24. In which contexts does interaction in the English language occur? You can mark more than one alternative.

() Portuguese class () children's school () work () other, which? _____

25. Does your Portuguese teacher speak English? () yes () no

26. Would you say: "Brazilians make an effort to speak English in order to make our communication easier." () yes () no
Comment. _____

27. Has it been difficult for you to learn Portuguese? () yes () no.

Comment. _____

28. How do you feel or have felt up against the difficulties in speaking Portuguese?

ANEXO 1- Respostas de Fernanda Mendes Bernardes ao Questionário aplicado aos voluntários e funcionários da Compassiva/ Lar

Querido participante,

Agradeço por sua cooperação em preencher o questionário que é parte da pesquisa que estou realizando relacionada a cultura, identidade e aquisição de língua junto a comunidade síria que se encontra em condição de refúgio e que tem sido auxiliada pelo LAR neste processo de acomodação no Brasil. A privacidade e o anonimato dos participantes será garantida e os dados serão usados apenas para fim acadêmicos. Eu me comprometo em informar sobre os resultados da pesquisa e saliento a importância da sua participação para a realização deste estudo que não seria possível sem a sua ajuda. Obrigada pelo seu tempo valioso e por compartilhar suas experiência e opiniões acerca das questões colocadas.

Nome: Fernanda Mendes Bernardes

Idade: 29 anos **Gênero:** masculino() Feminino (X) Outro ()

Escolaridade: superior completo, cursando mestrado no momento

Formação Profissional: enfermeira com licenciatura. O mestrado que estou fazendo é em saúde pública

Ocupação na Compassiva/LAR: Coordenadora do Lar

Qual o seu vínculo com a Associação: Inicei como voluntária e atualmente recebo uma ajuda de custo proveniente de um edital do Governo do Canadá que conseguimos (vai até fevereiro de 2018).

1. Há quanto tempo trabalha na COMPASSIVA/LAR?

Em novembro de 2015 entrei como voluntária e desde setembro de 2017 atuo como funcionária.

2. Há quanto tempo você atua nessa ocupação na COMPASSIVA/LAR?

Há 5 meses.

3. Já desempenhou outros papéis na Compassiva antes de trabalhar diretamente no LAR? ()sim (X) não . Em caso afirmativo, qual (is) e por quanto tempo trabalhou em cada área?

3. Fala outro idioma além do português? (X)sim () não. Em caso afirmativo, qual (is)?

Falo inglês (avançado) e espanhol (intermediário).

4. Qual idioma te auxilia na comunicação com os refugiados? ()nenhum outro que não o português

O inglês ajuda na maioria das vezes, mas já tivemos um caso que a família morou 3 anos no Equador antes de vir pra cá, então o espanhol acabou ajudando também.

5. Se você atua ou já atuou em sala de aula e fala outro idioma, tal idioma te auxilia (ou) no ensino do português? ()sim ()não. Qual idioma é esse? _____ Comente em quais circunstâncias isso mais ocorre no processo do ensino do português.

Não atuo e nem atudei em sala de aula. Apenas um dia substituí um professor que não pode vir, mas como a turma era avançada usei o português exclusivamente.

6. Em sua opinião, qual (is) as maiores dificuldades enfrentadas pelo LAR:

- a. **Assistência Jurídica:** comunicação (não só entre nós e os alunos, mas também ele entre e os órgãos do governo, universidades, etc) , burocracia, alto custo para revalidação dos diplomas, diferenças culturais com relação aos processos (as vezes são difíceis de entender).
- b. **Curso de português:** ter material didático disponível para todos os alunos- sempre chegam alunos novos e nem sempre temos verba para comprar o livro para eles, instabilidade na presença dos alunos (faltam e abandonam o curso com frequência devido a trabalho, distância, questões familiares, financeiras etc), alto custo para frequentar as aulas 3vezes por semana, trabalhar exclusivamente com professores voluntários.
- c. **Amparo:** conhecer os alunos e suas demandas individualmente, necessitar de doações frequentes para manter o atendimento (cestas básicas, itens de higiene, fralda, vale transporte), comunicação para entender problemas e necessidades enfrentadas .
- d. **Trabalho:** equipe de voluntários reduzida, diferenças culturais entre os processos seletivos do Brasil e dos países de origem do refugiado, o longo processo oneroso da revalidação de diploma – que muitas vezes nos impede de indicar alguém com uma alta qualificação para uma vaga, networking, nível iniciante do português
- e. **Descreva ao menos uma situação que você acompanhou neste processo de ajuda aos refugiados sírios com relação ao aprendizado da língua que gerou aparente frustração, conquista e identificação do refugiado neste processo de adaptação no Brasil.**

Durante este tempo de um pouco mais de dois anos que estou na Compassiva já vivenciei experiências boas e ruins. Uma situação que me causa frustração é ter contato com alguns alunos que frequentam a mais de um ano e meio as aulas, que

são frequentes, mas que ainda possuem um nível muito básico de português. Temos incentivado que eles pratiquem português fora do ambiente da Compassiva, mas muitos deles acabam tendo contato com brasileiros exclusivamente aqui (alguns se mantêm muito fechado dentro da comunidade árabe). Quanto aos sentimentos de conquista do refugiado são mais em momentos em que consigo ter uma conversa em português (mesmo que muito simples) com alguém que não entendia nada antes ou ainda, quando numa festa de encerramento, uma aluna falou que nós éramos a família dela aqui no Brasil. Ver pessoas que já estão seguindo uma vida “normal” e aculturados em muitos aspectos também traz um sentimento de conquista, pois revela que pudemos contribuir com a adaptação deles aqui, como um facilitador desse processo.

7. Relate a sua experiência COMPASSIVA/LAR. Como conheceu o programa, o que tem sido desafiador ao longo deste período de trabalho, quanto tempo por semana dedica ao trabalho no LAR. Sinta-se livre para relatar qualquer fato que considere relevante ao longo da sua experiência

Fiquei sabendo sobre a Compassiva quando um primo de uma amiga falou sobre a necessidade de professores de português. Minha irmã que tem como profissão o ensino de português para estrangeiro se candidatou primeiro e, inspirada por ela, me candidatei também.

Quando vim fazer a entrevista vi que poderia contribuir muito com a área de amparo já que sou enfermeira de formação. E assim aos poucos fui me envolvendo. No começo dedicava uma vez por semana ao trabalho voluntário durante o horário da aula (então 2 horas semanais), mas ao conhecer mais os alunos e perceber outras demandas esse tempo aumentou. Atualmente atuo como coordenadora meio período de segunda a sexta (mas de terças e quintas não vou ao escritório).

O trabalho na compassiva tem sido muito gratificante. É recompensador ver que o trabalho que você faz tem auxiliado na adaptação dessas pessoas aqui e tornado o Brasil o mais próximo de um lar que pode ser para eles (não é a toa que nosso programa pra refugiados é chamado de LAR). Além disso ouvir essas pessoas contando suas histórias, falando de sua cultura etc é um aprendizado especial. Por outro lado tem sido um desafio lidar com instabilidade do trabalho. Explico. Por mais que planejemos nossas atividades dependemos de doações. Além disso a presença dos refugiados nas diversas atividades propostas são influenciadas por sua inserção no mercado de trabalho, pela falta de recursos financeiros, mudança frequente do local de moradia, apoio à família e à comunidade etc. Tais elementos limitam ou determinam uma mudança no nosso trabalho, fazendo que o planejamento muitas vezes seja comprometido.

ANEXO 2- Respostas de Raquel H. C. Bastos ao Questionário aplicado aos voluntários e funcionários da Compassiva/ Lar-

Querido participante,

Agradeço por sua cooperação em preencher o questionário que é parte da pesquisa que estou realizando relacionada a cultura, identidade e aquisição de língua junto a comunidade síria que se encontra em condição de refúgio e que tem sido auxiliada pelo LAR neste processo de acomodação no Brasil. A privacidade e o anonimato dos participantes será garantida e os dados serão usados apenas para fim acadêmicos. Eu me comprometo em informar sobre os resultados da pesquisa e saliento a importância da sua participação para a realização deste estudo que não seria possível sem a sua ajuda. Obrigada pelo seu tempo valioso e por compartilhar suas experiência e opiniões acerca das questões colocadas.

Nome: Raquel H. C. Bastos

Idade: 26 Gênero: masculino() Feminino (x) Outro ()

Escolaridade: _mestrado incompleto

Formação Profissional: _licenciada em Letras

Ocupação na Compassiva/LAR: _coordenadora das turmas de mulheres

Qual o seu vínculo com a Associação: _voluntário

1. Há quanto tempo trabalha na COMPASSIVA/LAR? _1 ano e 3 meses
2. Há quanto tempo você atua nessa ocupação na COMPASSIVA/LAR? _1 ano e 3 meses
3. Já desempenhou outros papéis na Compassiva antes de trabalhar diretamente no LAR? ()sim (x) não . Em caso afirmativo, qual (is) e por quanto tempo trabalhou em cada área?
3. Fala outro idioma além do português? (x)sim ()não. Em caso afirmativo, qual (is)?
Inglês, francês e espanhol
4. Qual idioma te auxilia na comunicação com os refugiados? ()nenhum outro que não o português (x)Inglês (x)outro: francês . Comente em quais circunstâncias isso acontece.

Quando o refugiado chega ao programa, faço uma entrevista para saber em qual turma ele se encaixa, de acordo com o nível de português que ele possui. Então, se o refugiado fala inglês ou francês, explico a situação, apresento o programa e os horários das aulas. Sempre que há algum aviso extra-aula, também dou o aviso em português e inglês, para ter certeza que o entenderam. Em situações de aula, evito ao máximo o uso do inglês e do francês, preferindo usar o português e outras formas de comunicação não-verbais (como mímica).

5. Se você atua ou já atuou em sala de aula e fala outro idioma, tal idioma te auxilia (ou) no ensino do português? (x)sim ()não. Qual idioma é esse? Inglês e francês Comente em quais circunstâncias isso mais ocorre no processo do ensino do português.

Isso ocorre principalmente nas salas iniciais e ajuda a explicar conceitos um pouco mais difíceis ou abstratos. Também ocorre bastante quando o estudante procura certificar-se se entendeu bem a palavra e a traduz para o inglês ou francês.

6. Em sua opinião, qual (is) as maiores dificuldades enfrentadas pelo LAR:

- a. Assistência Jurídica a revalidação de diplomas é a maior dificuldade, sendo o maior carro-chefe da instituição. A falta de recursos afeta a contratação de mão de obra e, conseqüentemente, a rapidez do processo.
- b. Curso de português _Falta de pessoal qualificado para dar aulas. Falta de recursos para manter os coordenadores de tempo integral. Falta de comprometimento de voluntários na participação de treinamentos. Falta de espaço para novas salas de aula.
- c. Amparo _Falta de espaço para armazenamento de doações
- d. Trabalho _falta de pessoal.

7. Descreva ao menos uma situação que você acompanhou neste processo de ajuda aos refugiados sírios com relação ao aprendizado da língua que gerou aparente frustração, conquista e identificação do refugiado neste processo de adaptação no Brasil.

_Temos alguns estudantes que são analfabetos em árabe e outros que só conhecem o árabe e, portanto, o alfabeto árabe. Começamos um trabalho de alfabetização dessas pessoas, mas percebemos que os professores voluntários não conseguiam dar continuidade ao processo por quererem aplicar a alfabetização infantil aos refugiados. Isso gerou muita desmotivação e abandono do curso por parte dos refugiados. Não temos material sobre o assunto e, enquanto coordenadora voluntária, tenho que dividir meu tempo entre esse projeto, todas as demandas de um coordenador e com meus trabalhos fora da Compassiva para poder sustentar-me em São Paulo. Isso tem gerado muita frustração, pois, por falta de recursos, não tenho tempo para conseguir desenvolver um material que poderia ser efetivo, nem tempo de treinar professores para atuarem como alfabetizadores.

8. Relate a sua experiência COMPASSIVA/LAR. Como conheceu o programa, o que tem sido desafiador ao longo deste período de trabalho, quanto tempo por semana dedica ao trabalho no LAR. Sinta-se livre para relatar qualquer fato que considere relevante ao longo da sua experiência

___ Comecei a trabalhar na Compassiva em março de 2017 e vim incentivada pela minha igreja, que se comprometeu a ajudar-me com o sustento. Assim que cheguei, a Unicamp oferecia uma disciplina do mestrado de português para estrangeiros e participei da disciplina como estudante especial. Acabei entrando no mestrado a fim de conseguir me manter perto da Compassiva. O trabalho com as mulheres é muito gratificante! É muito bom saber que damos um espaço onde elas podem fazer amizades e se sentir à vontade. As estudantes normalmente se aproximam muito das professoras e pedem ajuda com qualquer coisa relacionada a português fora da sala de aula. Elas trazem bilhetes das escolas dos filhos, pedem ajuda com consultas, comentam sobre dificuldades na família... Fico realmente feliz de saber que o ambiente criado pelas aulas permite tudo isso. Entendemos que as aulas não são simplesmente uma maneira de ensiná-las um idioma, mas são também uma apresentação da cultura brasileira, de nosso jeito de agir. São como um filtro que será aplicado à sociedade brasileira em geral, podendo facilitar ou dificultar a adaptação dos refugiados aqui. Sem dúvida, o mais desafiador é a falta de recursos: espaço, tempo, dinheiro. Por exemplo, enquanto coordenadora, eu não possuo um espaço de trabalho fixo no escritório, pois ele é compartilhado com todos os trabalhadores de todas as áreas da Compassiva e das outras ONGs que funcionam no mesmo espaço. Não há um local reservado onde se possa conversar com os professores, não há mesmo salas suficientes para todas as turmas, sendo que as aulas das mulheres, que acontecem em horário matinal, acontecem em outro prédio, e é necessário “ir e voltar” sempre que alguém esquece alguma coisa.

ANEXO 3- Respostas de Altair ao questionário discursivo



Southwestern State University of Bahia
 Department of Linguistic and Literary Studies
 Postgraduate Program Letters: Culture Education and Languages
 Estrada do Bem-querer, Km 04. Caixa Postal 95. CEP 45083-900. Vitória da Conquista - BA



Questionnaire administered to Syrians

Dear participant,

Thank you for your cooperation in completing the questionnaire which is part of a research I am carrying out related to culture, identity and language acquisition together with the Syrian community that is in refuge condition and that has been assisted by LAR in this accommodation process in Brazil. Participants' privacy and anonymity is guaranteed and the information will be used only for academic purposes. I undertake to inform on the results of the research and stress the importance of your participation in the completion of this study, which would not be possible without your help. Thank you for your valuable time and for sharing your experience and opinions on the issues raised.

SR6- Altair

Name: _____

Age: 33 years Gender: Male Female () Other ()

Schooling: University

Vocational education: Business management

Home town: Syria

Date of arrival in Brazil (inform at least month and year): 11/2016

Occupation at Syria: software developer

Occupation in Brazil: software developer But over the internet, not working in Brazil

1. Was your trip to Brazil your first trip out of your home country? () yes () no
2. If you answered "no" to question 1, which was it country of destiny and what was the reason for the trip?

Country Egypt Reason for the trip the syrian was entry without a visa

Country _____ Reason for the trip _____

Country _____ Reason for the trip _____



Southwestern State University of Bahia
Department of Linguistic and Literary Studies
Postgraduate Program Letters: Culture Education and Languages

Estrada do Bem-querer, Km 04. Caixa Postal 95. CEP 45083-900. Vitória da Conquista - BA



3. How did you arrive in Brazil? () alone () in Family company
4. Do you speak another language other than Arab? () yes () no
5. If you answered "yes" to question 4, which one(s)?
English + portugues
6. Which language did you use for communication as soon as you arrived in Brazil?
English
7. Did you need or do you need help from an interpreter? () yes () no
8. If you answered "yes" to question 7, for how long was help from an interpreter necessary?
 Comment.
3-4 monthes
9. When you arrived in Brazil, were the Brazilians open to speaking another language in order to make communication easier? () yes () no
10. If you answered "yes" to question 9, which language was used? _____
11. Have you ever done a course in any other language prior to the one that LAR offers? () yes () no
12. If you answered "yes" to question 11, then which? Adus
 Where? _____
13. For how long have you studied Portuguese? 10 ~~400~~ monthes
14. Do you use another language to communicate in Brazil? () yes () no
15. If you answered "yes" to question 14, Which? English, arabic
16. Did this language help you or has it helped you in learning Portuguese? () yes () no
17. If you answered "yes" to question 16, then how?

18. Did the Brazilian government help you, in any way, in learning the Brazilian language or in communicating with institutions, organizations, social services, etc? () yes () no



Southwestern State University of Bahia
Department of Linguistic and Literary Studies
Postgraduate Program Letters: Culture Education and Languages
 Estrada do Bem-querer, Km 04. Caixa Postal 95. CEP 45083-900. Vitória da Conquista - BA



19. If you answered "yes" to question 18, how did this happen?

20. How did you come to know about work with Compassiva/LAR? (friends () internet () family () institution, which? _____ () another means, which _____

21. What's your opinion about the work done by LAR:

1. Legal assistance (good () regular () poor. Comment: _____

2. Portuguese course (good () regular () poor. Comment: _____

3. Support (good () regular () poor. Comment: _____

4. Work () good () regular (poor. Comment: the salaries is very ~~low~~
low

22. Would you say: "I am able to communicate my personal values and my own culture through":

(English (Portuguese. Comment But in English is better

23. Would you say: "Talking in English has helped me to communicate with Brazilians"? (yes () no
 Comment.

some of Brazilians were taking English

24. In which contexts does interaction in the English language occur? **You can mark more than one alternative.**



Southwestern State University of Bahia
Department of Linguistic and Literary Studies
Postgraduate Program Letters: Culture Education and Languages
 Estrada do Bem-querer, Km 04. Caixa Postal 95. CEP 45083-900. Vitória da Conquista - BA



() Portuguese class () children's school () work () other, which? _____

25. Does your Portuguese teacher speak English? () yes () no

26. Would you say: "Brazilians make an effort to speak English in order to make our communication easier." () yes () no

Comment. _____

27. Has it been difficult for you to learn Portuguese? () yes () no.

Comment. in the first 3 months were very difficult

28. How do you feel or have felt up against the difficulties in speaking Portuguese?

Yes, but after 6 months it had become better

29. Which was or has been the most challenging experience in this adaptation and accommodation process _____ in _____ Brazil?

the language and the work

30. If you could describe or report this process of accommodation in Brazil in one word, which would it be? the [Portuguese / languages]

31. Please, describe your process of arrival in Brazil. Which trajectories did you take to arrive here; if Brazil was your first option or if you would like to have gone to another country as a refugee, and which country would it be and why; if the Brazilian government has helped in any way, and how; if you have felt more "at home" in Brazil; if you plan to go back to Syria. These questions are merely a way of guiding your report, but feel free to write what you understand to be important _____ in _____ sharing.

the arrival was via airport But the first
difficult was the language, we try to speak



Southwestern State University of Bahia
 Department of Linguistic and Literary Studies
 Postgraduate Program Letters: Culture Education and Languages
 Estrada do Bem-querer, Km 04. Caixa Postal 95. CEP 45083-900. Vitória da Conquista - BA



English but not all Brazillian speak English.

Another way we faced a ~~health~~ health problem
 And in the Hospital there is non speak english
 except ~~of~~ some of Doctors.

And in government way there is difficult also.
 in applying on "RNE" and took a lot of times
 to get it

Now we are searching about a good job to
 continuaner ~~our~~ our life, also continue in
 the portugues to be better in the market

Thank you for listing to our opinions

Thank YOU for your precious cooperation!

ANEXO 4- Respostas de Youssef ao questionário discursivo



Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Departamento de Estudos Linguísticos e Literários
Programa de Pós-Graduação Letras: Cultura, Educação e Linguagens
 Estrada do Bem-querer, Km 04. Caixa Postal 95. CEP 45083-900. Vitória da Conquista - BA



Questionário aplicado aos sírios

Querido participante,

Agradeço por sua cooperação em preencher o questionário que é parte da pesquisa que estou realizando relacionada a cultura, identidade e aquisição de língua junto a comunidade síria que se encontra em condição de refúgio e que tem sido auxiliada pelo LAR neste processo de acomodação no Brasil. A privacidade e o anonimato dos participantes será garantida e os dados serão usados apenas para fim acadêmicos. Eu me comprometo em informar sobre os resultados da pesquisa e saliento a importância da sua participação para a realização deste estudo que não seria possível sem a sua ajuda. Obrigada pelo seu tempo valioso e por compartilhar suas experiências e opiniões acerca das questões colocadas.

Nome: SR7 - YOUSSEF

Idade: 53 Anos Gênero: masculino () Feminino () Outro ()

Escolaridade: Superior - Engenheiro Arquiteto.

Formação Profissional: _____

Cidade de Origem: Síria Damascu.

Data de chegada ao Brasil (informar ao menos mês e ano): 17.8.2016

Ocupação da Síria: Arquiteto.

Ocupação no Brasil: X

1. A viagem ao Brasil foi a sua primeira viagem para fora do seu país? () Sim () Não

2. Em caso negativa à pergunta 1, qual o país visitado e qual foi o motivo da viagem?

País Alemanha Motivo da viagem Tive um convite das suas empresas alemãs.

País Italia Motivo da viagem Turismo - Tive um convite da empresa

País Libano Motivo da viagem Turismo.



Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Departamento de Estudos Linguísticos e Literários
Programa de Pós-Graduação Letras: Cultura, Educação e Linguagens
 Estrada do Bem-querer, Km 04. Caixa Postal 95. CEP 45083-900. Vitória da Conquista - BA



3. Como você chegou ao Brasil? () sozinho () em grupo
4. Você fala outro idioma além do árabe? () sim () não
5. Em caso afirmativo à pergunta 4, Qual (is)?
 Língua inglesa.
6. Qual idioma você usou para se comunicar logo que chegou ao Brasil?
 Acho que eu usei inglês.
7. Você precisou ou precisa da ajuda de algum intérprete? () sim () não
8. Em caso afirmativo à pergunta 7, por quanto tempo a ajuda de um intérprete foi necessária?
 Comente.
 Agora não preciso de ajuda intérprete.
 *Precisou por um tempo.
9. Quando você chegou ao Brasil, os brasileiros se dispuseram a falar em outro idioma a fim de facilitar a comunicação? () sim () não Mais ou menos depende? (15)
10. Em caso afirmativo à pergunta 9, qual o idioma utilizado? Inglês.
11. Já frequentou outro curso de idiomas anterior ao que o LAR oferece? () sim () não
12. Em caso afirmativo à pergunta 11, Qual? _____
 onde? _____
13. Há quanto tempo você estuda português? Acho que sete meses.
14. Você utiliza ainda outra língua para se comunicar no Brasil? () sim () não
15. Em caso afirmativo à pergunta 14, Qual? Inglês - Árabe
16. Essa língua te ajudou ou tem ajudado no aprendizado do português? () sim () não
17. Em caso afirmativo à pergunta 16, de qual maneira?
 No dicionário para conhecer significação da palavra -
 Mesma coisa pra conhecer alguma frase.
 semelhança das línguas.
18. O Governo Brasileiro te ajudou, de alguma forma, no aprendizado da língua brasileira ou na comunicação com instituições, órgãos, serviços sociais, etc? () sim () não



Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Departamento de Estudos Linguísticos e Literários
Programa de Pós-Graduação Letras: Cultura, Educação e Linguagens
 Estrada do Bem-querer, Km 04. Caixa Postal 95. CEP 45083-900. Vitória da Conquista - BA



19. Em caso afirmativo à pergunta 18, de que modo isso se deu?

20. Como você soube do trabalho da Compassiva/LAR? () amigos () internet () família
 () instituição, qual? _____ () outro meio, qual X _____

21. Qual a sua opinião sobre o programa desenvolvido pelo LAR:

1. Assistência Jurídica () bom () regular () ruim comente: Espero que haja ajuda legal. Porque muitas coisas precisamos saber. Eu sugiro que eles tivessem uma mão amiga. Essa coisa muito importante

2. Curso de português () bom () regular () ruim comente: _____

3. Amparo () bom () regular () ruim comente: _____

Espero que o apoio seja maior e regular, e comunicado por meio de mensagem não oralmente.

4. Trabalho () bom () regular () ruim comente: Espero que o esforço

seja maior para o trabalho, O esforço é trabalhar com grandes empresas para fazer cursos conforme necessário. O programa é muito fraco.

22. Você diria: "Eu sou capaz de comunicar meus valores pessoais e minha própria cultura através" do: () inglês () português. Comente Agora prefiro falar apenas o idioma

português. Porque português é língua do Brasil

23. Você diria: "Falar inglês têm me ajudado a me comunicar com brasileiros"? () sim () não. Comente.

Para mim eu prefiro falar, comunicar só português.

24. Em quais contextos ocorrem as suas interações em inglês? Pode marcar mais de uma alternativa.

القائد



Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Departamento de Estudos Linguísticos e Literários
Programa de Pós-Graduação Letras: Cultura, Educação e Linguagens
 Estrada do Bem-querer, Km 04. Caixa Postal 95. CEP 45083-900. Vitória da Conquista - BA



() aulas de português () escola de filhos () trabalho () outro, qual? _____

25. Seu professor de português fala inglês? () sim () não

26. Você diria: "Os brasileiros se esforçam para falar inglês como forma de possibilitar a nossa comunicação." () sim () não

Comente. Acho que melhor para todo mundo falar português em
Brasil. Inglês é messecaria como um idioma adicional.

27. Tem sido difícil pra você aprender o português? () sim () não.

Comente. Não porque toda língua precisa fazer o curso.
outra coisa precisa estudar, memorizar novas palavras
além disso precisa aprender gramática em final precisa
praticar.

28. Como você se sente ou já se sentiu diante da dificuldade de se comunicar em português?

Quando eu cheguei ao Brasil esta coisa estava difícil
mas depois cerca de dois ou três meses tornou-se melhor pra
min. Agora eu sinto feliz.

29. Qual foi ou tem sido a experiência mais desafiadora neste processo de adaptação ou acomodação no Brasil?

No começo, foi a aprendizagem da linguagem mais desafiadora.
E atualmente procura trabalho para garantir renda.

30. Se você pudesse descrever ou relatar este processo de acomodação no Brasil em uma palavra, qual seria? Maravilhosa. Porque eu gostei do povo brasileiro.

31. Por favor, escreva sobre o seu processo de vinda e chegada ao Brasil. Quais caminhos percorreu para chegar aqui; se o Brasil era a sua primeira opção ou você queria ter ido para outro país como refugiado, qual país seria este e porque; se o governo brasileiro tem ajudado de alguma maneira, como; se você tem se sentido mais "em casa" no Brasil; se você planeja retornar para a Síria. Estas questões colocadas são apenas uma maneira de guiar seu relato, mas sinta-se à vontade para escrever o que entende ser importante partilhar.

Quando eu cheguei ao Brasil encontrei este país bonito e
enorme maravilhosa. Eu estava no Egito e obtive um
visto. O Brasil era a minha primeira opção.
O governo brasileiro ajudou minha passagem em geral.



Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Departamento de Estudos Linguísticos e Literários
Programa de Pós-Graduação Letras: Cultura, Educação e Linguagens
Estrada do Bem-querer, Km 04. Caixa Postal 95. CEP 45083-900. Vitória da Conquista - BA



O governo ajudou as decisões certas para receber os sírios.
E para obter documentos oficiais.
Esperamos acelerar a pressa de obtenção de uma residência
permanente.
Francamente quero completar minha vida no Brasil.
Adoro também o povo brasileiro. Ele é agradável e
maravilhoso. Eu não planejo retornar para a Síria.
Eu prefiro viver aqui em Brasil.
Em final quero dizer eu vim ao Brasil para trabalhar
e completar minha vida em Brasil.
E espero conseguir uma residência permanente
rapidamente.

Obrigado para o Povo brasileiro

Obrigada pela SUA preciosa colaboração!!!!

ANEXO 5 - Narrativas dos refugiados da Síria

QD2- QUESTÃO 31: Por favor, escreva sobre o seu processo de vinda e chegada ao Brasil. Quais caminhos percorreu para chegar aqui; se o Brasil era a sua primeira opção ou você queria ter ido para outro país como refugiado, qual país seria este e porque; se o governo brasileiro tem ajudado de alguma maneira, como; se você tem se sentido mais “em casa” no Brasil; se você planeja retornar para a Síria. Estas questões colocadas são apenas uma maneira de guiar seu relato, mas sinta-se à vontade para escrever o que entende ser importante partilhar.

SR1

Damasco é a cidade de jasmim e paz

Eu nasci nesta cidade e eu vivi em um campo de refugiados palestinos se chama Al-Yarmouk

campo , que é parte da cidade de Damasco.O campo estava pulsando na vida sempre..dia e noite..Nunca Dorme .. Moradores do campo estiveram desfrutando de segurança, paz e amor.

Mas depois a crise na Síria, e da guerra suja o que resultou dela .. As coisas mudaram no campo.

Esta guerra suja tem causado muitos dos horrores de moradores do campo ... Perdemos um monte de amigos e conhecidos, entre...” mártir se morta sem culpa própria , Ou em falta, seu destino desconhecido Ou vagabundo não sabe para onde ir ... “ Bairros e casas se destruídas...”

A maioria da população foi forçada a deixar o acampamento fugiram da morte

Fomos depois da nossa saída do campo para um bairro próximo, mas a guerra continuou, e não parou.

Depois de quatro anos de sofrimento desta crise, decidi procurar um refúgio seguro para a minha família ... Eu escolhi o Brasil, Talvez por causa do meu amor e incentivo para a seleção brasileira de futebo, que bateu a seleção italiana em 1970 e ganhou a Copa do Mundo,, ou talvez por causa da minha admiração pela cultura e os povos da América do Sul. Ou talvez o destino Escolheu-nos tão.

Fomos de Damasco para Beirute de carro, e depois de Beirute para Dubai. O avião nos levou de Dubai para São Paulo E chegamos ao Brasil na noite de 15 de abril de

2016 para iniciar nossa nova vida.

Nos primeiros 45 dias no Brasil, estávamos cansados e nós sofrimos tanto, então pensamos em voltar para Damasco várias vezes.

Mas, apesar do sofrimento que experimentamos naqueles dias, notamos as relações entre os brasileiros e sua bondade em suas relações, simplicidade, espontaneidade, amizade e amor ao lidar com nós e sem manifestações falsas. Mais importante ainda, apesar da multiplicidade de raças e religiões neste país, não vimos qualquer expressão racial entre as pessoas ... uma sociedade em que o racismo é negado ... todos gozam de liberdade pessoal e sem obstáculos e respeito pela liberdade dos outros. Todas essas coisas nos fizeram amar esse povo e este País.

SR2 ZAYN

Agora, eu quero falar que eu estou muito feliz no brasil e eu tenho muitos sonhos que eu gostaria de fazer aqui, e meu muito importante sonho é continuar doutorado em engenharia de comunicação.

SR3 Samir

Obtive um visto do Líbano para viajar para o Brasil. Há 3 anos, enviei uma universidade na Suécia para completar o estudo lá. Mas houve dificuldades nisso e depois decidi viajar para o Brasil. Agora eu trabalho como vendedor em uma loja de eletrônicos e isso ajuda a aprender o idioma, comunicando-se com os clientes e aprendendo gíria. Quero completar meu diploma de graduação mais tarde na Engenharia Agrícola, mas eu tenho que ajudar nela! O povo brasileiro é um povo de bom coração e não parece racista em relação a pessoas de fora. Não há idéia de voltar para a Síria. Pelo contrário, eu decido trazer minha família aqui.

SR4

Minha historia e longa , mas vou compartilhar o parte mais importante , o brasil foi o unico pais que me deu um visto para chegar normal , o que significado muito para mim , como sírio palestino quase impossivel a viajar para qualquer lugar Na verdade eu nao tinha pensado o Brasil antes e sabia nada sobre a cultura e tipo da vida , tentei viajar para Europa normal muitas vezes como a maioria das pessoas , mas nao deu certo por outro lado tinha que passar o mar ou pegar um caminho perigoso para sejar bem vindo , um dieto fora da humanidade .

Os informações foram claro para quem quer ir para o Brasil , que nao tem amparo especial para voce . voce vai ser igual com os brasileiros e tem que achar emprego e estudar a lingua ate você consegue um pouco de estabilidade . a gente so precisava uma oportuna e respito , e eu recebi isso e foi suficiente para mim viajar para ca . porque atraves disso pude manter minha dignidade E agora eu sinto em casa com todas as pessoas de bom coração , esse tipo de sentimento me encoraja para entrar a comunidade brasileira , lutar com todos os brasileiros para ganhar direitos sociais , igualdade , porque a mesma luta da gente , falta de direito , a gente ainda esta lutando para voltar a nossa terra na Palestina . Entao eu so tenho que agradecer tudo que eu recebi aqui

O carinho , acolhedor , a simplicidade E eu espero que vou conseguir fazer algo util aqui para retribuir um pouco

Abed

SR5 Kalil

Brasil era minha primeira opção

SR6 ALTAIR

The arrival was at the airport but the first difficulty was the language, we try to speak English but not all Brazilians speak English.

Another way we faced a health problem. And in the Hospital there is non-English speaking except some of the doctors.

Another way there is difficulty also in applying for "RNE" and took a lot of time to get it.

Now we are searching for a good job to continue our life, also continue in the Portuguese market to be better in the market.

Thank you for listening to our opinions

SR7-Youssef

O governo ajudou as decisões certas para receber os sírios.

E para obter documentos oficiais.

Esperamos acelerar o processo de obtenção de uma residência permanente.

Francamente quero completar minha vida no Brasil.

Adoro também o povo brasileiro. Ele é agradável e maravilhoso. Eu não planejo retornar para a Síria.

Eu prefiro viver aqui em Brasil.

Em final quero dizer eu vim do Brasil para trabalho e complementar minha vida em Brasil.

E espero conseguir uma residência permanente rapidamente.

SR8 Jamal

O Brasil não era uma primeira opção mas foi mais seguro especialmente eu queria viajar com minha família (minha esposa e dois filhos)

O governo do Brasil me deu os documentos que me ajuda à ser como Brasileiro mas não me deu bastante pelo custo de vida no Brasil exemplo: dinheiro para eu alugar uma casa dinheiro dá pra custo da vida

Obrigado

SR9 Aisha

Ø

SR10 Zara

Ø

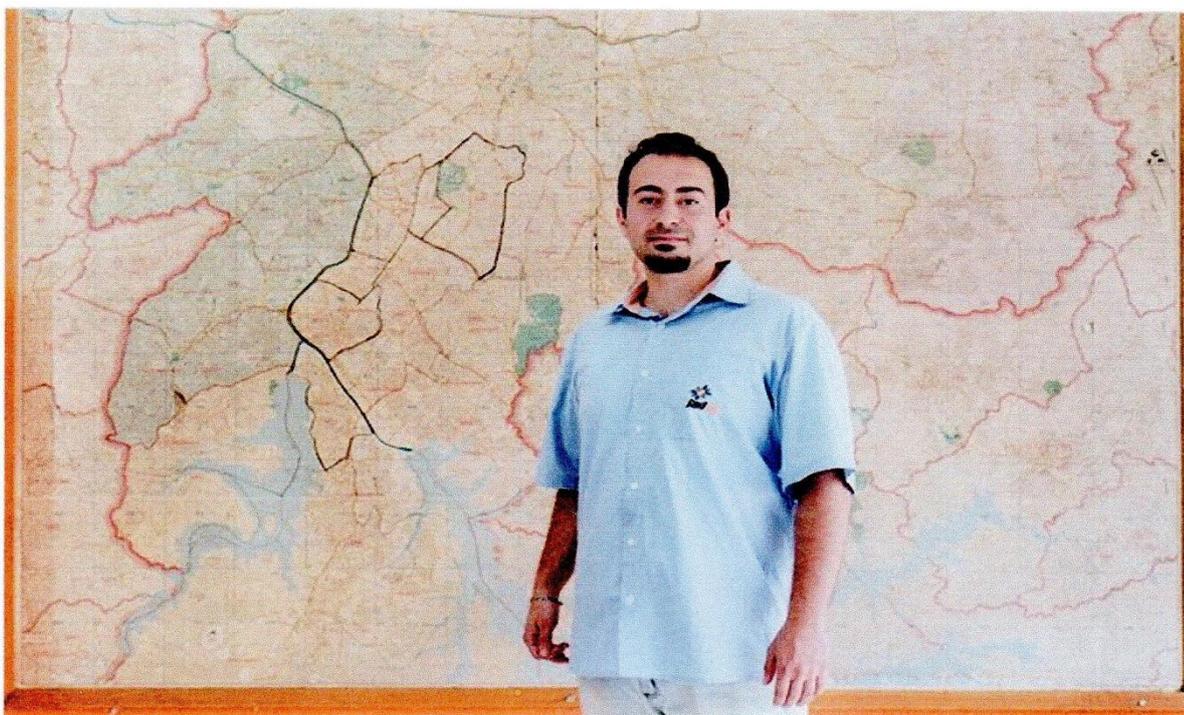
SR 11 Said

ANEXO 6- Matéria publicada no site da Acnur

/03/2018 Organização Compassiva ajuda refugiados a reconstruírem suas carreiras no Brasil: ACNUR: Agência da ONU para Refugiados

Organização Compassiva ajuda refugiados a reconstruírem suas carreiras no Brasil

Projeto desenvolvido em parceria com o ACNUR facilita que refugiados tenham seus diplomas revalidados no país, um processo complexo e custoso.



SÃO PAULO, 31 de janeiro de 2018 (ACNUR) - Toda manhã, Salim pega duas linhas de metrô e outras duas linhas de trem antes de entrar no ônibus que o levará para o trabalho. O refugiado sírio de 32 anos deixa a sua casa em São Caetano do Sul, que fica na região metropolitana de São Paulo, em torno das sete horas da manhã para garantir que chegue à tempo ao trabalho.

Ele começa o seu dia de trabalho junto com outros cinco funcionários, verificando se as encomendas de remédios e suplementos estão seguras para serem entregues aos locais de destino. Durante as tardes Salim normalmente revisa o processo de documentação e ajuda a equipe no que for preciso.

Salim e sua esposa, Salsabil - ambos farmacêuticos que viviam em Damasco, capital da Síria - chegaram a São Paulo há três anos com a sua filha mais velha, Jury, devido ao visto humanitário concedido pelo governo brasileiro aos refugiados sírios que buscam proteção internacional.

Os procedimentos simplificados para emissão de vistos nos consulados brasileiros do Oriente Médio permitiram que a família viajasse em segurança para o maior país da América Latina, onde eles puderem requisitar o status de refugiados.

Além de abandonar sua casa, familiares e amigos, eles pensaram que também teriam que deixar para trás suas carreiras. Isso porque seus diplomas precisariam ser traduzir e revalidados para só então ser inscrito no conselho regional de farmácia - um processo longo, complexo e caro.

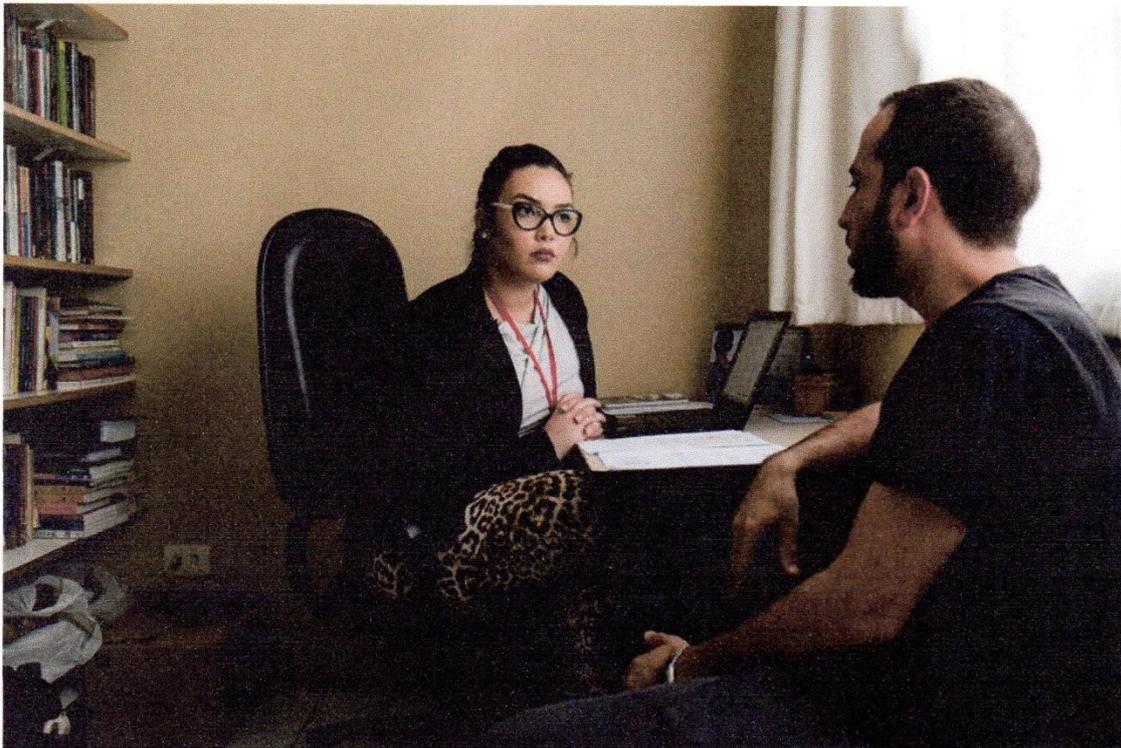
Por conta das dificuldades, Salim começou a trabalhar em uma loja de acessórios para o celular no centro da cidade, enquanto Salsabil vendia comida síria tradicional pelas ruas da cidade.

Entretanto, Salim não desistiu. Ele buscou informações em universidades públicas sobre a revalidação de diplomas, mas em cada uma encontrou informações diferentes sobre como proceder diante de seu pedido.

/03/2018 Organização Compassiva ajuda refugiados a reconstruírem suas carreiras no Brasil: ACNUR: Agência da ONU para Refugiados

Incansável, Salim pediu conselhos a um grupo de sírios que moram no Brasil em uma rede social. Uma pessoa então sugeriu que ele buscasse informações com a Compassiva, uma ONG parceira do ACNUR que tem projetos voltados para atender a população refugiada que queira revalidar seus diplomas.

O processo de revalidação pode ser longo e cansativo, mas o apoio dado pela Compassiva à Salim e Salsabil, inclusive com aulas de português para os ajudar no aprendizado do idioma que facilitaria suas futuras buscas por emprego, deu esperanças ao casal.



A organização Compassiva, parceira do ACNUR, possibilita que refugiados tenham acesso ao processo de revalidação de diplomas no Brasil, o que lhes garantirá a oportunidade de buscar empregos qualificados e dar continuidade aos seus estudos. Foto: ACNUR/Gabo Morales

“Não é apenas um pedaço de papel” diz André Leitão, presidente executivo da Compassiva. “Revalidar o diploma é o primeiro passo para que essas pessoas possam recuperar a sua dignidade, a sua identidade”.

A ONG já ajudou cerca de 60 refugiados a aplicar os formulários necessária, sendo que 20 já tiveram seus diplomas revalidados. Quando o programa começou, em 2016, 90% dos pedidos eram de sírios, em sua maioria engenheiros, médicos e dentistas. Atualmente, os sírios compõem cerca de 50%, dos refugiados atendidos, já que refugiados de outras nacionalidades também começaram a requisitar o serviço financiado pela Agência da ONU para Refugiados.

Algumas semanas após a entrada do pedido, a espera do casal terminou e seus diplomas foram revalidados. Na sequência, Salim e Salsabil estavam vendendo comida síria em um evento promovido pela Compassiva quando um executivo da empresa Jadlog perguntou à ONG se eles conheciam algum farmacêutico responsável. Para Salim, foi sorte estar lá naquele dia, mas seu atual chefe afirma que foi sua competência como farmacêutico que garantiu o seu emprego.

“Ele estudou por cinco anos para ser farmacêutico e, por causa do que aconteceu em sua país, ele teve que vir ao Brasil”, diz Genivan Borges, dono da franquia da JadLog onde Salim trabalha exercendo sua profissão de carreira.

“Se você fechar as portas (aos refugiados) e disser não, você pode perder uma grande oportunidade. Para mim, essa oportunidade foi encontrar o Salim. Ele é um profissional excelente”.

O trabalho de Salim é tão notório que a própria Jadlog está buscando para ele uma outra vaga, no período vespertino, em uma farmácia para que Salim também tenha essa experiência em seu currículo. Além disso, a empresa prevê oferecer a Salsabil a próxima vaga que abrir para uma farmacêutica.

/03/2018 Organização Compassiva ajuda refugiados a reconstruírem suas carreiras no Brasil: ACNUR: Agência da ONU para Refugiado
Enquanto a filha Jury, agora com seis anos, está na escola pela manhã, os outros dois filhos do casal nascidos no Brasil - Walid, de três anos, e Yasmin, de apenas oito meses - ainda estão em casa com sua mãe. Ela pretende aceitar a oferta da JadLog para trabalhar fora de casa quando todas as crianças estiverem na escola.

Neste momento, a família está feliz por residir em um país que não só os acolheu, mas que também possibilitou que reconstruíssem suas vidas com dignidade.

“Vários países têm paz. Eu poderia ter achado isso em outros lugares” diz Salim. “Mas eu não encontrei apenas paz aqui no Brasil. Eu encontrei um futuro”.

Por Jill Langlois, de São Paulo.

ANEXO 7- Parecer do CEP



FACULDADE INDEPENDENTE
DO NORDESTE - FAINOR



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: IMPLICAÇÕES LINGÜÍSTICO-CULTURAIS NA (RE)CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DE FALANTES DE INGLÊS COMO LÍNGUA “PONTE”: A SITUAÇÃO DOS REFUGIADOS SÍRIOS NO BRASIL

Pesquisador: VALERIA SCHETTINI FREIRE

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 69810217.7.0000.5578

Instituição Proponente: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.132.327

Apresentação do Projeto:

O Brasil já acolheu, aproximadamente 8,4 mil refugiados desde o ano de 2010, sendo 14 de origem síria, segundo dados da Comissão Nacional para Refugiados (CONARE). São pessoas em busca de proteção social, trabalho e abrigo. Para elas a língua falada no novo país constitui um dos maiores desafios e questão de sobrevivência. A Associação Compassiva, em São Paulo desenvolve iniciativas por meio do programa LAR (Levando Ajuda ao Refugiado) contando com cinco frentes de trabalho: regularização de documentos, busca de emprego, amparo, casa de acolhida e curso de português. O Inglês como Língua Franca assume papel relevante como língua ponte que acolhe os sírios num espaço fronteiriço e polifônico onde é possível a recriação de valores culturais, num processo de desconstrução de hierarquias já que não privilegia falantes ou culturas, abrindo caminho para o aprendizado de uma língua estrangeira, o português. Esta pesquisa tem como objetivo investigar a experiência, de refugiados sírios acolhidos pela Compassiva, buscando compreender como eles negociam significados e constroem suas identidades lingüístico-culturais, utilizando a língua inglesa como língua de acolhimento e instrumento de mediação.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Endereço: Av. São Luiz, nº 31 Núcleo de Pós-Graduação, Pesquisa Extensão 2º andar
Bairro: Balmo Candelas **CEP:** 45.055-080
UF: BA **Município:** VITORIA DA CONQUISTA
Telefone: (77)3161-1071 **E-mail:** cep@fainor.com.br



FACULDADE INDEPENDENTE
DO NORDESTE - FAINOR



Continuação do Parecer: 2.132.327

Investigar a experiência, em contexto de imersão, de refugiados sírios acolhidos em São Paulo pela Associação Compassiva, buscando compreender como eles negociam significados e constroem suas identidades linguístico-culturais, utilizando a língua inglesa como língua de acolhimento e instrumento de mediação para o aprendizado da língua portuguesa como língua estrangeira.

Objetivo Secundário:

- Levantar dados sobre a quantidade de sírios acolhidos pela Compassiva. • Identificar em quais condições ocorrem o processo de acomodação e adaptação através da Compassiva. • Observar de que maneira os acolhidos utilizam a língua inglesa para se comunicar com autoridades e pessoas da comunidade, ao longo do processo de adaptação à realidade brasileira.

- Identificar, com base nas experiências relatadas, os desafios e dificuldades encontrados por aprendizes e professores voluntários ao utilizar a língua inglesa como língua franca para intermediar a aprendizagem do português como língua estrangeira.

- Avaliar como o uso da língua inglesa, como língua franca pelos voluntários da Compassiva, pode contribuir como instrumento mediador no processo de construção das identidades linguístico-culturais de refugiados sírios, na comunidade brasileira.

- Contribuir para o crescimento de pesquisas na área de Linguística Aplicada – LA que discutem o uso de Inglês como língua franca global no contexto brasileiro, no sentido da busca de interlocuções com pesquisas realizadas em outros países.

- Apontar as lacunas relacionadas as políticas linguísticas adotadas pelo governo brasileiro a fim de viabilizar caminhos práticos para atendimento das demandas mais urgentes dos refugiados sírios ao chegarem ao Brasil.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

São coerentes com a resolução 466/12.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Sem comentários.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram devidamente apresentados.

Endereço: Av. São Luiz, nº 31 Núcleo de Pós-Graduação, Pesquisa Extensão 2º andar
 Bairro: Bairro Candéias CEP: 45.055-080
 UF: BA Município: VITÓRIA DA CONQUISTA
 Telefone: (77)3161-1071 E-mail: cep@fainor.com.br



FACULDADE INDEPENDENTE
DO NORDESTE - FAINOR



Continuação do Parecer: 2.132.327

Cronograma	CRONOGRAMA_de_pesquisa.pdf	07/05/2017 23:21:46	VALERIA SCHETTINI FREIRE	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto.pdf	07/05/2017 23:20:44	VALERIA SCHETTINI FREIRE	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

VITORIA DA CONQUISTA, 22 de Junho de 2017

Assinado por:

ANA PAULA DOS SANTOS LIMA
(Coordenador)

Ausência				
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_autorizacao_de_imagem_depoimentos.pdf	07/05/2017 23:42:19	VALERIA SCHETTINI FREIRE	Aceito
Outros	Coleta_de_dados_ao_iniciada.pdf	07/05/2017 23:36:59	VALERIA SCHETTINI FREIRE	Aceito
Outros	Autorizacao_para_coleta_de_dados.pdf	07/05/2017 23:32:04	VALERIA SCHETTINI FREIRE	Aceito
Orçamento	Orcamento_Valeria_Schettini_Freire.pdf	07/05/2017 23:29:06	VALERIA SCHETTINI FREIRE	Aceito
Projeto Detalhado /	Projeto_Completo_Valeria.pdf	07/05/2017	VALERIA	Aceito



FACULDADE INDEPENDENTE
DO NORDESTE - FAINOR



Continuação do Parecer: 2.132.327

Cronograma	CRONOGRAMA_de_pesquisa.pdf	07/05/2017 23:21:46	VALERIA SCHETTINI FREIRE	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto.pdf	07/05/2017 23:20:44	VALERIA SCHETTINI FREIRE	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

VITORIA DA CONQUISTA, 22 de Junho de 2017

Assinado por:

ANA PAULA DOS SANTOS LIMA
(Coordenador)

ANEXO 8- Termo de consentimento de uso do nome: Raquel



Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
 Autorizada pelo Decreto Estadual nº 7344 de 27.05.98
 Comitê de Ética em Pesquisa – CEP / UESB

TERMO DE CONSENTIMENTO

Tendo sido convidado (a) a participar da pesquisa Implicações Linguístico-culturais na (re) construção identitária de falantes de inglês como língua ponte: a situação dos refugiados sírios no Brasil, e assentindo, conforme termo anteriormente assinado, compreendendo a relevância em se revelar algumas identidades de pessoas associadas a funções específicas e autorizo a revelar a minha identidade, caso a pesquisadora entenda ser necessário às construções e análises realizadas no referido trabalho acadêmico e desdobramentos do mesmo.

Eu, Raquel Heckert César Bastos fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e posso modificar a decisão de participar se assim o desejar. Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento e me foi dada a oportunidade de ter acesso a essas informações e esclarecer as minhas dúvidas.

São Paulo, 08 de maio de 2018.

Assinatura do(a) participante

E-mail: raquelhcbas@gmail.com

Fone/WhatsApp: (31)975145363

Assinatura do(a) pesquisador(a) responsável

E-mail: vns.freire@gmail.com

Fone/WhatsApp: (77) 98806-1707

Assinatura do(a) pesquisador(a) colaborador

E-mail: plima49@gmail.com

Fone/WhatsApp: (77) 3424-8005

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: VALÉRIA SCHETTINI FREIRE
 FONE: (77) 98806-1707 / E-MAIL: vns.freire@gmail.com

CEP/UESB- COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
 RUA JOSÉ MOREIRA SOBRINHO, S/N - UESB
 JEQUÉ (BA) - CEP: 45206-190
 FONE: (73) 3528-9727 / E-MAIL: cepuesb.jq@gmail.com

ANEXO 9- Termo de consentimento de uso do nome: Fernanda



Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
 Autorizada pelo Decreto Estadual nº 7344 de 27.05.98
 Comitê de Ética em Pesquisa – CEP / UESB

TERMO DE CONSENTIMENTO

Tendo sido convidado (a) a participar da pesquisa Implicações Linguístico-culturais na (re) construção identitária de falantes de inglês como língua ponte: a situação dos refugiados sírios no Brasil, e assentindo, conforme termo anteriormente assinado, compreendendo a relevância em se revelar algumas identidades de pessoas associadas a funções específicas e autorizo a revelar a minha identidade, caso a pesquisadora entenda ser necessário às construções e análises realizadas no referido trabalho acadêmico e desdobramentos do mesmo.

Eu, FERNANDA MENDES DEBENARDIS fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e posso modificar a decisão de participar se assim o desejar. Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento e me foi dada a oportunidade de ter acesso a essas informações e esclarecer as minhas dúvidas.

São Paulo, 07 de maio de 2018.

Assinatura do(a) participante

E-mail: fernanda_benardis@usp.br

Fone/ WhatsApp: (11) 932693-5532

Assinatura do(a) pesquisador(a) responsável
 E-mail: vas.freire@gmail.com

Fone/ WhatsApp: (77) 98806-1707

Assinatura do(a) pesquisador(a) colaborador
 E-mail: dama99@gmail.com

Fone/ WhatsApp: (77) 3424-8695

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: VALÉRIA SCHETTINI FREIRE
 FONE: (77) 98806-1707/ E-MAIL: vas.freire@gmail.com

CEP/UESB- COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
 RUA JOSÉ MOREIRA SOBRINHO, S/N - UESB
 JEQUÉ (BA) - CEP: 45206-190
 FONE: (73) 3528-9727/ E-MAIL: cepuesb.jo@gmail.com

ANEXO 10- Termo de consentimento de uso do nome: André



Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
 Autorizada pelo Decreto Estadual nº 7344 de 27.05.98
 Comitê de Ética em Pesquisa – CEP / UESB

AUTORIZAÇÃO

Eu André Fabrin de Almeida Leitão, ocupante do cargo de Diretor Executivo da Compassiva, já tendo anteriormente autorizado a coleta e geração de dados da pesquisa Implicações Linguístico-culturais na (re) construção identitária de falantes de inglês como língua ponte: a situação dos refugiados sírios no Brasil, autorizo a exposição e explicitação das informações institucionais, inclusive do nome da ONG Compassiva e dos programas por ela desenvolvidos no referido trabalho acadêmico e desdobramentos do mesmo.

Declaro que fui informado dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas.

São Paulo 9 de maio de 2018.


 Assinatura do(a) participante

E-mail:

Fone/ WhatsApp:

Assinatura do(a) pesquisador(a) responsável
 E-mail: yms.freire@gmail.com
 Fone/ WhatsApp: (77) 98806-1707

Assinatura do(a) pesquisador(a) colaborador
 E-mail: dlima49@gmail.com
 Fone/ WhatsApp: (77) 3424-8695

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: VALÉRIA SCHETTINI FREIRE
 FONE: (77) 98806-1707/ E-MAIL: yms.freire@gmail.com

CEP/UESB- COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
 RUA JOSÉ MOREIRA SOBRINHO, S/N - UESB
 JEQUIÉ (BA) - CEP: 45206-190
 FONE: (73) 3528-9727 / E-MAIL: cepuesb.jq@gmail.com

21.549.461/0001-921
 ASSOCIAÇÃO COMPASSIVA
www.compassiva.org.br
 Rua da Glória, 603
 Liberdade - CEP 01510-000
 Fone: (11) 2537-3448
 SÃO PAULO - SP

ANEXO 11- Termo de autorização do uso do nome da instituição



Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
 Autorizada pelo Decreto Estadual nº 7344 de 27.05.98
 Comitê de Ética em Pesquisa – CEP / UESB

TERMO DE CONSENTIMENTO

Tendo sido convidado (a) a participar da pesquisa implicações Linguístico-culturais na (re) construção identitária de falantes de inglês como língua ponte: a situação dos refugiados sírios no Brasil, e assentindo, conforme termo anteriormente assinado, compreendendo a relevância em se revelar algumas identidades de pessoas associadas a funções específicas e autorizo a revelar a minha identidade, caso a pesquisadora entenda ser necessário às construções e análises realizadas no referido trabalho acadêmico e desdobramentos do mesmo.

Eu, André Leitão fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e posso modificar a decisão de participar se assim o desejar. Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento e me foi dada a oportunidade de ter acesso a essas informações e esclarecer as minhas dúvidas.

São Paulo 9 de maio de 2018.

Assinatura do(a) participante

E-mail:

Fone/ WhatsApp:

Assinatura do(a) pesquisador(a) responsável
 E-mail: yna.freire@gmail.com
 Fone/ WhatsApp: (77) 98806-1707

Assinatura do(a) pesquisador(a) colaborador
 E-mail: diana45@gmail.com
 Fone/ WhatsApp: (77) 3424-8695

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: VALÉRIA SCHETTINI FREIRE
 FONE: (77) 98806-1707 / E-MAIL: yna.freire@gmail.com

CEP/UESB- COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
 RUA JOSÉ MOREIRA SOBRINHO, S/N - UESB
 JEQUÉ (BA) - CEP: 45206-190
 FONE: (73) 3528-9727 / E-MAIL: cepuesb.jq@gmail.com

21.549.461/0001-98
 ASSOCIAÇÃO COMPASSIVA
 www.compassiva.org.br
 Rua da Glória, 330
 Liberdade - CEP 01510-000
 Fone: (11) 2537-5448
 SÃO PAULO - SP